



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Carolina Ribeiro Simões

**PROMOÇÃO DE COMPETÊNCIAS SOCIAIS E
EMOCIONAIS EM CONTEXTO DE
ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL:
O PROJETO “LEVA-ME ATÉ MIM E
DESCOBRE(TE)”**

**Relatório de Estágio no âmbito do Mestrado de Educação Social,
Desenvolvimento e Dinâmicas Locais para obtenção do grau de
Mestre em Educação Social, Desenvolvimento e Dinâmicas Locais,
orientado pela Professora Doutora Maria Filomena Ribeiro da
Fonseca Gaspar, apresentado à Faculdade de Psicologia e de
Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.**

Outubro de 2021

Agradecimentos

É chegado o momento que assinala o cessar de uma das etapas mais marcantes e também mais desejadas da minha vida. O culminar de cinco anos recheados de muitas concretizações, alegrias (muitas), momentos de alguma tensão, mas essencialmente de muitas aprendizagens e crescimento pessoal e profissional. Muitos foram os desafios que integraram este percurso de forma extremamente significativa. Para que estes fossem sempre superados, é crucial reconhecer e agradecer a quem esteve sempre na retaguarda desta longa, mas gratificante jornada.

Primeiramente, à Dra. Ana Luísa, pelo acompanhamento, preocupação e atenção ao longo destes meses de estágio, que mesmo depois de terminado, manteve-se sempre presente para dar resposta às minhas solicitações. Com uma atitude sempre profissional, mas igualmente empática, só lhe posso estar grata por tudo aquilo que me ensinou e sem dúvida, que o seu profissionalismo me inspirou e se tornou uma referência para mim. Foi um prazer aprender consigo e completar esta minha (ainda curta) caminhada com as experiências inesquecíveis que vivenciei durante todo o estágio.

Ao Ninho dos Pequenitos, às crianças e toda a equipa, pela amabilidade com que me acolheram e integraram. Levo-vos comigo não só na memória, mas também no coração!

À excecional e inesquecível, Professora Doutora Maria Filomena Ribeiro Gaspar, a professora que é impossível esquecer, pelo seu sorriso contagiante, pelas palavras reconfortantes nos momentos certos, que inevitavelmente transmitem uma segurança avassaladora, pela imensa preocupação com cada um dos seus alunos, pela calma, tranquilidade e alegria que irradia, mas sobretudo, pelo amor que coloca em tudo aquilo que faz e por tudo aquilo que nos ensinou e transmitiu. Só posso agradecer a sua dedicação ao longo destes anos e em especial neste último. Fica uma enorme admiração e consideração pela pessoa que é.

À Dra. Joana Relvão, pela sua disponibilidade e acompanhamento ao longo deste ano. Foi um prazer conhecê-la e também aprender consigo.

A quem possibilitou que chegasse até aqui: os meus pais. O pilar basilar de todo este percurso. Um agradecimento especial por tudo o que são e por tudo o que me

proporcionam, estando certa de que não existem palavras suficientes que expressem o amor e agradecimento que vos tenho.

Ao João, aquele que é mais do que um namorado. Caminhou de mão dada comigo durante estes cinco anos. Encoraja-me a abraçar novos desafios e oportunidades, motiva-me nos momentos de maior tensão, celebra comigo todas as conquistas.

À minha família incrível que me apoia incondicionalmente: os meus avós queridos, à minha madrinha e ao meu padrinho que continuam a assumir o seu papel de forma exímia, aos meus tios e tias, às minhas irmãs do coração, a Raquel e a Margarida, ao meu afilhado e à minha Joaquina que serão sempre parte integrante de mim. Aos pais do João, aos meus cunhados e sobrinhos, a família que escolhi com o coração e que está sempre presente.

Aos meus amigos que são a segunda família: A minha melhor amiga de infância que perdura até aos dias de hoje, à Cátia, à Filipa, à Maria, às minhas Sofias, ao Sequeira, ao Cancela e ao Alex, por serem um suporte fundamental não só ao longo de toda a minha vida, mas sobretudo em vários momentos desta fase, em que marcaram sempre presença.

À família que a faculdade me deu para a vida: A minha madrinha de curso, que sempre me apoiou em tudo ao longo destes anos, as minhas gémeas queridas e claro a minha eterna companheira e favorita Alentejana. Vocês tornaram isto ainda mais inesquecível, sou grata em vos ter!

À minha Almatec, que sem dúvida, não podia faltar aqui. A minha segunda casa, o refúgio onde parte deste relatório se concretizou, por me transmitir a paz e energia que tanto necessitava. Mais do que um local de trabalho, é a família, o lugar onde cresci e aprendi. Eternamente grata pela paciência, compreensão e apoio nesta fase tão importante da minha vida.

Por fim, mas não menos importantes, a todos os restantes que, embora não estejam diretamente ligados a este percurso, marcam a minha vida.

Um Bem-Haja a todos/as, sou grata em vos ter!

Resumo

Todas as crianças têm o direito a ter assegurado o seu bem-estar e desenvolvimento integral. Sempre que isto não acontece, ou seja, sempre que se verifica a exposição a fatores de risco que comprometam essa segurança, é nessa condição que falamos de Crianças em situação de Risco. A gestão e/ou atenuação dos fatores de risco sem que se encontrem presentes agentes protetores, pode motivar um contexto de perigo. Perante essa situação de perigo é impreterível ativar uma medida de promoção e proteção que intervenha em conformidade com o exposto. Sendo o acolhimento institucional a medida de promoção e proteção abordada ao longo de todo o trabalho e refletindo sobre os múltiplos desafios que enfrenta no que concerne ao ajustamento das práticas institucionais e à necessidade premente de encontrar soluções que respondam às necessidades e carências das crianças acolhidas bem como, dos respetivos profissionais e entidades articuladas que, de forma coesa se envolvem com a rede de proteção social, garantindo e preservando sempre os direitos dos menores. Nesse sentido, o presente relatório, intitulado “Promoção de Competências Sociais e Emocionais em Contexto de Acolhimento Institucional: O Projeto Leva-me até mim e Descobre(te)”, reflete as atividades desenvolvidas, no âmbito do estágio curricular do Mestrado em Educação Social, Desenvolvimento e Dinâmicas Locais da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, no Ninho dos Pequenitos da Associação Sorriso. No Ninho dos Pequenitos, as atividades do projeto de estágio assumiram como objetivo primordial a promoção de competências sociais e emocionais nas crianças focando essencialmente, a importância da regulação emocional, do desenvolvimento de uma autoestima saudável e da comunicação positiva como ferramenta essencial para a resolução de conflitos, tendo em consideração o contexto, a história e vulnerabilidade de cada uma das crianças acolhidas. Assim, encontramos neste relatório, a planificação, implementação e avaliação das diversas atividades realizadas no âmbito do projeto de estágio bem como, a colaboração e integração noutros projetos e dinâmicas da instituição.

Palavras-chave: Acolhimento Institucional; Crianças em Risco; Competências Sociais e Emocionais; Desenvolvimento Integral e Necessidades.

Abstract

Every child has the right to have assured her well being and her complete development. Whenever this doesn't happen, that is, when children are exposed to risk factors that compromise that safety, it's when we talk about Children in a risk situation. The management and/or mitigation of risk factors without the presence of protective agents can motivate a context of danger. In the presence of this situation of danger, it is urgent to activate a measure of promotion and protection that intervenes according to the exposed situation. Institutional care is the measure of protection and promotion addressed along this work, leading to the reflexion over the multiple challenges that this measure faces, as far as it concerns the adjustment of institutional practices and the needs and lacks of fostered children, as well as the respective professionals and institutions, that in a cohesive way engage with the social safety net, always assuring and preserving the children's rights. In this sense, the present report intitled "Promotion of Emotional and Social Skills in the Context of Institutional Care: The Project Take me to You and Discover (yourself)" reflects the activities that have been developed along the curricular internship of the Master's Degree in Social Education Development and Local Dynamics from the Faculty of Psychology and Education Sciences of University of Coimbra, which took place at Nest of the Little Ones from the Smile Association. In the Nest of the Little Ones, the activities of the curricular internship had, as main goal, the promotion of social and emotional skills in children, focusing mainly on the importance of emotional regulation, of a healthy self confidence and on positive communication as an essential tool for the resolution of conflicts, taking into account the context, the history and vulnerability of every fostered child. So, in this report, we will find the planning, the implementation and the evaluation of the different activities carried out under the project of the curricular internship, as well as the collaboration and integration in other projects and dynamics of the institution

Key words: Institutional Care; Children at Risk; Social and Emotional Skills; Integral Development and Need

Índice

Introdução.....	11
PARTE I. Enquadramento Teórico e Institucional.....	13
Capítulo I. Fundamentação Teórica.....	14
1. A Evolução do Conceito de Criança.....	14
2. Maus-Tratos.....	17
3. Fatores de Risco.....	19
4. Sistema de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens.....	20
4.1 Medidas de Promoção e Proteção em Portugal.....	20
4.2 Acolhimento Institucional.....	21
5. O papel da educação social na promoção e desenvolvimento de competências sociais e emocionais nas crianças institucionalizadas.....	26
5.1 Promoção das competências sociais e emocionais.....	26
5.2. O educador social em contexto institucional.....	30
Capítulo II. Enquadramento Institucional.....	32
1. Casa de Acolhimento Temporário: Ninho dos Pequenos.....	32
2. Caracterização da população.....	35
3. O processo: do acolhimento à definição do projeto de vida.....	38
PARTE II: Atividades de Estágio.....	48
Capítulo III: O projeto de estágio “Leva-me até mim e Descobre(te).....	49
1. Diagnóstico.....	49
1.1 Análise de Necessidades.....	49
2. Planificação.....	52
2.1 Objetivos.....	52
2.2 Metodologia.....	53
2.2.1 Participantes.....	53
2.2.2 Instrumentos.....	54
2.3 Calendarização.....	55
2.4 Recursos.....	55
2.4.1 Recursos humanos.....	55
2.4.2 Recursos físicos.....	55
2.4.3 Recursos financeiros.....	56
3. Implementação.....	56
4. Avaliação.....	63

4.1 Estratégia Avaliativa.....	63
4.2 Resultados Processuais	64
Capítulo IV: Outras dinâmicas desenvolvidas e participação noutras atividades	65
1. Atividades de Estágio	65
1.1 Atividades Temáticas Desenvolvidas	65
1.1.1 As cores do outono	66
1.1.2 Viva o <i>Halloween</i> , viva a Festa!.....	66
1.1.3 Come as castanhas, mas guarda as cascas!	67
1.1.4 Vamos Cantar: Pinheiro de Natal	67
1.1.5 Presépio de Natal	68
1.1.6 Árvore de Natal Angelical.....	68
1.1.7 Dramatização “Surpresa de Natal”	69
1.1.8 Feliz Natal, é o que deseja o nosso postal!.....	70
1.1.9 Ping Ping Ping... O inverno chegou!	70
1.1.10. Máscara de Carnaval “O Sol Mexicano”	70
1.1.11. Como é que o <i>Big Bang</i> aconteceu?.....	71
1.1.12. Vamos aprender a contar no Circo?	71
1.1.13. Postal do dia do Pai: Gosto de ti desde aqui até à Lua	72
1.1.14. A Páscoa chega e os docinhos também!	72
1.1.15. Vamos fazer o nosso Laço Azul: Qual é o teu herói?	73
1.1.16. Vem aí a Primavera!	73
1.1.17. Postal do dia da Mãe: A minha Estrela Especial.....	73
1.1.18. Vamos conhecer os planetas?	74
1.1.19. O nosso mural: Os Pandas e a Floresta.....	74
2. Outras Atividades	75
2.1 Acompanhamento das Rotinas	75
2.2 Atividades de Estimulação	76
2.3 Atividades no âmbito das adaptações face à pandemia Covid-19.....	78
2.3.1 Creche e Pré-escolar à Distância	78
2.3.2 Contactos Familiares por Videochamada.....	79
2.4. Formação: Intervenção pedagógica com crianças e jovens com necessidades educativas específicas.....	79
2.5. Reuniões de Equipa	81
2.6. Debates Judiciais	81
2.7. Serviços Externos	82

Considerações Finais.....	83
Referências Bibliográficas	86
Anexos.....	90

Índice de Tabelas

Tabela 1. Número de crianças de acolhidas por idade e género.....	35
Tabela 2. Dinâmica de acolhimento de crianças no Ninho dos Pequenitos durante o estágio	37
Tabela 3. Crianças a frequentar os estabelecimentos educativos	37
Tabela 4. Cronograma das atividades de estágio.....	51
Tabela 5. Identificação das crianças envolvidas no projeto	54
Tabela 6. Análise SWOT	85

Índice de Gráficos

Gráfico 1. Motivos Principais do Acolhimento.....	36
Gráfico 2. Crianças em consultas de especialidade	38

Índice de Esquemas

Esquema 1. Áreas de avaliação do desenvolvimento. Adaptado do instrumento "Shedule of Growing Skills II"	42
Esquema 2. Projetos de vida alternativos à institucionalização (Adaptado do Projeto Educativo, s.d.)	45

Índice de Anexos

Anexo I. Teste de Avaliação do Desenvolvimento “Schedule of Growing Skills”	90
Anexo II. Jogo das Emoções	94
Anexo III. Livro para aprender a ler as emoções.....	95
Anexo IV. Certificado de Qualificações da formação modular	96

Índice de Apêndices

Apêndice I. Dá cor às tuas emoções (planificação)	97
Apêndice II. Dá cor às tuas emoções (Fotografias)	98
Apêndice III. A caixa das maravilhas (Planificação).....	99
Apêndice IV. A caixa das maravilhas (Fotografias).....	100
Apêndice V. Hoje sou eu o/a chefe (Planificação)	101
Apêndice VI. Hoje sou eu o/a chefe (Fotografias)	102
Apêndice VII. Sensações & Emoções: O sistema solar (Planificação)	103
Apêndice VIII. Sensação & Emoções: O sistema solar (Fotografia)	104

Apêndice IX. Questionário sobre a Satisfação e Avaliação do Projeto	105
Apêndice X. Repostas/Resultados do Questionário sobre a Satisfação e Qualidade do Projeto	108
Apêndice XI. Atividade do Outono	109
Apêndice XII. Atividades de Halloween	110
Apêndice XIII. Atividades de S. Martinho (Planificação)	112
Apêndice XIV. Atividades de S. Martinho (Fotografias)	113
Apêndice XV. Canção de Natal.....	114
Apêndice XVI. Atividade do Presépio de Natal.....	115
Apêndice XVII. Atividade da Árvore de Natal Angelical	116
Apêndice XVIII. Elaboração das decorações de Natal da Casa	117
Apêndice XIX. Planificação da Dramatização "Surpresa de Natal"	118
Apêndice XX. Dia de Festa de Natal	119
Apêndice XXI. Postal de Natal.....	120
Apêndice XXII. Atividade do Inverno.....	121
Apêndice XXIII. Atividade de Carnaval.....	122
Apêndice XXIV. Atividade "O Big Bang" (Planificação)	123
Apêndice XXV. Atividade "O Big Bang" (Fotografias)	124
Apêndice XXVI. Atividade de Aprender a Contar (Planificação)	125
Apêndice XXVII. Atividade de Aprender a Contar (Fotografias)	126
Apêndice XXVIII. Postal do dia do Pai	127
Apêndice XXIX. Atividades da Páscoa	128
Apêndice XXX. Atividade para a Campanha do Laço Azul.....	129
Apêndice XXXI. Atividade da Primavera.....	130
Apêndice XXXII. Postal do dia da Mãe.....	131
Apêndice XXXIII. Atividade do Sistema Solar (Planificação)	132
Apêndice XXXIV. Atividade do Sistema Solar (PowerPoint).....	133
Apêndice XXXV. Atividade do Sistema Solar (Fotografias)	138
Apêndice XXXVI. O Mural: Panda e a Floresta	139
Apêndice XXXVII. Algumas atividades de estimulação.....	140

Abreviaturas

CNPDPJ – Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

EMAT – Equipa Multidisciplinar de Assessoria a Tribunais

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

LPCJP – Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Portugal

ONU – Organização das Nações Unidas

DUHD – Declaração Universal dos Direitos Humanos

CDC – Convenção sobre os Direitos da Criança

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

ECMIJ – Competência em Matéria de Infância e Juventude

PIC – Processo Individual da Criança

NP – Ninho dos Pequenos

SGS II - Schedule of Growing Skills II

SNIP – Sistema Nacional de Intervenção Precoce

Introdução

O presente relatório surge no âmbito do estágio curricular desenvolvido no último ano do Mestrado em Educação Social, Desenvolvimento e Dinâmicas Locais, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, sob orientação da Professora Doutora Maria Filomena Ribeiro da Fonseca Gaspar.

A decisão relativamente ao local de estágio foi tomada ao longo do primeiro ano de Mestrado e com base em várias pesquisas realizadas. De todas essas pesquisas culminaram a decisão de querer integrar o Ninho dos Pequenitos para realização do estágio. O passo seguinte foi estabelecer contacto com a instituição a fim de perceber se esta estaria receptiva à concretização do estágio na mesma. A resposta foi positiva e aquela que inicialmente foi a única opção, revelou vir a ser aprovada por parte da pessoa que viria a ser a orientadora local, a Dra. Ana Luísa Dinis, educadora social no Ninho. Face a isto, a intervenção teve início em outubro de 2020 e fim em junho de 2021.

O mestrado supramencionado tem como principais objetivos possibilitar aos estudantes uma formação especializada na área da Educação Social, que os torne competentes para intervir em contextos socioeducativos, bem como, coordenar, gerir, planificar, executar e avaliar projetos e instituições com crianças, jovens e famílias que se encontram em circunstâncias de vulnerabilidade, marginalidade e exclusão social (Universidade de Coimbra, 2021).

Desta forma, o estágio realizado coloca em prática os conhecimentos e competências adquiridos e desenvolvidos no decorrer do percurso académico, constituindo-se assim como uma mais valia para a conclusão do mesmo.

O acolhimento de crianças em situações de risco tem sido um tema cada vez de maior relevância, dado que os primeiros vínculos e as primeiras experiências que ocorrem na infância são fulcrais para o desenvolvimento de cada pessoa.

A ausência do vínculo parental influencia diretamente as crianças, tornando-as mais vulneráveis. É neste sentido que as casas de acolhimento têm um papel fundamental na medida que as acolhem, proporcionando os cuidados básicos e um desenvolvimento integral e harmonioso de cada uma.

Ao realizar o estágio numa casa de acolhimento temporário, neste caso, no Ninho dos Pequenitos, pretendeu-se conhecer e compreender a rotina da mesma, de forma a

intervir e contribuir para o desenvolvimento social e afetivo das crianças que dela fazem parte, preservando sempre os valores que a norteiam.

Neste sentido, elaborou-se, implementou-se e avaliou-se o Projeto “Leva-me até mim e Descobre(te)”, no âmbito da promoção de competências sociais e emocionais, em contexto de acolhimento institucional. Neste sentido, para avaliar o seu impacto foi realizado um questionário à educadora social do Ninho dos Pequenitos que orientou o presente estágio.

Relativamente à estrutura deste relatório, importa referir a sua divisão, sendo que, apresenta quatro capítulos. O Capítulo 1 integra a fundamentação teórica dos temas cruciais para o projeto de intervenção. O Capítulo 2 descreve a instituição onde decorreu o estágio; o processo efetuado, desde o acolhimento à definição do projeto de vida; as necessidades do centro de acolhimento e a apresentação do projeto de intervenção. O Capítulo 3 retrata o projeto de intervenção “Leva-me até mim e Descobre(te)” a sua conceção, desenvolvimento e avaliação do mesmo. Por fim, o Capítulo 4 descreve a realização de outras atividades e a participação noutros projetos, entre eles, a formação realizada - Intervenção pedagógica com crianças e jovens com necessidades educativas específicas, os debates judiciais, os serviços externos e outras atividades inerentes à dinâmica da instituição tais como o acompanhamento das visitas de familiares e das sessões de terapia da fala, a elaboração de avaliações de desenvolvimento através da escala *Schedule of Growing Skills II*, a participação em reuniões com as creches, infantários, Segurança Social e outras entidades, a realização de atividades de estimulação para bebés bem como, para as restantes crianças.

PARTE I. Enquadramento Teórico e Institucional

Capítulo I. Fundamentação Teórica

1. A Evolução do Conceito de Criança

Segundo Ariès (2006), desde o início do XII até ao fim do século XVI, que a infância era vista como uma fase que antecedia a fase adulta, pelo que, as crianças eram encaradas como adultos em miniatura, sendo assim muito pouco valorizadas e não lhe sem o reconhecimento de quaisquer direitos específicos. Não existia uma ideia clara e desenvolvida sobre o conceito de infância.

Postman (1999) vem reforçar a ideia anterior, considerando a infância como uma invenção da modernidade na medida em que da mesma forma como surgiu ou foi concebida, pode também estar prestes a desvanecer. Esse sentimento relativamente a infância foi alvo de várias distinções históricas, políticas, culturais e sociais que surgiram na modernidade e perpetuaram no nosso imaginário até os dias de hoje, influenciando assim as diferentes concepções de infância. É o que nos revela também a etimologia da palavra infância.

Analisando etimologicamente a palavra verificamos que: “Da partícula negativa latina *in*, “não”, usada como prefixo, e *fans, fantis*, particípio presente de *fari*, “falar, ter a faculdade da fala”, forma-se o adjetivo latino *infans, infantis*, “que não fala, que tem pouca idade, que é ainda criança”. O adjetivo *infantil*, “que diz respeito às crianças, infantil”, e o substantivo *infantia*, “incapacidade de falar, dificuldade em se exprimir, meninice, infâncial”, são derivados latinos de *infans, infantis*” (Dicionário Escolar Latino-Português, 1962).

Essa condição associada à infância conferia à criança um estatuto de incapacidade face a diversos aspetos. O problema acerca da história da infância, resulta assim de uma dualidade de posições, assumidas, por um lado, na perspectiva que se baseia que a infância é algo que foi historicamente desenvolvido, e a segunda que defende que a infância é um estágio intrínseco da condição humana. A primeira posição é atribuída a pensadores como Narodowski (1998) e a segunda a pensadores como Jean-Jacques Rousseau.

Desta forma, a partir do século XVIII, com a evolução da ciência e com o surgimento de várias transições económicas e sociais, considerou-se que a criança não poderia continuar a ser reconhecida como um adulto. Importa referir que este foi um processo gradual e lento. Desde então, foram vários os autores que cooperaram para a

evolução do conceito. Segundo Carvalho (2003), “A aparição da infância ocorreu em torno do século XIII e XIV, mas os sinais de sua evolução tornaram-se claras e evidentes, no continente europeu, entre os séculos XVI e XVII no momento em que a estrutura social vigente (Mercantilismo) provocou uma alteração nos sentimentos e nas relações frente à infância”. Quando se aborda a questão da construção do conceito e de toda a sua evolução, refere-se ao início do estatuto social que surgiu entre os séculos XVII e XVIII.

Para Rousseau (1973), a infância não é um lugar de transição imediata para outras fases do desenvolvimento. É um estágio de aquisições específicas e cruciais para um crescimento harmonioso, que não devem ser desvalorizadas. Segundo o mesmo, é necessário reconhecer a ordem e o lugar de cada fase, sendo por isso, fundamental que a infância seja vivida na infância e que isso seja respeitado como condição.

O filósofo propõe um modelo de educação ajustado para a infância respeitando a natureza de cada criança. É através do estudo da história da infância que se pode verificar o sentimento de infância, muito embora sem se conseguir datar e localizar a sua origem com precisão Rousseau (1973).

Na obra “Emílio”, o autor apresenta uma reflexão e elabora uma concepção romântica acerca do desenvolvimento da criança, destacando a infância. A obra baseia-se num ensaio pedagógico, onde a criança é encarada como um indivíduo autónomo e criativo que procura na educação instrumentos para se desenvolver. Desta forma, os pilares essenciais que sustentam o ensaio são: o desenvolvimento das potencialidades naturais da criança e seu afastamento dos malefícios sociais. Rousseau (1973), defende ainda a importância de a criança ser educada em ambiente de liberdade, potenciando todas as suas descobertas, explorando o meio que a envolve através dos seus sentidos e desfrutando de cada fase de forma plena e harmoniosa.

Uma nova mudança surge entre os séculos XVII e XVIII com o surgimento de uma nova percepção da relação adulto-criança, essencialmente no que concerne à saúde e bem-estar. Os assuntos inerentes a esse tema começaram a fazer parte das rotinas e preocupações dos indivíduos, promovendo assim mudanças consideráveis na sociedade.

A partir da análise de Sarmiento (2002), a criança tem uma produção simbólica diferenciada, em que o mundo adulto constitui a fonte de sua experiência social e o material de suas formas de expressão. Para o autor, mesmo sendo um sujeito ativo no processo de socialização, a criança tem uma peculiaridade, advinda do seu lugar no mundo social. “Nas interações com os adultos, mediadas por produtos culturais a ela

dirigidos, a criança recebe, significa, introjeta e reproduz valores e normas tidos como expressões da verdade” (Sarmiento, 2002, p. 21).

Os estatutos de criança começaram a surgir entre os séculos XIX e XX, sendo que, por esses estatutos se compreende o conjunto de regras que implicam os objetivos bem como, os direitos para o desenvolvimento harmonioso da criança.

Desta forma, a 10 de dezembro de 1948 é apresentada pela Organização das Nações Unidas (ONU), a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). Este é um documento internacional que veicula os direitos do ser humano nos vários contextos socioeconómicos, culturais e políticos. No entanto, revelou-se fundamental elaborar um conjunto de direitos ajustados à criança e que fossem específicos à sua condição e necessidades, de modo a promover a sua proteção.

A 20 de novembro de 1959, a ONU homologou a “Declaração Universal dos Direitos da Criança”, que defende os direitos da criança baseando-se em princípios como: a igualdade, o acesso à escolaridade gratuita e a alimentação. Assim, a criança passou a ter a importância e o reconhecimento que lhe é devido.

Após precisamente 30 anos, a 20 de novembro de 1989 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, nasce a Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC), que mais tarde, em setembro de 1990 foi ratificada por Portugal (United Nations International Children’s Emergency Fund (UNICEF, 2019).

Essa convenção contempla 54 artigos que se baseiam em quatro pilares fundamentais: a **não discriminação**, assegurando que nenhuma criança é colocada à margem dos direitos que lhe são inerentes independentemente da sua condição ou situação; o **direito à vida e à sobrevivência**, garantindo que são proporcionadas e asseguradas todas as condições necessárias ao desenvolvimento integral da criança; o **respeito ponto de vista da criança**, na medida em que devem ser escutadas e tomadas em consideração as opiniões tendo sempre em consideração a sua idade e maturidade; e por fim, **manter como prioridade o interesse superior da criança**, e por isso todas as decisões que sejam tomadas e que a influenciem direta ou indiretamente devem ser sempre ponderadas salvaguardando o interesse e necessidades da mesma (UNICEF, 2019).

Para além destes quatro princípios básicos, existem ainda outros que não sendo menos importantes, foram acrescentados posteriormente. São esses: o direito à atribuição de um nome de uma nacionalidade, o direito a não serem separados dos pais exceto em

situações alegadamente justificáveis e ainda o respeito pela cultura e religião (UNICEF, 2019).

2. Maus-Tratos

Teresa Magalhães (2002) define maus tratos como “qualquer forma de tratamento físico e/ou emocional, não acidental e inadequado, resultante de disfunções e/ou carências nas relações entre crianças e jovens e pessoas mais velhas, num contexto de uma relação de responsabilidade, confiança e/ou poder. Podem manifestar-se por comportamentos ativos (físicos, emocionais ou sexuais) ou passivos (omissão ou negligência nos cuidados e/ou afetos)”.

Deste modo, percebemos que os maus tratos a crianças e jovens são atos que colocam em perigo e afetam o bem-estar destes. É importante por isso, perceber os contextos em que estes ocorrem, seja familiar, social e/ou institucional. Segundo a autora, os tipos de maus tratos mais frequentes são: negligência, maus tratos físicos, abuso sexual e emocional (Magalhães, 2002).

Na mesma linha de pensamento referimos também a perspetiva de Isabel Alberto (2010), que considera a existência de uma grande divergência quanto à definição de maltrato infantil, pois acredita que esta depende e varia dos diferentes padrões socioculturais. Para a autora, clarificar maltrato implica associar o conceito de violência, sendo que é toda a ação ou ausência dela que coloque em perigo iminente a criança e em causa o seu crescimento.

Fazendo agora um breve enquadramento histórico e tendo por base o que já foi abordado no tópico anterior, segundo Isabel Alberto (2010), a violência contra a criança nem sempre foi encarada como isso. Ou seja, tal como já vimos anteriormente, a criança ao longo de alguns séculos não possuía direitos inerentes à sua condição, e o mesmo, acontecia com os atos de violência, que não eram valorizados como tal e por isso mesmo não tinham qualquer tipo de repercussão para o agressor.

Começamos por analisar os tipos de maus tratos mais frequentes para Teresa Magalhães (2002). No que se refere à negligência, esta constitui-se como sendo a ausência regular na prestação de cuidados. Este tipo de mau trato é evidenciado quando existe falta de cuidados com a alimentação, higiene, vestuário, saúde, educação e afeto. A negligência pode ser considerada voluntária, sempre que existe intencionalidade em

provocar essa situação ou então, pode também ser involuntária e quando assim acontece, muitas vezes, está associado a questões como a ausência de competências parentais (Magalhães, 2002).

Na perspectiva de Isabel Alberto (2010), a negligência acontece quando a criança é considerada invisível e todas as suas necessidades também. A autora refere ainda uma analogia com as famílias em situação socioeconómica desfavorecida e as famílias em situação socioeconómica favorável, sendo que, na primeira pode existir uma carência de cuidados e bens e na segunda pode beneficiar de todos esses bens e cuidados, mas faltar a atenção.

Relativamente aos maus tratos físicos, estes consistem em atos violentos de carácter voluntário e não acidental, que ocorrem de forma esporádica ou contínua, com a intenção de provocar dano na criança e/ou jovem. Esses danos são lesões físicas que a médio e longo prazo se podem constituir também como problemas de foro psicológico (Magalhães, 2002).

Este tipo de abuso ocorre, maioritariamente, em ambiente familiar na relação entre pais e filhos e em que a criança é geralmente encarada como “propriedade dos pais”, não lhe sendo reconhecido direitos, desejos e autonomia (Alberto, 2010).

No que concerne ao abuso sexual, este diz respeito à implicação da criança/jovem nas práticas sexuais, sendo que o abusador se aproveita da inocência e imaturidade que definem a fase de desenvolvimento. Este tipo de mau trato ocorre, na maioria das vezes, dentro do contexto familiar, no entanto também é comum acontecer fora dele. Manifesta-se através do envolvimento do menor, na visualização de conteúdos pornográficos e possível reprodução dos mesmos, do contacto físico que extrapole aquilo que é o normal (ex: beijos na boca, toque e contacto dos órgãos genitais) e da prática consumada do ato sexual (Magalhães, 2002).

Em relação ao abuso emocional, importa desde já clarificar que este está também, muitas vezes, presente nos outros tipos de maus tratos anteriormente referidos. Este tipo de abuso surge com intencionalidade por parte do abusador e pode ser reconhecido através da carência e/ou desajustamento do vínculo afetivo e emocional e naquilo que são as suas necessidades a esses níveis. Ocorre quando surgem insultos, humilhações, ameaças, rejeição, abandono e muitas outras situações que coloquem em causa a integridade do menor. Como consequência, é passível de surgir a médio e longo prazo

problemas ao nível do desenvolvimento, da autoconfiança e na aquisição de competências sociais e emocionais (Magalhães, 2002).

3. Fatores de Risco

Após clarificar cada um dos tipos de maus tratos mais comuns em crianças e jovens, revela-se crucial fazer uma abordagem acerca dos fatores de risco inerentes aos mesmos. Assim, entende-se por fatores de risco os aspetos que influenciam e/ou determinam a possibilidade de ocorrência de uma situação de risco e/ou perigo (Magalhães, 2002).

Perante uma situação de risco, deve ser sempre avaliado numa fase inicial, o contexto em que a mesma acontece, pois, a presença de alguns fatores isoladamente pode não significar necessariamente um fator de risco. É por isso mesmo, fundamental avaliar minuciosamente as características individuais dos progenitores, dos menores em questão e todo o contexto em que se inserem (Magalhães, 2002).

Refletindo sobre as possíveis características individuais dos progenitores e segundo a autora, concluímos que problemas associados ao consumo de substâncias psicoativas, problemas do foro psicológico/psiquiátrico, dificuldades de regulação, história de vida no marcada por antecedentes de maus tratos, parentalidade jovem, problemas socioeconómicos e escassez de capacidades parentais podem constitui-se como características importante de serem avaliadas. Quanto às características do menor, é necessário ter em consideração fatores como a idade, o sexo, as necessidades emocionais e físicas. No que respeita às características do contexto familiar, social e cultural, que são também importantes de ser avaliadas, destacam-se aspetos como, a existência de famílias destruturadas, disfuncionais e numerosas bem como, as premissas que constituem uma atitude social relativamente às crianças e famílias (Magalhães, 2002).

A suspeita de existência de maus tratos perante uma criança e/ou jovem, surge através de indicadores ou sinais que ocorrem como repercussão a curto, médio ou longo prazo, dependendo de cada caso. Esses indicadores, sinais ou sintomas, são reconhecidos através de exames de diagnóstico como também de queixas e manifestações relativas ao estado de saúde físico e/ou psíquico do menor (Magalhães, 2002).

Os sintomas e sinais, devem por isso, ser também avaliados particularmente, variando de caso para caso, assim, é fundamental ter a noção presente de que nem todos

os sintomas/sinais significam que se está perante um caso de maus tratos, tal como também nem todos os maus tratos são necessariamente manifestados por sintomas/sinais. É importante distinguir estas ideias para não se incorrer na falácia de invalidar as duas posições (Magalhães, 2002).

Relativamente aos indicadores, estes surgem de forma muito variada consoante as características específicas de cada criança ou jovem (ex: estágio de desenvolvimento, sexo, condição socio emocional...). A prevalência de sinais pode ocorrer de forma súbita, isolada ou contínua. O perfil da criança/jovem que sofre maus tratos apresenta baixos níveis de autoestima, dificuldade de comunicação, integração, aprendizagem e desenvolvimento (Magalhães, 2002).

4. Sistema de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens

4.1 Medidas de Promoção e Proteção em Portugal

A Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (Lei n.º 23/17, de 23 de maio) proporciona condições que assegurem a proteção e promovam a segurança, bem como todas as outras necessidades essenciais ao desenvolvimento integral das crianças e jovens.

Todas as crianças e jovens em perigo que se encontrem em território nacional são abrangidas, sendo que, a intervenção tem início quando os progenitores, o representante legal ou quem tenha o poder de guarda, coloquem em situação de perigo e comprometam a sua segurança e bem-estar a todos os níveis (Lei n.º 23/17, de 23 de maio).

Segundo o Decreto de Lei n.º 147/99 de 1 de setembro, art.º 3.º, entende-se que criança e/ou jovem se encontra em risco quando está abandonada ou vive por sua conta; está em situação de negligência, sofre de maus tratos físicos e/ou psicológicos e é vítima de abusos de caris sexual, exploração através de trabalhos excessivos inadequados à idade ou condição; ausência de cuidados e afeto; exposição a ambientes e comportamentos que coloquem em causa a sua segurança e desenvolvimento e por fim, os casos em que tem nacionalidade estrangeira, mas encontra-se acolhida numa instituição portuguesa.

Uma situação de emergência representa um momento de perigo atual ou iminente para a vida da criança e/ou jovem, comprometendo a sua integridade física ou psicológica, o que motiva a intervenção com medida de proteção cautelar imediata. As entidades com competência em matéria de infância e juventude para intervir, desenvolvem atividades

nas áreas da infância e juventude, assumindo assim, legitimidade para intervir na promoção dos direitos e proteção.

As medidas de promoção dos direitos e de proteção consistem na prevenção adotada pelas comissões de proteção de crianças e jovens ou pelos tribunais para defender os interesses superiores da criança ou jovem em perigo. Neste sentido, são celebrados os acordos de promoção e proteção que se baseiam num compromisso escrito entre esses organismos e os pais, representante legal ou quem tenha a guarda da criança e/ou jovem com mais de 12 anos, pelo qual se estabelece um plano contendo medidas de promoção de direitos e de proteção.

A concretização das intervenções no sistema de promoção e proteção nacional consiste na divisão de três níveis distintos que podem ser analisados através da imaginação de uma pirâmide. O primeiro, que corresponderia à base, refere-se à rede informal e é constituída apenas pelas Entidades com Competência em Matéria de Infância e Juventude (ECMIJ); o segundo, é de cariz formal e refere-se à intervenção das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens, e o terceiro, também formal, que teria lugar no topo diz respeito aos Tribunais que constitui o topo da pirâmide e corresponde aos Tribunais. O desejado é que sempre que possível se privilegie a rede informal de primeira linha, no entanto, depois de esgotadas todas as possibilidades a este nível e atendendo às circunstâncias por vezes marcadas pela gravidade, é necessário intervir através das redes formais que são as mais adequadas para a intervenção em casos mais complexos.

O n.º1, art.º 35.º, da LPCJP contempla que as medidas de promoção e proteção são: a) apoio junto dos pais; b) apoio junto de outro familiar; c) confiança a pessoa idónea; d) apoio para a autonomia de vida; e) acolhimento familiar; f) **acolhimento em instituição**; g) confiança a pessoa selecionada para a adoção ou a instituição com vista a futura adoção (Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto).

4.2 Acolhimento Institucional

O acolhimento institucional¹, como já referido anteriormente é uma medida de promoção e proteção aplicada em última instância, sendo que não é a ideal, mas sim a fundamental, assim prevê a Lei n.º 26/2018.

¹ Com base no art.º 52.º (que consiste na natureza das instituições de acolhimento), as instituições de acolhimento de crianças e jovens em Portugal podem ser de carácter público ou cooperativo, social ou privada, e com acordo de cooperação com o Estado (LPCJP).

Segundo a lei supracitada, o acolhimento institucional tendo por base os termos do art.º 41.º da LPCJP, ocorre quando a criança ou jovem é colocada numa instituição ficando esta responsável por assegurar todas as suas necessidades através dos seus recursos estruturais e humanos especializados para dar resposta a estas situações, zelando sempre pelo bem-estar e desenvolvimento global do menor (Lei n.º 26/2018, art.º 49.º).

O acolhimento institucional, como já vimos, é uma das medidas de intervenção de promoção e proteção aplicadas em situação risco para a criança. Assim, e segundo o art.º 49.º do presente decreto, esta medida constitui-se como sendo uma resposta que se baseia na colocação da criança e/ou jovem à responsabilidade e cuidado de uma entidade pública ou privada que reúna todas as condições para acolher, dispondo de recursos humanos especializados, equipamentos e instalações que assegurem todas as necessidades necessárias (físicas, psicológicas, emocionais e sociais), bem como, os seus direitos no que se refere à integração num contexto sociofamiliar seguro, acesso a educação e desenvolvimento integral.

O acolhimento institucional é feito em casas de acolhimento que a nível de regulamentação do regime de organização e funcionamento contam com uma legislação própria e que se regem por modelos de intervenção socioeducativos adequados às necessidades e interesses das crianças e jovens acolhidos. Desta forma, as casas de acolhimento podem constituir-se em unidades de diferentes âmbitos especializados:

- a) Casas de acolhimento para resposta em situações de emergência (art.º 50.º);
- b) Casas de acolhimento para resposta a problemáticas específicas e necessidades de intervenção educativa e terapêutica evidenciadas pelas crianças e jovens a acolher (art.º 50.º);
- c) Apartamentos de autonomização para o apoio e promoção de autonomia dos jovens (art.º 50.º).

O Sistema Nacional de Acolhimento de crianças e jovens em situação de perigo começou por integrar diferentes respostas em função das problemáticas identificadas. São essas: a **unidade de emergência**, que acolhe crianças e jovens em contexto de perigo iminente; a **casa de acolhimento temporário**, que visa o afastamento temporário do menor com a família biológica, e é esta a medida que é objeto de estudo do presente estágio realizado e o **lar de infância e juventude**, que acolhe menores em situação de carência que necessitam de um afastamento prolongado com a família biológica.

Relativamente ao processo de integração nas casas de acolhimento, como supramencionado, o mesmo pode ser planeado ou em situações de emergência, motivado pela necessidade de proteção da criança e/ou jovem que se encontre em perigo, o acolhimento tem que ser imediato e nesses casos são preferencialmente colocados numa unidade especializada de emergência a designar pela equipa de gestão de vagas. Quando se trata de um planeamento, o mesmo consiste em todo um processo de preparação que envolve partilha de informações importantes entre a entidade que aplica a medida, a entidade responsável pela gestão das vagas em acolhimento e a instituição que vai fazer o acolhimento acerca da “avaliação do plano de intervenção executado em meio natural de vida, nos casos aplicáveis; a situação de perigo que determina a aplicação da medida; as necessidades específicas da criança ou jovem a acolher; e os recursos e características da intervenção que se revelem necessários, a disponibilizar pela instituição de acolhimento.” (Artigo 51.º). Em simultâneo e com a mesma importância, existe também a preparação da criança e quando aplicável das famílias.

As Casas de Acolhimento estão organizadas de modo a proporcionar uma rotina diária regida em torno de horários e regras essenciais ao desenvolvimento integral das crianças e jovens, estabelecendo também vínculos afetivos com as/os mesmas/os. Durante o acolhimento são autorizadas as visitas dos progenitores, representante legal, do/a detentor/a da guarda ou de uma pessoa de referência afetiva, exceto se existir ordem em contrário por parte do tribunal, sendo que a marcação das mesmas é articulada pela respetiva casa de acolhimento. No que se refere aos recursos humanos destas casas, é de salientar que são compostas por equipas multidisciplinares que se dividem na equipa técnica que integra indivíduos/as cujo grau académico mínimo corresponde à licenciatura em áreas como a psicologia e ciências sociais, sendo o diretor técnico da casa um destes e que estes são responsáveis pelo diagnóstico das situações bem como pela respetiva definição dos projetos de vida das crianças e jovens. A equipa educativa contempla sobretudo indivíduos/as com formação profissional para acompanhamento socioeducativo e prestação de cuidados a crianças e/ou jovens. Por fim, existe ainda a equipa de apoio que conta com os serviços gerais, desde a saúde e direito, que auxiliam sempre que é necessário.

No que concerne às Casas de Acolhimento, que como já referido é sobre estes que incide todo o trabalho desenvolvido em estágio, são uma medida de colocação de carácter temporário que tem em vista a futura reintegração na família biológica, quando se reúnem

condições para tal ou na impossibilidade de esta acontecer, é definido um projeto de vida que se baseia na preparação para a emancipação tendo em consideração a faixa etária e respetivo nível de desenvolvimento da criança e/ou jovem ou para o processo de adoção/apadrinhamento civil (Lei n.º 164/2019).

Quando falamos de acolhimento institucional importa ainda clarificar o conceito de tarefa primária que está diretamente associado ao estudo do comportamento organizacional. Assim, segundo Rice (citado por Mendes & Santos, 2014), entende-se por tarefa primária a definição de atividades consoante a prioridade que as mesmas representam para a organização, neste caso, para as casas de acolhimento temporário de crianças em risco.

Focando agora nestes contextos em particular, percebemos que é difícil circunscrever apenas um conjunto de atividades como prioritárias, sendo que, existe uma multiplicidade de outras igualmente importantes. Os autores apresentam um exemplo baseado em duas questões consideradas prioritárias numa Casa de Acolhimento, são estas: o acolhimento integral da criança ao nível físico e emocional e a avaliação sociopsicológica realizada tendo em vista a definição do projeto de vida da mesma. Estes são dois aspetos extremamente relevantes e que podiam perfeitamente constituir-se como tarefa primária (Mendes & Santos, 2014).

Se por um lado, optássemos pela primeira, estaríamos claramente a privilegiar a integração positiva da criança, providenciando à mesma todas as condições para uma adaptação harmoniosa e até reabilitadora, em alguns casos. Se por outro lado, escolhêssemos a outra hipótese, estaríamos a colocar em segundo plano a ideia anterior, priorizando assim a agilização da avaliação diagnóstica a nível sociopsicológico, de modo a acelerar a tomada de decisão relativamente ao futuro projeto de vida. Face ao exposto, constatamos que estamos perante um dilema que é suscetível de várias perspetivas e alvo de grande discussão. Contudo, é importante definir a tarefa primária para simplificar a gestão e organização das instituições ao nível dos seus recursos e objetivos (Mendes & Santos, 2014).

Segundo Miller e Gwynne (citado por Mendes & Santos, 2014), a tarefa primária em contexto de acolhimento pretende essencialmente promover um enquadramento favorável ao desenvolvimento do conhecimento e relacionamento da criança com ela própria, bem como com o meio envolvente, de forma a potenciar a aquisição de competências de autoconhecimento, envolvimento com o contexto físico e emocional, de

modo a suscitar sentimentos como a liberdade e autonomia. Esta definição vai ao encontro dos três subsistemas de atividade que Miller (1994) refere e que se constituem como atribuindo resposta às necessidades físicas, de autonomia e emocionais, integrando de forma equilibrada os três.

Podemos ainda, referir a perspetiva de outros autores como: Menzies (1995), Ward (2003) e Winnicott (2001) (citado por Mendes & Santos, 2014), que partilham a mesma lógica de pensamento relativamente à definição de tarefa primária, defendendo que esta promove a criação de um meio que potencia o desenvolvimento positivo, vinculações seguras e relações emocionais saudáveis. São estes, aspetos fundamentais tendo em consideração a vulnerabilidade e imaturidade em que as crianças se encontram quando chegam a uma Casa de Acolhimento e de que necessitam não só da satisfação das suas necessidades fisiológicas como também afetivas, para se desenvolverem e adquirirem aprendizagens (Mendes & Santos, 2014).

Segundo os mesmos autores, concluímos que é essencial que o ambiente nas Casas de Acolhimento seja acolhedor e que transmita confiança à criança, para que o processo de mudança e adaptação seja o mais confortável possível. Dependendo de caso para caso, não é um processo imediato e que pode implicar algumas dificuldades, nomeadamente ao nível dos relacionamentos e ligações que se estabelecem com as equipas. Ainda assim deve prevalecer a calma e racionalidade face à fase em questão (Mendes & Santos, 2014).

Para dar resposta a todas as necessidades que implicam o acolhimento residencial, o Instituto da Segurança Social (2010) determina que uma Casa de Acolhimento com um referencial de 30 crianças necessita dos seguintes agentes educativos: a) técnico de Serviço Social; b) 2 Educadores Sociais; c) Psicólogo; d) 18 ajudantes de Ação Educativa; e) 3 ajudantes de Serviços Gerais; f) Cozinheiro.

Em suma, revela-se também fulcral inculcar o sentimento de segurança na criança, o que vai permitir com que esta não pense que se vai desiludir. É aqui que a equipa tem um papel determinante, através da criação de um ambiente facilitador, em que a criatividade, espontaneidade, capacidade de resolução de problemas, empatia, autonomia e elogios são os estímulos básicos para o desenvolvimento e progresso integral da criança. A comunicação eficaz entre todos os intervenientes referente ao processo de promoção e proteção da criança também contribui para o sucesso do mesmo, sendo que, estes atuam como estrutura e suporte do menor (Mendes & Santos, 2014).

5. O papel da educação social na promoção e desenvolvimento de competências sociais e emocionais nas crianças institucionalizadas

5.1 Promoção das competências sociais e emocionais

Revela-se crucial iniciar a abordagem, clarificando a noção de competência. Segundo Roldão (2003), a competência ocorre quando perante um momento, o indivíduo tem a capacidade de movimentar assertivamente vários conhecimentos adquiridos anteriormente e integrá-los à situação em que se encontra.

Na perspectiva de Cruz (2001), a noção de competência é entendida como o compartilhamento de conhecimentos, atitudes e valores, abrangendo assim, o domínio do *self* (saber ser), o domínio cognitivo (saber formalizado) e o domínio comportamental (saber-fazer). É nesta base que, está implícito também o conhecimento sobre o outro que se concretiza neste caso através da vertente cognitiva, afetiva e social e em que a consciência e compreensão suportam a tomada de decisões e resolução de problemas que são intrínsecas ao processo relacional dos indivíduos.

Boterf (1995), divide o conceito de competência em três eixos, sendo estes formados pela pessoa no que se refere à sua história de vida e socialização, bem como pela sua formação e experiência profissional. O autor considera que as competências são o conjunto de aprendizagens sociais e de ação responsáveis que são reconhecidas e que requerem que o sujeito as transfira e integre nos diferentes contextos em que é inserido.

Em contexto educativo, as competências podem ser desenvolvidas formalmente, através de programas de promoção de competências ou do currículo escolar e/ou informal, através das vivências do quotidiano. As estratégias aplicadas nos programas formais assumem, na sua origem, a capacitação dos alunos para a importância de pensar e de aprender (Almeida, 2002).

Focalizando agora para a questão da promoção das competências sociais e emocionais, é importante esclarecer que segundo Gonçalves (2000), as competências pessoais integram tudo o que já foi referido anteriormente acerca da noção de competência, acrescentando ainda a consciência crítica dos potenciais que o indivíduo assume bem como dos seus constrangimentos.

Por competência social, Caballo (1987) entende-se como um aglomerado de comportamentos que um indivíduo apresenta num determinado espaço, sentimentos,

opiniões tendo por base o respeito ao outro, revelando capacidade de resolução de conflitos, evitando e minimizando a probabilidade do surgimento de complicações futuras. Enquanto que segundo Saarni (2000) a competência emocional constitui-se como a manifestação da autoeficácia cujo o sujeito acredita possuir capacidades indispensáveis à obtenção de objetivos definidos tendo por base relações sociais que geram várias emoções.

Nesta fase, para abordarmos as competências emocionais revela-se crucial fazer uma contextualização acerca das emoções e da importância de regular as mesmas, reconhecendo o impacto que estas representam e determinam na qualidade de vida das pessoas, nomeadamente no que concerne a aspetos biológicos e psicossociais, sendo por isso fundamental a criação de estratégias que promovam o bem-estar nesse sentido (Leão, 2012).

Plutchik (2003, citado por Miguel et al., 2007) considera que as emoções se constituem como formas de comunicação, que detêm valor de sobrevivência. Ademais, para o autor existem ainda emoções básicas e primárias que permitem ao sujeito estabelecer relações positivas consigo próprio, mas também com os outros que o rodeiam.

Ekman (2003) reconhece como emoções básicas ou primárias: a alegria, a tristeza, o medo, a surpresa, o nojo, o desprezo e a raiva e como emoções sociais ou secundárias: a vergonha, inveja, ciúme, empatia, embaraço, orgulho e culpa. Damásio (2013) diferencia também as emoções em primárias ou universais, secundárias ou sociais, adicionando ainda as emoções de fundo que se caracterizam pelo bem-estar ou mal-estar e tensão ou calma. Segundo o autor as emoções primárias são consideradas como universais, da mesma forma que as emoções secundárias resultam da aprendizagem.

Webster-Stratton (2000), defende que as emoções são uma resposta a estímulos ou momentos marcantes que influenciam de alguma forma o sujeito. A autora defende ainda que as respostas emocionais surgem em três níveis, sendo que, o primeiro considerado também o mais básico, consiste em todas as reações corporais que são reguladas pelo sistema nervoso autónomo. O segundo nível reporta-se ao carácter comportamental, a manifestação das emoções tem evidência através das ações e reações do sujeito. O terceiro e último nível diz respeito à cognição e evidencia a importância da linguagem enquanto meio para expressar e dar nome aquilo que o sujeito sente.

Para Ribeiro (2008), a promoção de competências pessoais e sociais em crianças institucionalizadas é uma necessidade de extrema importância a desenvolver.

Contribuindo assim, para a autonomia, para um meio propício à aquisição de aprendizagens e sucessiva autonomização. As capacidades que o sujeito vai adquirindo ao longo do seu percurso de vida são fulcrais no processo de gestão e regulação das emoções em todos os âmbitos (escolar, interpessoal, social e profissional). Assim reforça Erikson (1976) com a afirmação da teoria do desenvolvimento psicossocial que defende que nas várias etapas do desenvolvimento surgem constrangimentos motivados pelo meio social que podem ser causadoras de momentos de crise.

As crianças que se encontram inseridas em contexto de acolhimento institucional tem uma probabilidade mais acrescida que as restantes de desenvolverem problemáticas relativas a aspetos comportamentais, nomeadamente no que se refere aos baixos níveis de autoestima, estados depressivos e de ansiedade, dificuldades na aquisição de aprendizagens, desregulação emocional, problemas de relacionamento interpessoal e incapacidade de lidar com a frustração (Alberto, 1999; Córias, 1995; Formosinho et al., 2002; Strecht, 2000; Vilaverde, 2000, citado por Carneiro, 2005).

Face ao exposto, percebemos que é premente desenvolver competências sociais e emocionais com crianças sobretudo com as que se encontram institucionalizadas que são o foco do presente trabalho. Desta forma, as aprendizagens baseadas no afeto e na socialização são tão importantes quanto as regras, rotinas e educação formal que são também fundamentais ao desenvolvimento harmonioso das crianças, e por isso mesmo devem ser valorizadas nestas instituições, pois caso contrário, podem produzir efeitos nefastos nomeadamente no que diz respeito às competências cognitivas e socio afetivas que sucessivamente podem comprometer uma integração positiva na sociedade (Ribeiro, 2008).

A regulação emocional corresponde à capacitação do indivíduo para o controlo assertivo das suas reações emocionais perante as várias situações que surgem no dia-a-dia e que colocam à prova esta capacidade (Webster-Stratton, 2000). No que se refere à autorregulação, através da perspetiva sociocognitiva de Polydoro e Azzi (2008), estes destacam o papel preponderante da autorregulação na capacidade do ser humano intervir intencionalmente, ou seja, as pessoas não reagem ao ambiente externo, mas possuem a capacidade de refletir sobre ele e antecipar cognitivamente pressupostos constituídos pelas ações e pelos seus efeitos, de modo a antecipar e selecionar formas de atuar que considerem ser favoráveis. Assim, as crianças que enfrentam situações vulneráveis, é fundamental desenvolver desde cedo a capacidade de controlar os próprios

comportamentos, emoções ou pensamentos que possam ser motivados por impulsos e/ou incertezas, alterando-os de acordo com as exigências da situação.

Relativamente ao desenvolvimento de uma autoestima saudável, segundo Barreto (2015) existem aspetos essenciais a considerar, para que a criança aprenda com a sua própria experiência e tenha como exemplo aquilo que vê ser feito pelas figuras referência. Um dos aspetos é valorizar a forma como a criança é tratada, o tipo de cuidados que se tem, a forma como é desafiada a enfrentar novos desafios e posteriormente o reconhecimento do alcance dos mesmos e também os valores que lhe são transmitidos.

No que concerne à comunicação, segundo Frias (2014), a linguagem assume uma dimensão essencial e intrínseca na interação do ser humano com a sociedade e o ambiente onde está envolvido, o que permite a estruturação do pensamento dos indivíduos, bem como a comunicação com os outros. Desde o nascimento, o bebé relaciona-se de diferentes formas com as pessoas e com o mundo que o rodeia, o seu processo de aprendizagem inicia-se desde o seu nascimento, pelo que, é fundamental desenvolver e fomentar a capacidade de comunicação, pois é extremamente importante não só no processo de aprendizagem como também na interação com os outros.

No que respeita à gestão de conflitos, com base na perspetiva de Serrano e Guzmán (2011), o conflito é um fenómeno natural e inerente à condição humana, pelo que, se for resolvido da melhor maneira gera uma oportunidade de aprendizagem, mudança e crescimento. Assim, ao longo da vida a existência de conflitos é algo comum, o importante é ter noção disso, para que quando surjam se seja capaz de enfrentar e superar dando a resposta que é necessária a situação e gerindo-a o melhor possível.

Um modelo de intervenção que serviu de alicerce a todo o trabalho desenvolvido no nosso estágio foi o programa da Carolyn Webster-Stratton, psicóloga, ex-professora e ex-diretora da Clínica Parental na Universidade de Washington, apresentado no seu livro *How To Promote Children'S Social And Emotional Competence*, cuja versão portuguesa contou com a coordenação científica da versão portuguesa de Maria Filomena Ribeiro Gaspar e Maria João Seabra-Santos (2017). O livro integra os materiais dos programas dos Anos Incríveis e está direcionado a todos profissionais que exercem as suas funções com crianças dos 2 aos 8 anos de idade, em âmbito escolar como também em outros contextos socioeducativos, propondo o aumento de práticas educativas positivas e estimuladoras (Webster-Stratton 2000).

Os programas baseados, tal como são os programas Anos Incríveis, em intervenções em prol do autocontrolo de comportamentos desafiantes, a autorregulação emocional, o reforço da importância da comunicação essencialmente como recurso para a resolução de problemas e tomadas de decisão, obtiveram resultados positivos no que concerne ao desenvolvimento de competências emocionais e sociais das crianças bem como o aumento de comportamentos desejáveis (Durlak et al, 2007).

5.2. O educador social em contexto institucional

A Educação Social, na perspectiva de Florbela Samagaio (2006):

(...) a Educação Social, apesar de intervir principalmente através da formação/educação, partindo do pressuposto de que todo o indivíduo é, independentemente da sua idade, um *ser educável*, não descarta a flexibilidade dos saberes. Para bem intervir o educador social é, ele próprio, um investigador. Num contexto de investigação-acção ou não, ele treina a observação, ele levanta um problema de investigação, ele fundamenta teoricamente a sua visão e intervenção, ele procede ao necessário ajustamento metodológico, ele constrói uma resposta normalmente sob forma de projecto de intervenção e avalia-a. Ele constrói um conhecimento para melhor intervir à medida das suas necessidades e de acordo com determinados contextos sociais, económicos e académicos (p.18).

É importante considerar que a Educação Social reconhece como um dos seus pressupostos primordiais a ideia de que o indivíduo se encontra em constante desenvolvimento ao longo de toda a sua vida, sendo esse desenvolvimento fruto das aprendizagens formais e informais, tal como das vivências que vai concretizando. Desta forma, o papel do Educador/a Social passa por intervir em sistemas socioeducativos com o intuito de potenciar aprendizagens, mas também investiga de modo a construir soluções que correspondam às necessidades específicas e que conduzam a um desenvolvimento integral do sujeito tendo sempre em consideração os contextos em que este se insere.

Segundo Carvalho e Baptista (2004), “reflexividade, polivalência técnica, criatividade, adaptabilidade e dinamismo são características fundamentais do saber profissional dos educadores sociais”. O educador social deve ser uma representação fiel da realidade social, reconhecendo as particularidades e problemáticas que lhe são inerentes. Assim, é fundamental recordar que o Educador Social é um profissional que recorre a ferramentas pedagógicas para intervir no âmbito de diversas problemáticas

associadas ao risco, exclusão e vulnerabilidade social. Assim, é da sua competência dinamizar atividades pedagógicas, que visam a promoção e a integração de indivíduos na sociedade.

Desta forma, e com base na perspectiva de Baptista (2000), os educadores sociais, em estreita colaboração com outros profissionais, podem desenvolver projetos educativos extracurriculares, promovendo também a mediação entre a escola e as famílias, uma vez que desenvolvem uma ação educativa no terreno do social.

A intervenção do Educador Social em contexto institucional consiste na intervenção técnica de cariz educativo e social, considerando que não existem estratégias uniformes e universais que possam ser aplicadas, pois cada criança tem as suas especificidades, o que faz da intervenção um processo contínuo, desafiante, mas extremamente necessário. Passa ainda, pelo desenvolvimento de atividades lúdicas, monitorização de atividades recreativas e de carácter socioeducativo baseados numa relação empática e emotiva que potenciem a aquisição de novas aprendizagens e que colmatem as carências afetivas existentes, a promoção de uma integração favorável de acordo com os direitos e deveres inerentes ao momento em questão e que transmita à criança confiança e diminuição dos fatores de risco a que está exposta, a realização e coordenação da conceção do projeto de promoção e proteção de cada criança acolhida preferencialmente, o seu retorno ao seu meio natural de vida com as condições desejáveis, envolvendo-a desde o princípio, sendo que isso permite conhecê-la melhor e criar uma base para a intervenção, tal como a família, sempre que assim seja exequível. Ao educador social compete ainda a produção de planos de intervenção individuais e respetiva execução, cooperação e envolvimento na realização do plano de atividades anual e no relatório de avaliação e participação na conceção de instrumentos de trabalho em favor de toda a equipa (Projeto Educativo do Ninho dos Pequenitos, s.d.).

Em suma, terminamos a presente fundamentação com a perspectiva de Stapley (2014), que defende que é “através do fazer que o ser humano é”. Com isto pretende-se reforçar a ideia de que a condição humana está em constante atribuição de significados relativamente às experiências que vivência. Direcionando este pressuposto para as crianças em específico, compreendemos que estas se ajustam às diferentes situações, desta forma, no contexto de acolhimento, a criança numa fase inicial irá adequar o seu comportamento até perceber quem são os profissionais em que mais vai depositar a sua confiança.

Capítulo II. Enquadramento Institucional

1. Casa de Acolhimento Temporário: Ninho dos Pequenitos

O Ninho dos Pequenitos é uma instituição focada na proteção e bem-estar da criança, fundado nos anos 30 do século XX pelo Professor Bissaya Barreto (1886-1974), nascido em Castanheira de Pera e reconhecido pela obra social que edificou e legou a Coimbra (Sorriso, 2021; Fundação Bissaya Barreto).

Inicialmente o edifício foi criado para o internamento de crianças em risco de contágio, por tuberculose da mãe, na Rua Padre António Vieira, onde atualmente se encontra as instalações da Associação Académica de Coimbra (Sorriso, 2021).

Posteriormente, em 1963, foi integrado na Obra de Assistência Materno Infantil Bissaya Barreto, onde é hoje a Maternidade Bissaya Barreto. Em 1988, foi inserido num projeto que consistiu na criação da Unidade de Intervenção Precoce na Relação Mãe/Filho do Centro Hospitalar de Coimbra (Maternidade Bissaya Barreto) através da Portaria nº 532/91 publicada no DR I Série B a 20/06/91. Em 1990, após a tentativa de estabelecimento de diversos contactos entre o Centro Regional de Segurança Social de Coimbra e a Fundação Bissaya Barreto, tentou-se também elaborar um acordo de cooperação com esta instituição (Sorriso, 2021).

Mais tarde, em 2004, concretizou-se um protocolo a título provisório, entre o Centro Distrital de Segurança Social de Coimbra e a SORRISO – Associação dos Amigos do Ninho dos Pequenitos, tendo sido atribuída a esta associação a responsabilidade do Ninho dos Pequenitos. Desta forma, passados dois anos, a SORRISO foi reconhecida como Instituição Particular de Solidariedade Social, sem fins lucrativos, como pessoa colectiva de utilidade pública, com o objetivo de fomentar atividades de apoio à criança privada da família, através da angariação de fundos e promoção de ações de sensibilização relativamente às crianças em risco (Sorriso, 2021; Diário da República, n.º 218, II Série de 13 de Novembro de 2006).

Subsequentemente, em setembro de 2009, foi estabelecido com o Instituto da Segurança Social (IP), um acordo atípico no que concerne à Casa de Acolhimento, como sendo a única resposta social existente (Sorriso, 2021).

Este Centro de Acolhimento Temporário tem como missão “acolher e encaminhar crianças dos 0 aos 6 anos e de ambos os sexos, que se encontrem numa situação de vulnerabilidade e perigo, colocando em causa o seu bem-estar e desenvolvimento global” (Projeto Educativo, ano, p.22). O acolhimento das crianças “surge como uma medida preventiva contra maus-tratos, negligência e/ ou incapacidade educativa dos seus progenitores, impossibilitando a sua continuidade no meio familiar” (Projeto Educativo, s.d., p.22).

O Ninho surge assim para dar resposta a estas fragilidades, proporcionando às suas crianças “condições que sejam promotoras de um bom desenvolvimento físico, sócio-afectivo e educativo, num ambiente onde prevaleça a segurança, a atenção e o amor” (Projeto Educativo, s.d., p.42). Nesse sentido, a instituição assegura a satisfação de todas as necessidades básicas da criança; promoção de ocasiões de bem-estar, de segurança e de respostas pedagógicas diversificadas adequadas às necessidades e interesses das crianças, bem como o diagnóstico e identificação de possíveis défices; a assistência médica e acompanhamento psicossocial; a inserção da criança em equipamentos sociais da comunidade; a elaboração do projecto de vida de cada criança em articulação com o Centro Distrital de Segurança Social, CPCJ’s e Tribunais, procurando evitar institucionalizações prolongadas e o incentivo à participação das famílias, ajudando-as a compreender as verdadeiras necessidades da criança, tendo sempre em conta o Projecto de Vida traçado para a mesma (Projeto Educativo, s.d.).

A instituição tem capacidade para admitir 20 crianças, porém, segundo o acordo atípico estabelecido estão disponíveis 15 vagas. O Ninho funciona 24 horas por dia, admitindo rotinas estabelecidas baseadas no ritmo de cada criança tendo em consideração as respetivas faixas etárias (Projeto Educativo, s.d.).

A nível de recursos humanos, a instituição é constituída por três equipas: a equipa técnica (1 assistente social que acumula função como diretora técnica, 1 educadora social e 1 psicóloga), a equipa educativa (10 ajudantes de ação educativa) e a equipa de apoio (1 administrativa). A equipa técnica conta ainda com o apoio de uma equipa de consultadoria externa que é composta por uma médica pediatra e uma psiquiatra de infância e adolescência. Importa referir que para além destes técnicos, existe um acordo com o Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, o que permite contar com a ajuda de profissionais de saúde da Materidade Bissaya Barreto (Projeto Educativo, s.d.).

Relativamente à sua estrutura, o Ninho dos Pequenitos é constituída por três quartos, incluindo no total 9 camas, vários armários e comódas para arrumar os objetos pessoais das criança; um berçário com seis berços, muda de fraldas e um armário para roupa e artigos de higiene; uma sala de atividades para crianças até aos 15 meses com brinquedos; uma sala de atividades lúdico-pedagógicas com vários brinquedos, livros e aparelhos eletrónicos; uma sala de estar; um refeitório, com três mesas redondas, cadeiras e cinco cadeiras/mesas para os bebés; uma copa com os bens necessários de uma cozinha; um gabinete técnico, um gabinete administrativo e um gabinete de apoio e vigilância; uma lavandaria com máquinas de lavar e secar roupa; uma arrecadação de pequenas dimensões e outra polivalente para arrumar material hoteleiro; um vestiário para os funcionários, com cacifos individuais; três casas de banho, uma para os funcionários, outra para os bebés e outra de apoio dos três quartos das crianças; e um recreio com uma tenda equipada com brinquedos de exterior, uma horta pedagógica e uma zona com pequenas árvores de fruto (Projeto Educativo, s.d.).

Para planificar, executar e avaliar a qualidade da intervenção desenvolvida pela instituição, é fundamental existirem documentos que regulamentem e assegurem o cumprimento desses aspetos.

Assim, existe o Projeto Educativo que é conhecido por todos os membros da equipa e que norteia os valores, função e missão a operacionalizar de modo a respeitar os direitos das crianças propiciando uma boa integração das crianças. Para além disso, é um projeto de formação pessoal mas que tem também a componente de preparação para o futuro e para as possíveis adversidades e exigências. Desta forma, as equipas do Ninho articulam entre si alguns princípios básicos como atividades de estimulação motivacionais num ambiente acolhedor e afetivo e promotor de comunicação, convivência e cooperação que vão ao encontro dos desígnios tanto da instituição como do Projeto (Projeto Educativo, s.d.).

O Regulamento Interno é ainda outro documento que regula a instituição de modo a definir as normas que estabelecem as relações entre os membros da instituição, designação do papel a assumir pela instituição face à comunidade, às famílias e aos profissionais do NP, apresenta ainda as estruturas dos órgãos de administração e gestão da instituição. Tendo por base, que este ofício deve ser elaborado com os restantes elementos da instituição tendo como coordenação o/a diretor/a e deve ser redigido de forma clara e objetiva, espelhando as orientações necessárias ao bom funcionamento da

Casa e também considerando as diretrizes do Tribunal. O mesmo deve ainda incluir os direitos e deveres das crianças, das famílias e dos profissionais (Projeto Educativo, s.d.).

Existe ainda o Relatório de Atividades Anual, que consiste na identificação e descrição detalhada de todas as atividades que são desenvolvidas na instituição ao longo do ano anterior e a respetiva avaliação das mesmas. Essas atividades estão contempladas no Programa de Atividades, ainda assim, é necessário fazer referência a todas incluindo as que não se realizaram e também as que não estavam previstas mas foram executadas (Projeto Educativo, s.d.).

2. Caraterização da população

A população do Ninho dos Pequenitos, como já referido anteriormente é composta por crianças dos 0 aos 6 anos de idade, em que lhes é aplicada a medida de promoção e proteção pelas CPCJ ou pelo Tribunal, que são as duas entidades responsáveis destinadas para esse efeito. A sinalização destes casos surge em consequência das crianças se encontrarem em situações de vulnerabilidade que comprometem o seu bem-estar e segurança (Projeto Educativo, s.d.).

Durante o estágio realizado no Ninho dos Pequenitos entre 6 de outubro de 2020 e 1 de junho de 2021, a instituição acolheu 18 crianças, das quais 9 do sexo feminino e 9 do sexo masculino.

De acordo com os dados da Tabela 1, é possível constatar que 8 crianças têm entre 0 a 1 ano inclusivé, 3 crianças têm entre 2 a 3 anos inclusivé e 7 crianças têm idades compreendidas entre 4 e 6 anos.

Idade	Feminino	Masculino	Total
0 - 1 ano	3	5	8
2 – 3 anos	2	1	3
4 – 6 anos	4	3	7

Tabela 1. Número de crianças de acolhidas por idade e género

Durante todo o estágio foram acolhidas no total 18 crianças (considerando as que existiam no momento do início do estágio e as que entraram posteriormente). Quando analisados os fatores principais que motivaram entrada das crianças no NP através da leitura dos processos individuais, é possível identificar: consentimento prévio com vista

à futura adoção e gravidez indesejada e não vigiada, a ausência de capacidades parentais, problemáticas como a toxicodependência, alcoolismo, contextos familiares disfuncionais, condições socioeconómicas e habitacionais desfavorecidas, exclusão social, violência doméstica bem como, patologias do foro psicológico e psiquiátrico, conforme podemos constatar no Gráfico 1.

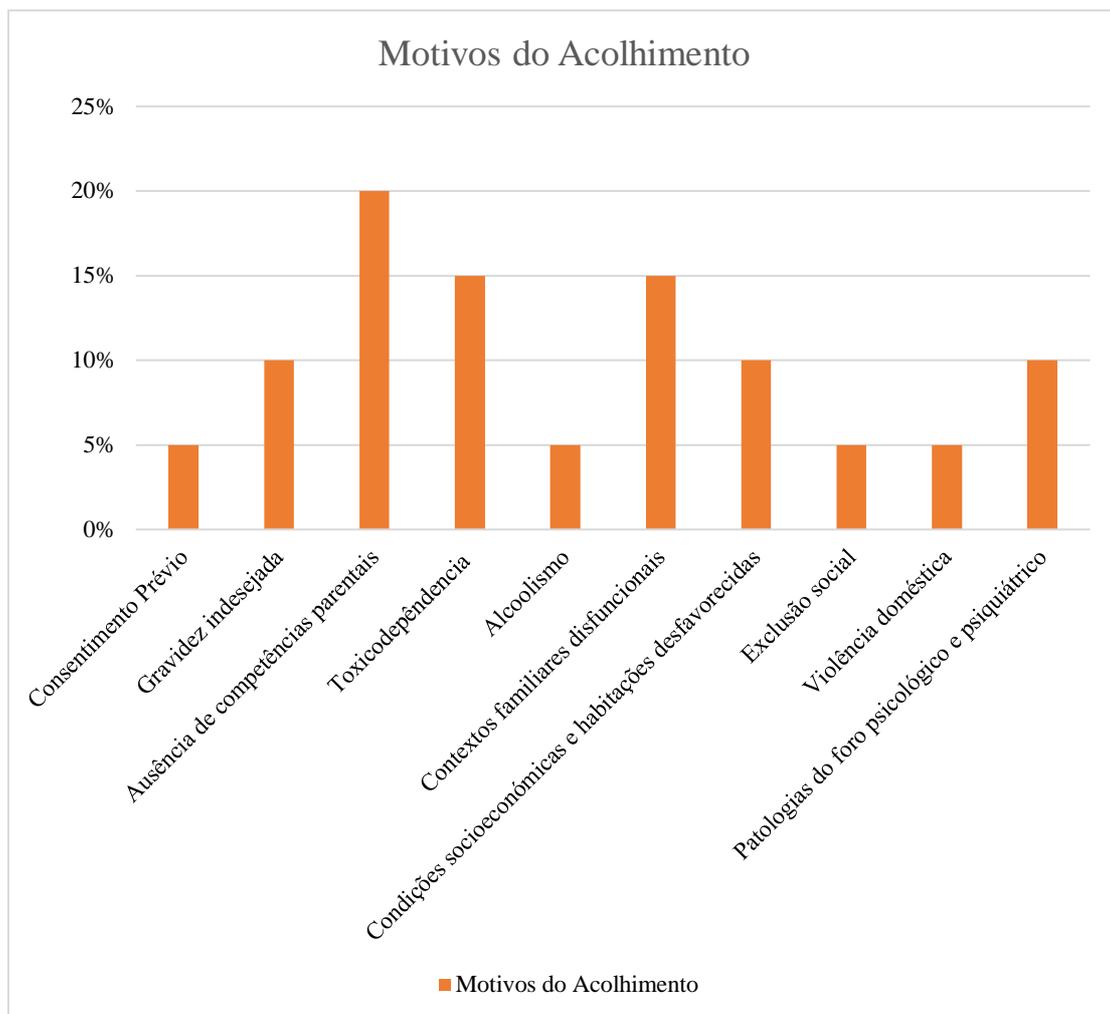


Gráfico 1. Motivos Principais do Acolhimento

Como podemos concluir ao observar o gráfico anterior, percebemos que numa escala de 0 a 100, 20% das entradas são motivadas pela ausência de competências parentais e logo de seguida com 15% verificamos a presença da toxicodependência e de contextos familiares disfuncionais. Com 10% regista-se a gravidez indesejada, condições socioeconómicas e habitações desfavorecidas e patologias do foro psicológico e/ou psiquiátrico. Com a percentagem mais baixa, ou seja, 5% surge o consentimento

prévio para adoção, alcoolismo, exclusão social e violência. Em suma, é bastante claro, que no NP o motivo principal de entrada se prende com a questão da falta de competências parentais.

Observando a Tabela 2, percebemos que existiram ainda 3 crianças que saíram do Ninho, duas são do sexo masculino e uma do sexo feminino. Relativamente aos respetivos projetos de vida, conclui-se que, um elemento do sexo masculino com idade compreendida entre 4 e 6 anos e um elemento do sexo feminino cuja idade entre os 0 e 1 ano, foram ambos para adoção e o outro elemento do sexo masculino também com idade incluída entre os 0 e 1 ano foi transferido para uma intuição mais perto da área de residência da família.

	Feminino	Masculino	Total
N.º de crianças acolhidas no início do estágio	9	5	14
Nº de crianças acolhidas após início do estágio	0	4	4
Nº de crianças que saíram durante o estágio	1	2	3

Tabela 2. Dinâmica de acolhimento de crianças no Ninho dos Pequenitos durante o estágio

Durante este período, 7 crianças estiveram inseridas em estabelecimentos educativos, das quais, 1 criança do sexo feminino frequenta a Creche, as restantes 6 crianças, 3 do sexo masculino e 3 do sexo feminino já se encontram no Jardim de Infância, conforme apresenta a seguir a Tabela 3.

Estabelecimentos Educativos	Feminino	Masculino	Total
N.º de crianças inseridas na Creche	1	0	1
Nº de crianças acolhidas a frequentar Jardim de Infância	3	3	6
Total	4	3	7

Tabela 3. Crianças a frequentar os estabelecimentos educativos

Algumas crianças apresentam problemas de saúde específicos que carecem de acompanhamento em consultas de especialidade no Hospital Pediátrico de Coimbra (Gráfico 2), bem como sessões de Fisioterapia, Terapia da Fala e Terapia Ocupacional.

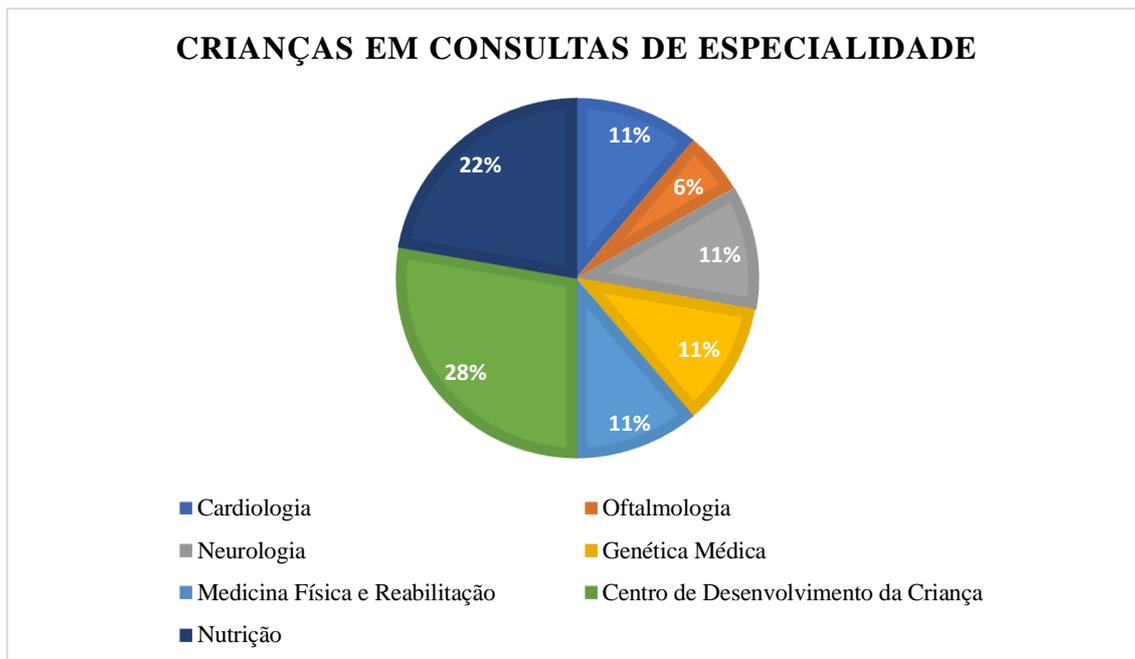


Gráfico 2. Crianças em consultas de especialidade

Duas crianças do sexo feminino, ambas com idades compreendidas entre os 4 e 6 anos, têm necessidades educativas especiais e problemas de saúde mais complexos. No caso da primeira, predominam problemas como atraso no desenvolvimento psicomotor moderado a grave, obesidade, estrabismo, disformismos, sendo também diagnosticada com *Síndrome de Bordel Biedl* de tipo II. Na segunda, os problemas existentes são atraso grave ao nível do desenvolvimento, sendo também acompanhada nas consultas de especialidade de neurologia devido à ausência de respostas ao som e consultas de genética cujo diagnóstico foi atraso no desenvolvimento psicomotor e microcefalia, posteriormente, foram identificadas também algumas características de autismo, embora o diagnóstico da doença não seja conclusivo.

3. O processo: do acolhimento à definição do projeto de vida

O processo inicia-se com o contacto da Gestão de Vagas da Segurança Social a fim de perceber se existe disponibilidade por parte da instituição em receber a criança. Assim que a equipa técnica recebe esse pedido, reúne e analisa em conjunto os relatórios

e dados clínicos inerentes ao pedido, avaliam as condições da instituição para aferir se a mesma dispõe tudo aquilo que é necessário para dar resposta às necessidades do/a menor, quando necessário são solicitadas mais informações. Por fim, e depois de analisados todos estes aspetos a equipa toma a decisão que posteriormente é comunicada por escrito à entidade que efetuou o pedido, articulando também a data de admissão, conforme se verifica no Projeto Educativo do NP.

A preparação do acolhimento requer a abertura do Processo Individual da Criança (PIC), a atribuição de um gestor de caso, que é um técnico da instituição que fica responsável por todo o processo relativo à criança, desde a sua admissão à sua saída. Para o momento do acolhimento, como podemos constatar no Projeto Educativo, é ainda necessário organizar o espaço individual da criança (cama, arrumação de roupa, artigos de higiene e brinquedos) bem como, selecionar um presente de boas-vindas para dar na entrada (Projeto Educativo, s.d.).

Após a admissão do/a menor, a equipa técnica avalia um conjunto de aspetos com intuito de conhecer a criança e também perceber como se está a sentir. Assim, a equipa identifica características pessoais, gostos e hábitos como de sono e alimentação. É também aberto um processo clínico e é avaliado o seu estado de saúde atual. Os documentos e pertences que traga consigo são devidamente guardados e desde logo é feita uma apresentação e respetiva integração da criança nos espaços existentes da casa, bem como, com as restantes crianças que nela residem e com todos os/as funcionários/as. Subsequentemente, e nos casos em que as famílias demonstram envolvimento, estas são informadas das regras de funcionamento da instituição, são também estipulados os horários de visitas e é ainda entregue o manual de acolhimento dos pais, para garantir que estas informações foram transmitidas e recebidas, tanto a equipa técnica como a família assinam uma declaração (Projeto Educativo, s.d.).

Para todas as crianças que chegam ao NP como já foi mencionado anteriormente é elaborado um PIC que acompanha todo o percurso desde o acolhimento até à definição do projeto de vida. Nesse documento, que é concretizado num dossierê, podemos constatar através da exploração dos mesmos, que se encontram informações e documentos que estão organizados da seguinte forma:

1. Admissão/Acolhimento: Dados de identificação e documentos individuais:

Antes deste separador encontramos a capa, onde constam as principais informações acerca da identificação da criança. Como é o caso do nome da criança e da instituição, data de nascimento, número de processo na instituição (que lhe é atribuído assim que é acolhida e é definido pelo número de entrada na casa e pelo restivo ano), número do Processo de Promoção e Proteção, data da admissão, as visitas que estão autorizadas, a entidade responsável pelo pedido, o nome dos pais e o motivo da entrada.

Já neste separador, encontramos o pedido de vaga e a resposta ao mesmo, a Confiança Judicial ao NP, a ficha de processo de admissão, lista de contactos e de pertences da criança bem como, a declaração de tomada de conhecimento relativa às regras da Casa e ao regime de visitas e a declaração relativa à entrega dos pertences da criança.

2. Documentos

No presente separador encontra-se o cartão de cidadão, certidão de nascimento e outros documentos importantes relativos à criança.

3. Avaliação Diagnóstica:

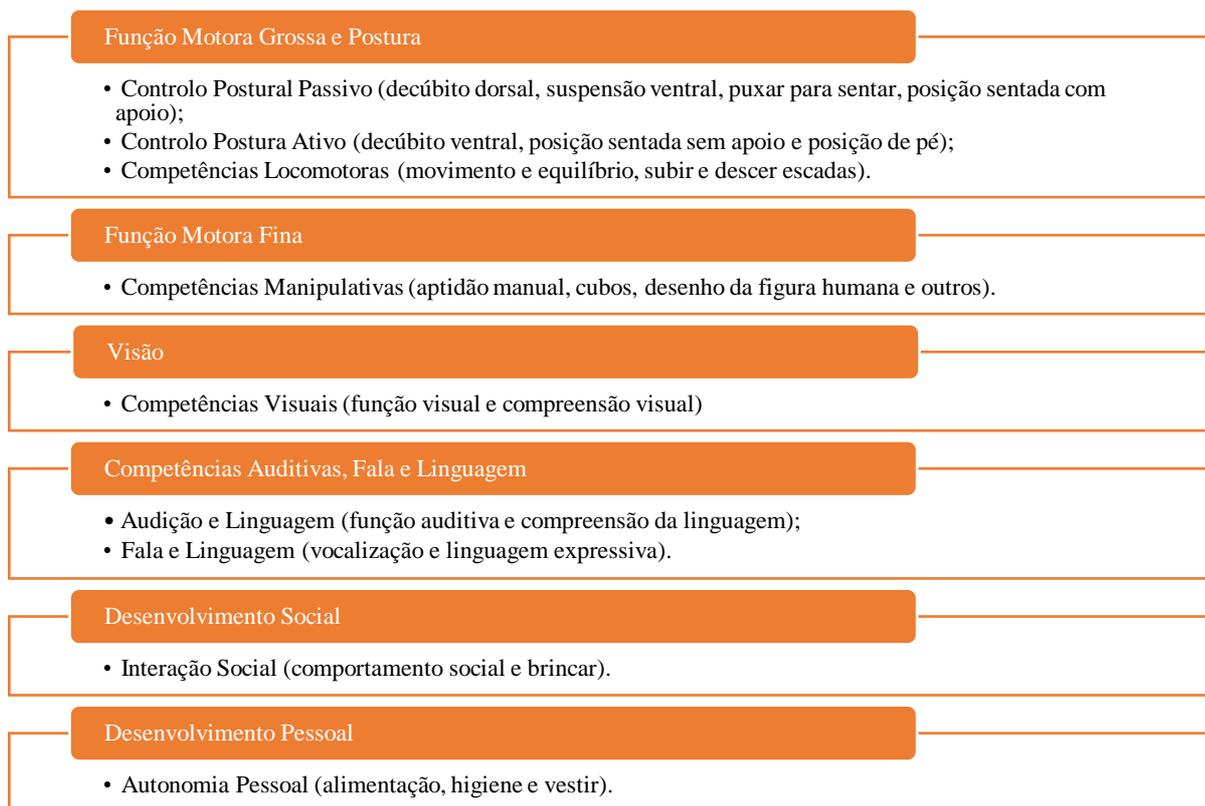
Após um mês e meio do acolhimento da criança tem que ser efetuada a avaliação diagnóstica do processo referente à criança, sendo que, existem instrumentos específicos para a recolha de dados da avaliação, que se baseiam em analisar o comportamento, desenvolvimento e adaptação à Casa de Acolhimento e nos casos em que já frequentam o pré-escolar também é avaliado esse desempenho. É ainda, elaborada uma história de vida com respetiva avaliação da organização e funcionamento familiar. Todas estas informações colminam com a elaboração do Relatório da Avaliação Diagnóstica que é inserido no PIC (Projeto Educativo, s.d.).

A avaliação diagnóstica pretende conhecer a criança englobando assim as suas características da personalidade, comportamentos padronizados, nível de desenvolvimento e outras capacidades. Tem ainda como objetivo também fazer um enquadramento familiar

tendo em consideração o contexto em que a criança se encontrava antes de ser acolhida, percebendo assim quais as dificuldades, para que a instituição possa, nesse sentido, potenciar condições que colmatem essas fragilidades.

Assim, e para avaliar esses aspetos encontramos neste separador os seguintes instrumentos: ficha de registos relativa aos comportamentos e atitudes da criança, a avaliação diagnóstica do estado de saúde, a entrevista com a criança, o questionário de avaliação relativo às condições pessoais, sociais e económicas da família, o questionário de caracterização da criança pelos familiares, a entrevista com a família, o questionário de avaliação do desempenho da criança em contexto pré-escolar, a grelha de observação da qualidade da interação da família em contexto institucional, a síntese da avaliação diagnóstica e o respetivo relatório.

Neste separador consta a primeira avaliação realizada à criança no que se refere ao seu desenvolvimento. Assim, no NP, o instrumento utilizado para avaliar este parâmetro é a escala *Schedule of Growing Skills II* (SGS II), que avalia o desenvolvimento das crianças dos 0 aos 5 anos (0 aos 60 meses) nos diferentes domínios (motor, visual, linguagem, autonomia, interação e cognição), com uma ampla extensão de aplicação relativamente ao intervalo de idades em que se aplica (Anexo I). Este instrumento apresenta várias vantagens quando comparado com outros existentes, vantagens essas como: a rapidez, sendo que, uma avaliação por criança demora em média 20-30 minutos, a simplicidade, no que concerne ao modo de aplicação, que é simples e claro dispendo de instruções detalhadas e ainda os resultados, que pelo facto de serem quantitativos facilitam a interpretação e análise simultaneamente facultam a informação necessária e conclusiva. A validade é ainda outra vantagem, sendo que os estudos que comparam a SGS II com outros instrumentos, concluem que a primeira é uma alternativa bastante eficaz sobretudo quando se trata de uma avaliação inicial (Bellman, Lingam & Aukett, 1987). Assim, a SGS II avalia seis aspetos através de nove escalas, conforme esquema abaixo:



Esquema 1. Áreas de avaliação do desenvolvimento. Adaptado do instrumento "Schedule of Growing Skills II"

NOTA: É ainda avaliada a cognição, através da extração das restantes nove áreas.

Esta avaliação é registada numa folha, possibilitando assim um acompanhamento da evolução do desenvolvimento da criança. Existe ainda a folha de perfil que permite uma visão rápida que facilita a compreensão relativamente ao nível de desenvolvimento em cada uma das áreas.

O perfil permite comparar, em cada área competências, a idade de desenvolvimento com a idade cronológica, evidenciando assim, as áreas mais e menos fortes, o que permite perceber quais as áreas a investir mais para melhorar os desempenhos que se encontram menos desenvolvidos.

4. Plano Socioeducativo Individual (PSEI):

O PSEI é elaborado com base no processo de avaliação diagnóstica anteriormente descritos. Todas as avaliações realizadas encontram-se neste separador, sendo que, apenas a primeira fica no separador anterior. Desta forma, e de modo a colmatar as necessidades verificadas, são criados projetos.

Alguns exemplos de projetos elaborados no NP são: Projeto de Acompanhamento de Saúde, Projeto de Acompanhamento Escolar, Projeto de Acompanhamento Psicológico, Projeto Nutricional e Projeto de Acompanhamento Familiar, o Projeto de Estimulação das Capacidades Manipulativas e o Projeto da Estimulação da Linguagem e Fala. Estes projetos têm como objetivos o acompanhamento e monitorização da família tendo em vista a execução do projeto de vida e visam ainda, o desenvolvimento de competências e objetivos específicos que se articulam e se baseiam mediante aquilo que são as maiores necessidades diagnosticadas em cada criança ao longo das avaliações que lhe vão sendo realizadas. A estrutura em prol da implementação deve conter a descrição do projeto e o seu objetivo geral, os objetivos operacionais e as estratégias que serão implementadas para a concretização do mesmo, a duração prevista com a respetiva calendarização de intervenção, os critérios de avaliação e os recursos. Os projetos têm a duração média de seis meses, sendo que, ao fim desse tempo tem que ser reavaliados para perceber quais os ajustamentos que são necessários efetuar.

5. Acompanhamento da Intervenção:

O quinto separador refere-se ao registo da natureza das diligências efetuadas e resultados, que consiste no registo de informações relativas a todo o tipo de contactos efetuados e recebidos bem como todo o tipo de situação que ocorra inerente ao processo da criança. Desta forma, são registados numa tabela por ordem numerica e de chegada, com a data, a ação realizada, os objetivos, identificação dos/as técnicos/as responsáveis, os/as intervenientes, a avaliação e por fim, a rubrica dos/as técnicos/as.

6. Visitas

É neste separador que são guardados os registos de telefonemas e de visitas efetuados pela família bem como, a grelha de observação relativa à qualidade da interação da família com a criança em contexto de visita. Este tipo de registos permite manter um histórico de todos os acontecimentos que ocorrem ao longo do tempo de acolhimento.

7. Ofícios/Informações Recebidas

Neste separador ficam guardadas todas as correspondências recebidas por via de carta/e-mail, pelas várias entidades envolvidas no processo.

8. Ofícios/Informações Enviadas

Neste separador ficam guardadas todas as correspondências enviadas por via de carta/e-mail, pelas várias entidades envolvidas no processo.

9. Orientações da Equipa Técnica

Neste separador encontramos deliberações da equipa técnica e preparação para Conferências e Debates Judiciais.

10. Informação Escolar

Neste separador ficam guardadas todas as informações relativas à frequência da criança na escola sempre que esta se verifique. Assim, permite que a equipa Técnica tenha um acompanhamento próximo e que fiquem guardados todos os documentos inerentes (ex: avaliações, notas informativas, planos de atividades anuais, pedidos...).

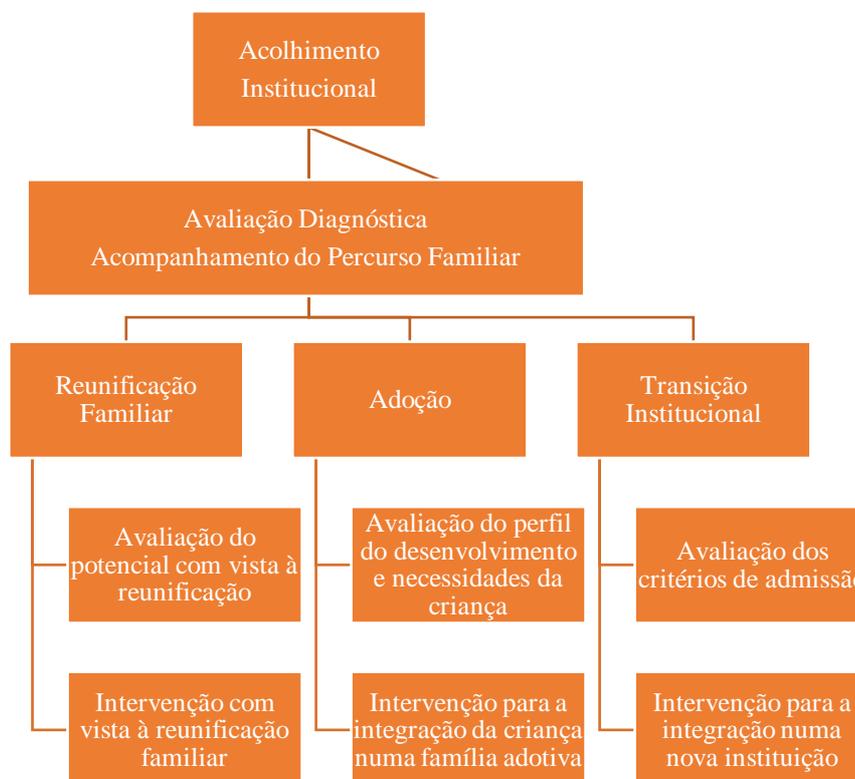
11. Arquivo do Processo Clínico

Neste separador consta todo o processo da criança no que diz respeito à sua saúde (relatórios clínicos, prescrições e recomendações médicas, marcações de consultas/exames...).

Ademais, é importante mencionar que, as crianças até um ano de idade tem também um processo para registo diário de peso, temperatura corporal, medicação, alimentação e muda da fralda. A partir de um ano de idade, passa a ser registado diariamente apenas a medicação, a temperatura corporal e o peso. A alimentação segue o plano de alimentação regulamentado para a respetiva faixa etária.

Relativamente à saúde, para além de se encontrar informação no PIC, existe também um processo clínico que guarda o boletim de nascimento e de vacinas, cartão de utente, uma cópia da folha de perfil da avaliação de desenvolvimento SGS II para ser consultada pelos especialistas de saúde, caso se justifique, e outros documentos importantes à saúde da criança.

Em suma, e como já vimos, todo este acompanhamento é garantido desde o momento do acolhimento até à definição do projeto de vida da criança, tendo em consideração que desde que a criança entra na instituição o objetivo principal, para além de promover o seu bem-estar e desenvolvimento integral, é também alcançar a concretização de um projeto de realização pessoal que respeite a sua identidade, independentemente de isso ocorrer com o retorno da criança à sua família biológica (quando são reunidas e asseguradas todas as condições para que isto aconteça com a máxima segurança) ou com a integração numa família adotiva como podemos observar no esquema 2. O evitável mesmo, é que a criança atinja a idade limite para poder permanecer na instituição sem ter o seu projeto de vida definido e tenha que ser transferida para outra.



Esquema 2. Projetos de vida alternativos à institucionalização (Adaptado do Projeto Educativo, s.d.)

Relativamente à família biológica, a promoção de comportamentos parentais proactivos e a importância que os mesmos representam no desenvolvimento da criança é algo que, como já vimos anteriormente, é crucial para o futuro da mesma no que se refere às suas relações interpessoais, à definição e alcance de objetivos, resiliência bem como para o seu bem-estar em sociedade. Neste caso, a preparação para este regresso, vai sendo feita através do acompanhamento e das visitas e contactos regulares estabelecidos com a criança e com a instituição, por parte da família.

No entanto, quando isto não acontece e a criança cresce num ambiente inseguro exposta a riscos de diversa índole, a exequibilidade de esta vir repercutir aquilo que vivenciou é imensa e daí desencadear um processo cíclico na geração vindoura para a qual contribuirá. Desta forma, é igualmente significativo salientar que um dos maiores desafios reside na instrução e consciencialização das famílias para uma parentalidade positiva através de conhecimentos básicos e de gestão familiar (Martins, 2013). Por outro lado, e depois de colocado em prática o desafio sem evidência de progressos ou esforços nesse sentido para colmatar as problemáticas, é imperativo afirmar que pode ser um risco reintegrar a criança na sua família de origem (Fernandes, 2013).

O projeto de vida pode passar também como já vimos, pela integração numa família adotiva e neste caso à semelhança do anterior, também este envolve um processo de adaptação embora seja diferente. Este é um processo delicado e que varia mediante vários fatores (idade da criança, necessidades/interesses, manifestações de ambas as partes, situação familiar da família adotiva).

Assim, e depois de selecionados os pais para a criança, mediante perfil traçado cujas necessidades e interesses de ambos se identificam, é desenvolvido com a criança o Programa de Preparação da Criança para a Adoção (PPCA), ou no caso dos bebés o álbum do bebé. Este programa está disponível para acesso por qualquer pessoa, embora seja específico para ser utilizado pelos Técnicos/as que trabalham com crianças a partir dos três anos de idade em processo de adoção. Assim, tem como objetivo facilitar a integração das crianças nas suas novas famílias adotivas e simultaneamente capacitar e encorajar o luto relativamente à família biológica, potenciando a sua vinculação, reconhecimento e aceitação do passado motivando assim uma comunicação mais tranquila sobre o mesmo (Henriques *et al*, 2017).

A aplicação do PPCA realiza-se em dez etapas que consistem em sessões entre o/a Técnico/a e a criança, em que se privilegiam momentos de conversas sobre a

mudança, apoio no processamento e assimilação da sua história passada e respetiva superação de perdas, bem como aceitação face ao presente e à nova família. À medida que o tempo vai passando e que as sessões vão avançando, a criança vai se sentindo mais confortável, receptiva e segura para receber a sua nova família (Henriques *et al*, 2017). Ao longo das sessões e na semana que antecede a aproximação chega à instituição um álbum de fotografias que comporta, sucintamente, a história da nova família (fotografias dos pais, da casa, do quarto já preparado para a chegada e outros espaços que tenham sido criados especialmente para receber a criança). Este álbum permite à criança ter uma perceção visual constituindo-se como um elemento fundamental que confere a noção de realidade à criança.

Terminadas as sessões e avizinhandose o momento da aproximação, o primeiro acontece na Casa e é quando a criança e a família biológica se conhecem pessoalmente, tendo a última um papel ativo nas rotinas a fim de se inteirarem acerca das mesmas e de conhecerem a criança. O segundo encontro ocorre num espaço imparcial à criança e família, por norma, é no exterior da Casa e já conta com algum afastamento por parte dos/as Técnicos/as, pretende-se com isto que a família vá assumindo o seu papel de forma autónoma e progressiva e que se vão estabelecendo alguns laços afetivos. Por fim, e sempre que é possível, a criança vai até à casa da família para se ambientar ao espaço e começar a partilhar algumas rotinas e dinâmicas na mesma (Monteiro, 2014).

No dia em que a criança sai definitivamente da instituição, a despedida é um momento marcante para todos os intervenientes tendo em conta o vínculo e os laços afetivos que se estabeleceram durante todo o período de acolhimento. Neste dia, em que os pais adotivos vêm buscar a criança, é-lhes entregue todos os bens pertencentes à criança (brinquedos, roupa...), documentos, informação clínica e escolar, os trabalhos de expressão realizados, bem como um CD com várias fotografias e o álbum do bebé (no caso das crianças que foram acolhidas desde bebés).

PARTE II: Atividades de Estágio

Capítulo III: O projeto de estágio “Leva-me até mim e Descobre(te)”

1. Diagnóstico

O diagnóstico é considerado uma etapa fundamental que permite realizar a recolha, análise e tratamento de dados relevantes que permitam caracterizar de forma rigorosa as necessidades existentes, de modo a possibilitar a definição de objetivos e metas que respondam às mesmas. O diagnóstico pode também ser referido como análise de necessidades e é uma correspondência entre a realidade e o expectável, ou seja, aquilo que encontramos e aquilo que deveríamos encontrar (MTS/SEEF, 1999).

A seleção de métodos e procedimentos na análise de necessidades deve ser rigorosa, séria e deve sobretudo espelhar aquilo que desejamos obter como resultados. Para Steadham (1980) existem um conjunto de técnicas possíveis para concretizar a análise de necessidades, são estas: a observação, mais ou menos estruturada, permite a descrição dos contextos reais e a deteção de falhas; a entrevista, que pode ocorrer individualmente ou em grupo, nas suas diferentes formas, é um instrumento eficaz quando se deseja revelar sentimentos, encontrar causas ou soluções viáveis e ainda permite um registo pormenorizado da informação e por último, o questionário, que nos seus diferentes formatos de elaboração e execução permite atingir num curto espaço de tempo várias populações e a informação recolhida é de fácil tratamento a nível estatístico.

1.1 Análise de Necessidades

Com o objetivo de poder intervir e contribuir para o trabalho já desenvolvido no NP no que se refere à Promoção de Competências Sociais e Emocionais, revela-se premente fazer um levantamento das necessidades. Assim, após uma análise detalhada e minuciosa dos PIC, da observação direta e do contacto com as profissionais da instituição, foi possível identificar as necessidades apresentadas de seguida, para a definição da proposta de intervenção. Assim, as principais necessidades verificadas foram:

- Monitorização e estimulação do desenvolvimento;

- Atraso no desenvolvimento;
- Dificuldades de autorregulação;
- Instabilidade emocional;
- Necessidade constante de atenção e afeto;
- Fragilidade emocional.

As necessidades identificadas são aquelas que mais predominam nas crianças do NP, sendo por isso, uma amostra representativa das necessidades reais das crianças acolhidas no NP e aquelas que são objeto e fundamento para a concepção do projeto “Leva-me até mim e Descobre(te)”.

Na tabela abaixo (Tabela 4) segue o cronograma de todas as atividades desenvolvidas no âmbito do projeto, como também todas as restantes que não estão diretamente relacionadas com o projeto mas que se concretizaram ao longo de todo o período de estágio.

Cronograma das atividades de estágio									
Atividades de estágio	Mês								
	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai
Análise das Necessidades do Ninho dos Pequenos									
Colaboração nas atividades da instituição									
Projeto Promoção das Competências Sociais e Emocionais em contexto de Acolhimento Institucional									
Formação – Intervenção Pedagógica com crianças e jovens com necessidades educativas específicas									
Debates judiciais									
Acompanhamento de Processos de Aproximação para Adoção									
Serviços Externos									
Seminários de Acompanhamento									
Construção do Relatório									

Tabela 4. Cronograma das atividades de estágio

2. Planificação

Nesta etapa que se refere à planificação, pretende-se fazer um enquadramento relativamente ao ponto onde nos encontramos, para onde tencionamos seguir, os recursos que dispomos, quais as metodologias aplicadas para alcançar os objetivos estipulados (Serrano, 2008). Esta planificação inclui todas as atividades desenvolvidas no âmbito da implementação do projeto “Leva-me até mim e Descobre(te)”. Assim, os próximos pontos compreendem os objetivos, os materiais produzidos e os respetivos recursos indispensáveis à elaboração dos mesmos, bem como a calendarização e por fim, a avaliação.

2.1 Objetivos

Segundo Serrano (2008), os objetivos constituem uma das fases mais importantes num projeto, pois refletem aquilo que queremos ver concretizado, ou seja, são as metas que queremos alcançar. Por isso mesmo, e tendo em atenção a sua importância, é necessário que a formulação dos objetivos obedeça a um conjunto de aspetos basilares para a compreensão dos mesmos. Para isso, têm de ser claros na forma como são redigidos para que sejam inteligíveis e de fácil compreensão; pertinentes, no sentido em que devem estabelecer uma ligação coerente com as necessidades e/ou problemáticas, e por fim, devem ser também reais, na medida em que sejam realizáveis e que não comprometam a verdade daquilo que se pretende em função dos recursos que existem.

Assim, o presente projeto tem como ponto de partida a promoção de competências sociais e emocionais em crianças em contexto de acolhimento institucional, através da dinamização de atividades, essencialmente de carácter lúdico pedagógico, como estratégia apelativa para o alcance da atenção e interesse das mesmas. Deste modo, pretende-se que através de uma aprendizagem didática e dinâmica as crianças desenvolvam competências sociais e emocionais cruciais ao seu bem-estar e desenvolvimento a curto, médio e longo prazo.

Por isso mesmo, e com base na *Taxonomia de Bloom*, também designada por Taxonomia dos objetivos educacionais, que é uma estrutura organizada em categorias cognitivas ou categorias de pensamento e surgiu na década de 1950, resultando do trabalho de uma comissão multidisciplinar de especialistas de várias universidades dos

EUA, lideradas por Benjamin S. Bloom. Segundo este, a taxonomia permite encontrar soluções para problemas identificados e que exigem capacidades intelectuais de resposta (Bloom, 1972). Assim, são apresentados de seguida os objetivos gerais e específicos:

Objetivos Gerais:

- Identificar a importância das competências sociais e emocionais;
- Distinguir as diferentes emoções;
- Compreender o autoconhecimento com a predisposição para a descoberta interior e do meio envolvente;
- Desenvolver estratégias para lidar com comportamentos desafiantes;
- Valorizar os comportamentos positivos;
- Construir instrumentos para trabalhar a regulação emocional, uma autoestima saudável, comunicação eficaz e gestão de conflitos.

Objetivos Específicos:

- Integrar as competências sociais e emocionais no dia-a-dia;
- Expressar as diferentes emoções;
- Elaborar atividades que auxiliem no processo de autoconhecimento e descoberta;
- Implementar estratégias face a comportamentos desafiantes;
- Aplicar reforços e incentivos positivos para motivar;
- Utilizar os instrumentos lúdico-pedagógicos para trabalhar a promoção de competências sociais e emocionais;

2.2 Metodologia

A metodologia aplicada destaca o caráter participativo, cooperativo, dinâmico e lúdico, priorizando os interesses e necessidades da criança em prol do seu desenvolvimento.

2.2.1 Participantes

O projeto destina-se a cinco crianças acolhidas no NP com idades compreendidas entre os 3 e 6 anos de idade (como verificamos na tabela 5, cujas crianças são identificadas

de A a E consoante a respetiva idade) tendo em consideração que só acima desta idade é possível desenvolver determinadas aprendizagens específicas, nomeadamente no que refere à exploração do seu mundo afetivo; à autoconfiança e a capacidade de aceitar e superar frustrações; expressão e registo de alguns sentimentos e emoções bem como, a nível de linguagem, manifestação de curiosidade por tudo o que rodeia, já consegue compreender várias instruções (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 2016).

No entanto, algumas das atividades foram especialmente pensadas, concretizadas e dirigidas aos bebés, através de estímulos sensoriais de modo a contribuir para o seu desenvolvimento pleno tendo por base que, é nessa fase que o cérebro se encontra mais ativo, o que permite que absorva tudo o que lhe chega de novo e guarde também.

Identificação	Criança A	Criança B	Criança C	Criança D	Criança E
Idade	5	4	4	4	4

Tabela 5. Identificação das crianças envolvidas no projeto

2.2.2 Instrumentos

Este projeto é constituído por várias atividades que foram elaboradas e que no seu conjunto procuram dar resposta às necessidades diagnosticadas e essencialmente às metas definidas pelo projeto. O título deste projeto “Leva-me até mim e Descobre(te)”, foi pensado tendo por base a ideia de que queríamos que se constituísse como um apoio à criança na descoberta dos seus próprios recursos e potencialidades bem como do meio que a rodeia e de que esse processo para além de ser individual realça também a importância dos pares.

Todas as atividades têm presente a componente lúdica e didática, de modo a apelar à atenção das crianças e tornar mais divertidos os momentos de aprendizagem. Para cada atividade é ainda elaborada uma folha de planificação para organizar a mesma, e na qual se encontra a descrição da mesma, duração, objetivos, implementação, recursos e avaliação.

Os instrumentos desenvolvidos no âmbito do projeto são para uso exclusivo da instituição e dos seus profissionais. E todos eles tiveram o consentimento e aprovação da orientadora local, a Dra. Ana Luísa.

2.3 Calendarização

No que respeita à calendarização, esta refere-se à duração do tempo de estágio, que teve início em outubro de 2020 e término em junho de 2021. O projeto já estava idealizado quando o estágio começou faltava ajustá-lo aquilo que seriam as necessidades reais da instituição e às crianças. Para isso, foi fundamental conhecê-las bem para perceber quais os seus gostos e que tipo de intervenção parecia funcionar melhor, entre outros aspetos que só inseridos no NP é que conseguimos perceber.

Importa ainda referir que o projeto se veio integrar nas rotinas e funcionamento já existentes na instituição, e que por isso, não ocupou o tempo integral de estágio, pois também participámos em outras dinâmicas e desenvolvemos outras atividades que se constituíram muito importantes para conhecer ainda melhor as crianças. Assim, o projeto “Leva-me até mim e Descobre(te)” foi acompanhando tudo o que já existia e foi acontecendo nos momentos destinados ao longo de todo o tempo de estágio.

2.4 Recursos

Como já temos vindo a referir, para um projeto se concretizar é fundamental que este disponha de vários recursos. Assim, de seguida vamos apresentar os nossos recursos humanos, físicos e financeiros.

2.4.1 Recursos humanos

Os recursos humanos são as pessoas envolvidas na execução do projeto. Assim, importa mencionar as 5 crianças acolhidas, a equipa técnica e educativa do NP que acompanharam as atividades desenvolvidas, ajudando e supervisionando a realização das mesmas.

2.4.2 Recursos físicos

A nível de recursos físicos, considera-se todo o tipo de materiais de consumo ou permanente e equipamentos que são utilizados para a elaboração do projeto. Desta forma, destacamos: folhas de papel, canetas, lápis de cor, cola, cartolinas, tesouras, papel plastificador, computador, *internet* e impressora. Sendo que, para cada atividade do projeto consta na planificação uma descrição detalhada de todos os materiais.

2.4.3 Recursos financeiros

Os recursos financeiros dizem respeito ao suporte monetário do projeto. Neste referimos apenas algumas das impressões de materiais que foram suportadas pelo NP, bem como, parte do material de expressão plástica que foi também providenciado pela instituição para a concretização das atividades do projeto.

3. Implementação

A aplicação do projeto, diz respeito à colocação do mesmo em prática, tendo por base o seu acompanhamento e desenvolvimento (Serrano, 2008).

No sentido de definir as estratégias tomamos em atenção as características pessoais das crianças, os seus interesses, os recursos humanos e materiais disponíveis, a idade, as rotinas e horários de funcionamento da instituição e outros aspetos condicionantes e essenciais para a concretização da nossa intervenção.

Assim, e antes de avançarmos para a exposição das atividades que integram o projeto “Leva-me até mim e Descobre(te)”, é significativo referir que algumas foram realizadas em contexto grupal e outras individualmente, sendo que, essa decisão vai ao encontro dos objetivos propostos em cada uma.

Importa agora fazer um enquadramento acerca das necessidades mais evidenciadas em cada uma das crianças a quem o projeto se destina, tendo em consideração os comportamentos observados diretamente, o PIC e os testemunhos dos/as profissionais. Preservando sempre a entidade de cada uma, não é feita referência ao sexo nem a outros dados que comprometam a sua confidencialidade e sigilo, por isso mesmo é sempre referida como criança, no sexo feminino, conforme substantivo da origem da palavra. Importa ainda referir, que, para o levantamento das necessidades nos focámos nisso mesmo, mas sem desvalorizar as suas múltiplas qualidades.

Criança A: apresenta uma forte instabilidade emocional e consequente dificuldade em se autorregular, o que acaba por revelar baixa tolerância à frustração. Procede com chamadas de atenção frequentes, assim como comportamentos desafiantes sempre que a mesma não é dirigida a si. É possível verificar a presença de algumas dificuldades na gestão de conflitos entre pares.

Criança B: revela baixos níveis de autoestima, pelo que, necessita de aprovação constante relativamente às suas ações e desempenhos, isso verifica-se essencialmente nas atividades que realiza e das quais procura imediatamente de parecer positivo junto do adulto. Manifesta também alguns comportamentos desajustados quando contrariada e alguma dificuldade em gerir as suas emoções.

Criança C: manifesta alguma falta de confiança e inibição, o que muitas vezes limita a sua predisposição para aprender, participar e interagir nas atividades. Apresenta ainda alguma resistência ao cumprimento de determinadas regras nomeadamente no que se refere aos momentos de estar sentada à mesa para realização das atividades.

Criança D: manifesta alguma falta de envolvimento e introversão, o que muitas vezes limita a sua predisposição para aprender, participar e interagir nas atividades. Mesmo quando se sente confortável e à vontade com o grupo tem alguma dificuldade em expressar a sua opinião quando é solicitada relativamente a diversos assuntos. A comunicação é restrita aquilo que é essencial apenas. Isto não se verifica tanto se estivermos individualmente com a criança, aí já existe mais confiança e até diálogo com mais conteúdo.

Criança E: revela alguma instabilidade emocional, principalmente quando as situações não ocorrem a seu favor e como desejaria, manifesta também dificuldade em gerir a sua frustração nesses momentos e por isso reage com comportamentos extramente desafiantes e por vezes difíceis de contornar. É possível verificar a presença de algumas dificuldades na resolução de conflitos entre pares que após mediação do adulto acabam por se solucionar.

Neste sentido, e tendo em consideração os dados observados foram então desenvolvidas as atividades que são apresentadas de seguida.

Atividade 1 - Jogos das Emoções: “Vamos brincar com as emoções”

(Anexo II)

- **Jogo 1: Teatro das Emoções**

1. Um dos jogadores tira uma carta de emoções à sorte e pensa numa situação em que se tenha sentido dessa forma;
2. Depois escolhe outras crianças que estejam em jogo, quantas quiser, e vai contar-lhes a sua situação para que com base nisso, as mesmas representem a história;

3. No final, cada jogador vai explicar como se sentiu a representar o seu papel e se tivesse vivido essa situação na realidade se agiria da mesma forma ou não;

4. Depois disso, o jogo avança, e o próximo jogador repete o processo anterior, até que todos tenham todos jogado e participado com a sua situação.

- **Jogo 2: Fazemos Emo-mímica?**

1. O jogo começa com a definição do número de pontos a atingir.

2. Um dos jogadores tira uma carta de emoções à sorte e representa a emoção que aparece, apenas com mímica e sons, alternando entre ambos;

3. Os restantes jogadores têm de adivinhar qual é a emoção retratada. O primeiro a conseguir recebe um ponto;

4. Continua-se a jogar, até atingir o número de pontos definidos no início.

- **Jogo 3: “Vamos fazer uma história com emoções?”**

1. Um dos jogadores tira 4 cartas de emoções à sorte e inventa uma história em que apareçam essas emoções;

2. No final, cada jogador vai explicar como foi inventar uma história com a emoção que lhe calhou e se sentiu dificuldade e porquê.

No primeiro jogo implementado, cujo tema são as emoções e a sua importância, adaptámos o teatro das emoções, de modo a que cada criança tirava à sorte uma carta, sendo que depois tinha que descrever o a imagem e o que via nela, refletindo e verbalizando sobre um momento da sua vida em que já se tinha sentido assim, dando exemplos de situações concretas. Houve algumas vezes dificuldades, como seria esperado, mas essas dificuldades foram sempre colmatadas com a ajuda do restante grupo.

Recordando alguns momentos dos jogos, vem à memória que quando saiu a carta “relaxamento”, esta foi imediatamente associada a alguns momentos de pausa para focar a atenção no momento presente e na respiração que acontecem no NP algumas vezes. Quando saiu a carta “vergonha” o grupo recordou um momento da dramatização a que assistiram na Festa de Natal da instituição que foi dinamizado por nós e cuja história a determinada altura aborda a questão da vergonha que a personagem sente em relação ao momento em que conhece o Pai Natal. Na carta “alívio”, o jogador que retirou essa carta referiu que se sentia aliviado depois ir à casa de banho quando se encontrava muito aflito e explicou ainda, que também se sentia assim quando tinha uma tarefa difícil para fazer

e conseguia realiza-la com sucesso. Já na carta “felicidade” foi unanime que se sentiam assim quando brincavam todos juntos.

Atividade 2 – Dá cor às tuas emoções

Esta atividade foi desenvolvida aproveitando a época festiva do Carnaval, e consistia numa folha que tinha quatro palhaços a representar diferentes emoções, cada criança tinha que associar uma das cores apresentadas a determinada emoção e depois pintar o palhaço conforme a cor que associou.

O objetivo da atividade foi permitir que as crianças se familiarizassem com diferentes emoções e que sobretudo as conseguissem identificar, ao mesmo tempo que, recordavam as cores. No final, conversávamos sobre o trabalho e sobre o que acontecia quando nos sentíamos na posição do palhaço. Incutindo a ideia de que devemos aceitar sempre as nossas emoções mesmo que nem sempre sejam de felicidade e diversão como gostaríamos e/ou seria esperado, procurando perceber o porquê de nos estarmos a sentir menos bem para conseguirmos encontrar estratégias que nos façam sentir melhor, sem rejeitar o outro estado.

A planificação desta atividade encontra-se no Apêndice I e as respetivas fotografias da mesma no Apêndice II.

Atividade 3 – Aprende a Ler as tuas Emoções (Anexo III)

Esta atividade consistiu na exploração do livro “O meu primeiro livro de abas: Emoções” da autoria de Paolo Mancini e Luca de Leone. Conforme o próprio título indica, é um livro que contém seis abas mágicas que tornam esta exploração ainda mais interessante e divertida.

Através de histórias simples que traduzem situações da realidade e numa forma bastante interativa, pretendeu-se que as crianças contactassem com situações do quotidiano e conseguissem perceber as possíveis reações face a um problema.

O livro trabalha seis emoções (raiva, tristeza, medo, desagrado, timidez e alegria), para cada emoção tem uma história simples e depois com a ajuda das abas, de um lado o que acontece se agirmos de forma positiva e do outro o que acontece se agirmos de forma negativa em relação à respetiva emoção.

O local escolhido para explorar este livro foi o cantinho das histórias na sala das atividades lúdico pedagógicas, em que todos se sentámos nas almofadas e juntos fomos explorando o livro e conversando sobre o mesmo. Todas as crianças tiveram a oportunidade de virar as abas, momento esse que no nosso entender, foi o que mais gostaram e o que as motivou bastante a adivinhar antes virar, o que para elas seria o comportamento positivo e o negativo.

Atividade 4 – A Caixa das Maravilhas

A Caixa das Maravilhas é uma atividade que envolve o desenho, a pintura e a comunicação. Numa folha está desenhado um baú vazio à espera que lhe sejam colocados no seu interior muitos tesouros. A planificação desta atividade encontra-se no Apêndice III.

As instruções da atividade baseiam-se no desenho de cinco objetos, pessoas, sentimentos e/ou lugares que transmitam bem-estar e alegria. Assim, individualmente e à vez cada criança realizou a sua atividade, desenhando e pintando, com a ajuda da estagiária que escrevia também algumas ideias ditas pela criança.

O intuito desta dinâmica pauta-se pela reflexão sobre a felicidade e sobre aquilo que atribui significado a esse estado. Assim, cada criança guardou no seu baú os seus tesouros estabelecendo, desta forma, uma analogia com aquilo que para ela seria mais valioso. É de referir, a importância da atividade também no sentido de lhes conferir segurança e confiança, reforçando assim a sua autoestima por saber que têm vários motivos para serem felizes, e mesmo que existam dias em que motivadas por outras situações se sintam tristes, saberem que podem sempre abrir o seu baú e ir buscar lá dentro os seus tesouros para junto de si e que esses serão sempre motivos para se sentirem bem.

As crianças foram recetivas à atividade e manifestaram interesse em a realizar e as fotografias encontram-se no Apêndice IV.

Atividade 5 – Hoje sou eu o/a Chefe

Esta é a atividade que, no que se refere à duração, é a mais longa, pois a sua implementação ocorre diariamente e não tem previsto um fim, a não ser que, em algum momento venha a ser retirada pela equipa Técnica, o que não aconteceu desde a implementação até ao término do estágio. De modo a organizar e planear

pormenorizadamente a atividade, elaboramos uma planificação se encontra no Apêndice V.

Esta atividade foi consiste numa tabela organizada com os dias da semana e os estados do tempo. A cada dia corresponde uma fotografia da criança que é colada no respetivo dia, e assim sucessivamente. Esta instrumento foi produzido com recurso ao programa *Canva* onde foi realizado todo o trabalho de *design*, de seguida foi imprimido e plastificado, tal como as fotografias das crianças e os símbolos do estado tempo, tendo sido colocado velcro nestes dois últimos, para que fosse possível serem expostos na tabela diariamente.

É fundamental referir que o *layout* adotado para ilustração da tabela, tem por base dois aspetos relevantes. O primeiro que se refere também ao tema geral é alusivo ao espaço, aos planetas, ao sol, à lua e às estrelas, pois está diretamente relacionado com o tema anual que norteia o Relatório de Atividades Anual que é o Sistema Solar, e que por isso mesmo, é abordado em várias atividades ao longo do ano letivo, como é possível verificar no próximo capítulo, e também considerámos interessante priorizá-lo e selecioná-lo como tema principal para este instrumento produzido. O segundo aspeto, tem que ver com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) que contempla a necessidade de conhecer alguns aspetos relacionados com a ciência nos seus vastos domínios, como é o caso da meteorologia e da importância de conhecer os seus diferentes estados diariamente. Este processo de orientação temporal, permite que as crianças compreendam e organizem o seu dia a dia e as suas rotinas (OCEPE, 2016).

A tabela foi colocada num placar na copa, estando num lugar comum e por isso estrategicamente pensada para ficar aí, sendo que é após as refeições, que diariamente é selecionado/a o/a chefe do dia. A seleção é aleatória, assim sendo, todos têm a mesma probabilidade de calhar e tendo ainda em consideração que as fotografias de cada um à medida que vão saindo diariamente vão ficando também fixadas na tabela, não se corre o risco de se repetir a mesma criança, sem que se tenha feito uma volta completa de modo a que pelo menos uma vez, todas sejam chefes um dia por semana. Importa ainda clarificar que, cada criança no seu dia de ser o/a chefe colocava um pendente a identificar a sua condição. Este pormenor despoletou um interesse enorme nas crianças, sendo este verificado através do entusiasmo manifestado em colocar o pendente no dia em que é o/a chefe. Podemos encontrar fotografias deste recurso no Apêndice VI.

O objetivo principal desta atividade passou por atribuir "recompensas" às crianças, sendo que, uma vez por semana cada uma será o/a "chefe" do dia, ou seja, nesses

dias cada uma ajudar mediante as suas possibilidades, tanto nas tarefas diárias com as auxiliares como também na preparação das atividades com os elementos da equipa técnica. Isto é uma forma de cada criança ser recompensada pelas aquisições que vai atingido ao nível de comportamentos positivos e por conseguinte ver reduzidos os comportamentos indesejados. Sendo que, o papel de chefe não visa uma postura autoritária perante os restantes, mas sim a capacitação de uma liderança positiva, ou seja, quem está a assumir o papel de chefe em cada dia, sente a responsabilidade de ser um exemplo e referência para os demais, pelo que, assume comportamentos positivos porque conhece o impacto que isso terá na forma como depois é avaliado o seu desempenho e nas próximas vezes que assume esse papel sabe que isso é valorizado.

A médio e longo prazo e com o decorrer desta prática, prevê-se que esta ideia se torne ainda mais frequente, tendo em vista como já referido, a diminuição dos comportamentos desafiantes. Espera-se também, que esta dinâmica seja ainda, uma ferramenta útil para o desenvolvimento de um espírito ainda mais colaborativo, capaz de tomar decisões, com facilidade, solucionar problemas a partir do diálogo e essencialmente capaz de se aceitar e de se autoconhecer, potenciando assim descobertas sobre si e no impacto que isso pode representar com os que a rodeiam, aprendendo com isso.

Atividade 6 – Sensações & Emoções: O Sistema Solar

A presente atividade foi planeada (Apêndice VII) e executada com os bebés no NP e consistiu numa apresentação com fantoches. Foram construídos fantoches referentes ao tema do sistema solar e da natureza, tendo como objetivo criar um momento lúdico e simultaneamente de estimulação dos sentidos e das sensações, que nesta faixa etária revelam-se cruciais para o desenvolvimento cognitivo.

Os materiais utilizados para a elaboração dos fantoches foram estrategicamente pensados para captarem a máxima atenção dos bebés, exagerando-se assim no tamanho, contraste das cores e aplicação de pormenores com alguma sonoridade. Foi também construído um pequeno cenário do género de janela que decorámos como sendo o espaço. Toda a dinâmica ocorreu por trás dessa janela, o tornou o momento divertido tendo em consideração a reação por parte dos bebés que demonstrou curiosidade e interesse.

É sem dúvida uma atividade sensorial, que foi apresentada com música, um poema simples e uma breve história, à medida que iam sendo apresentados os fantoches. No final, a cada fantoche foi associado um som que o caracterizava (por exemplo, ao sol foi

atribuído o som “cucu”, à estrela “plim plim plim”...) e repetimos várias vezes esses sons ao mesmo que tempo que movimentávamos as figuras. Os bebés puderam ainda pegar nas figuras e explorá-las integralmente, tocando para sentir a sua textura e sons. É possível ver a fotografia deste recurso no Apêndice VIII.

4. Avaliação

Após a aplicação do projeto e concluídas as etapas anterior, é fulcral fazer um balanço e uma avaliação relativamente à qualidade e desempenho do mesmo, a fim de perceber o que correu bem e o que não correu tão bem, para que seja possível melhorar.

4.1 Estratégia Avaliativa

A fase da avaliação, segundo Serrano (2008), é fundamental pelo facto de se constituir como um momento de reflexão que avalia os resultados de tudo aquilo que foi operacionalizado. Desta forma, existem três momentos que podem ser passíveis de avaliação, são estes: a avaliação diagnóstica, que como já vimos anteriormente ocorre para avaliar e aferir necessidades, através da observação direta, análise dos PIC e testemunho das Técnicas, às quais se pretende que o projeto apresente resposta; a avaliação formativa, que ocorre ao longo do projeto e à medida que se vão realizando atividades, como também já vimos, é baseada na observação direta das reações face à intervenção e por fim, avaliação final que se concretiza no fim do projeto estar concluído e é sobre essa que vamos abordar detalhadamente de seguida.

Para a avaliação final e geral do projeto “Leva-me até mim e Descobre(te)”, selecionou-se como estratégia a elaboração de um Questionário sobre a Satisfação e Avaliação (Apêndice IX) dirigido à Dra. Ana Luísa. O mesmo procurou obter resposta a 12 itens, sendo 8 de resposta fechada, numa escala de avaliação de 1 a 5, sendo que 1 se refere a “discordo totalmente” e 5 “concordo totalmente”, 3 de resposta aberta e uma para comentários e/ou sugestões de melhoria. A escolha do questionário como metodologia para recolha de dados deve-se, essencialmente, ao facto de esta possibilitar o acesso detalhado à informação pretendida.

4.2 Resultados Processuais

Tendo por base as respostas da orientadora local ao Questionário sobre a Satisfação e Avaliação (Apêndice X), podemos concluir que, o balanço é positivo. Tendo em consideração que às 8 questões de resposta fechada, 7 foram avaliadas na escala de 5 e uma na escala de 4. Já nas respostas abertas, foi também possível obter o parecer positivo relativamente à motivação e envolvimento das crianças nas atividades desenvolvidas, bem como no contributo para a instituição que se verificou ser diversificado e enriquecedor, bem como potenciador do desenvolvimento. A nível de constrangimentos, o único referido foi a pandemia por Covid-19 que conferiu alguma irregularidade ao estágio presencial. Na questão direcionada para os comentários e/ou sugestões de melhoria não foi registada resposta.

Face ao exposto, consideramos que, na medida do possível e de uma forma geral, foi possível responder às necessidades das crianças e simultaneamente possibilitar vários momentos de aprendizagem incluindo a componente didática que vai ao encontro daquilo que são os gostos e interesses das mesmas, atendendo sempre às especificidades individuais de cada uma fomentando da mesma forma a coesão grupal.

Capítulo IV: Outras dinâmicas desenvolvidas e participação noutras atividades

1. Atividades de Estágio

Conforme já foi referido anteriormente, para além das atividades desenvolvidas no âmbito do projeto de estágio, foram também implementadas outras atividades e surgiram algumas participações em dinâmicas e projetos da instituição que, foram um complemento essencial que enriqueceu bastante o estágio realizado.

Este último capítulo que iniciamos, reflete uma grande parte das dinâmicas e rotinas do NP, desde as atividades temáticas, como também o acompanhamento das visitas familiares, atividades diárias de estimulação, atividades no âmbito das adaptações face à pandemia Covid-19, reuniões de equipa, debates judiciais, serviços externos e uma formação realizada no âmbito da intervenção pedagógica com crianças e jovens com necessidades educativas específicas.

1.1 Atividades Temáticas Desenvolvidas

As atividades temáticas implementadas concretizaram-se com base em datas comemorativas e assinaladas bem como, transições de estações do ano. Importa referir que, as datas comemorativas têm a sua essência na história relativa a cada momento e é por isso muito importante valorizar o significado que deve contribuir para o desenvolvimento social, cultural e emocional das crianças através da componente lúdica. Nos próximos pontos serão apresentadas descritas todas as atividades realizadas descritas, sendo que, nos Apêndices se encontram as planificações, recursos produzidos e fotografias.

Todos os trabalhos realizados pelas crianças são posteriormente afixados no painel na sala de convívio e lá permanecem até serem realizados outros. No momento em que são retirados do painel para dar lugar aos novos, são devidamente guardados numa caixa e quando as crianças saem da casa levam consigo todos os seus trabalhos realizados.

1.1.1 As cores do outono

A primeira atividade do estágio curricular decorreu na segunda semana do estágio e ficou concluída no dia 19 de outubro de 2020. Sendo esta a primeira atividade realizada, ainda não eram conhecidas as especificidades e gostos de cada criança, foi por isso uma atividade de diagnóstico, conhecimento e aprendizagem.

A atividade foi de expressão plástica e consistiu na realização de carimbos com folhas caídas das árvores que foram apanhadas do chão e aproveitadas para fazer carimbos com as cores do outono: amarelo, laranja, vermelho e castanho.

A cada criança foi dada uma folha branca, tinta amarela, laranja, vermelha e castanha. Com um pincel, tinham que pintar, à vez, a folha da árvore com uma das cores que foram disponibilizadas e depois carimbar na folha branca, e assim sucessivamente até serem carimbadas folhas com as quatro cores. À medida que cada criança ia pintando a folha com a respetiva cor, íamos questionando sobre a identificação da mesma com a intenção de estimular a aprendizagem das cores.

As crianças manifestaram interesse na atividade, foi possível aferir isso através da motivação que demonstravam em querer participar e sobretudo curiosidade relativamente aos carimbos com folhas verdadeiras. Foi ainda registado fotograficamente a finalização da mesma (Apêndice XI).

1.1.2 Viva o *Halloween*, viva a Festa!

A celebração do *Halloween* concretizou-se em três momentos: os trabalhos de expressão plástica, realização de surpresas para entregar às crianças e a festa do dia das bruxas realizada no dia 31 de outubro de 2020.

No que concerne aos trabalhos de expressão plástica, estes consistiram na construção de um Drácula, sendo que é uma figura alusiva à época festiva em questão. Assim, para construir essa figura baseou-se na forma geométrica que corresponde ao triângulo e desta fez-se o corpo e a capa, em pedaços de cartolina preta, branca e vermelha. Depois, cada criança dispôs os seus triângulos de modo a formar o corpo e a capa e colou na folha branca. De seguida, foi pedido que desenhasse/pintasse os botões da camisa. A cabeça do Drácula foi a mão de cada criança pintada metade, a cara, de “cor de pele” e a outra metade, o cabelo, de preto, desenhando a caneta preta os olhos, nariz e boca. Por fim, foi feita uma lua e algumas estrelas e morcegos em cartolina e papel,

respetivamente, para decorar o restante trabalho. Tivemos ainda, a oportunidade de decorar a entrada da Casa com enfeites alusivos ao tema e uma abóbora trabalhada por nós.

Para a realização das surpresas, fizemos caixinhas de guloseimas para distribuir pelas crianças no dia da festa de *Halloween*. Sem saberem, todas as crianças participaram nesta atividade através da pintura e decoração de morcegos. Nós depois fizemos o resto, decorámos as caixinhas, colámos os morcegos e colocámos as guloseimas lá dentro. As caixinhas foram distribuídas na festa e para além das guloseimas, tinha também um lanche especial, diferente para quebrar a rotina e comemorar o dia das bruxas.

A festa do dia das bruxas realizou-se na manhã do dia 31 de outubro de 2020. A estagiária e educadora social disfarçaram-se de fantasma e bruxa, respetivamente e invadiram a sala convívio para surpreender as crianças e dar início à festa. O momento contou com muita música, animação, dança e no fim, antes de entregar as caixinhas de guloseimas, ainda foi contada uma história “As Histórias da Bruxa Cornélia” alusiva ao tema do dia. As fotografias relativas a estes três momentos encontram-se no Apêndice XII.

1.1.3 Come as castanhas, mas guarda as cascas!

No dia de São Martinho, começámos por fazer um magusto, mas havia uma condição: cada criança tinha que guardar as cascas das castanhas que comesse. Essa condição tinha como finalidade, depois do magusto, cada criança aproveitando as cascas, decorar ao seu gosto um molde de uma castanha e pintar as folhas com tinta utilizando a técnica do cotonete. A planificação da atividade encontra-se no Apêndice XIII.

Para assinalar o dia, as crianças aprenderam ainda uma canção “Magusto de S. Martinho”. As crianças aprenderam a música com relativa facilidade e revelaram muito interesse em cantar várias vezes. As fotografias de relativas à comemoração deste dia encontram-se no Apêndice XIV.

1.1.4 Vamos Cantar: Pinheiro de Natal

Aproximada a época mais desejada do ano, o Natal, foi necessário começar os preparativos para a Festa de Natal. Assim, começou-se pela aprendizagem de uma canção que viria a ser integrada num dos momentos da festa. A música que nós apresentámos às

crianças intitula-se por “Pinheirinho de Natal” (Apêndice XV). Um pouco mais complexa que a canção da atividade anterior, esta demorou um pouco mais a ser decorada pelas crianças, pois era também mais extensa. No entanto, foi uma questão de tempo até as crianças a aprenderem na totalidade. Para treinar, eram vários os momentos do dia aproveitados para o efeito, por exemplo, enquanto as crianças aguardavam pelas refeições, era um ótimo momento para as manter calmas e ao mesmo tempo envolvidas numa dinâmica de grupo em que se sentia que ficavam motivadas por estarem a aprender algo novo e em conjunto.

1.1.5 Presépio de Natal

Esta foi uma atividade de expressão plástica que consistiu na construção de um presépio através de materiais aproveitados. A base para o trabalho foi uma folha branca pintada toda de azul escuro pelas crianças, a construção das figuras foi em cartolinas de diferentes cores para ser fácil de se distinguirem uma das outras e também distinguir o corpo da cabeça, a cabana e a manjedoura em paus pintados pelas crianças. Para decorar o restante fundo, foram pintadas com os dedos das crianças, bolinhas amarelas que representam estrelas e foi ainda recortada numa cartolina brilhante, uma estrela cadente para colar no trabalho. As crianças depois de tudo montado e colado, desenharam ainda os olhos, o nariz e a boca e colocaram o cabelo. As fotografias desta atividade encontram-se no Apêndice XVI.

1.1.6 Árvore de Natal Angelical

A construção da Árvore de Natal Angelical (Apêndice XVII), foi uma atividade de grupo, que envolveu a participação de todos, fomentando assim, um espírito de equipa e promovendo valores como a cooperação que tanto marcam a quadra natalícia.

Em papel de cenário desenhou-se uma árvore de Natal gigante e todas as crianças (à exceção dos bebés que ainda não conseguiam) pintaram inicialmente, o fundo a azul escuro, a verde a árvore e o tronco de castanho. Depois de tudo bem seco, foram colados 14 anjinhos feitos de papel, cada um deles representava cada uma das crianças da Casa naquele momento e por baixo de cada um foi escrito o nome da criança a que correspondia.

Esta foi uma atividade que permitiu uma grande envolvimento entre todos e as crianças colaboraram com muito entusiasmo do início ao fim. Esta árvore de Natal ficou exposta no painel da copa durante toda a época natalícia.

1.1.7 Dramatização “Surpresa de Natal”

A festa de Natal ocorreu no dia 18 de dezembro de 2020 e tendo em consideração e pandemia provocada por Covid-19, não foi possível realizar uma festa como era habitual, aberta a algum público como é o caso dos jardins de infância que as crianças frequentavam que eram sempre convidados. Desta forma, e sendo limitada apenas aos profissionais e estagiárias da instituição, organizou-se uma festa recheada de bons momentos. As crianças foram vestidas com roupas alusivas ao Natal e a Casa toda decorada à luz da quadra natalícia (Apêndice XVII).

Assim, foi preparada a dramatização da história “Surpresa de Natal” para apresentar às crianças no decorrer da festa. Esta dramatização necessitou de algum tempo de preparação antecipada para ajustamento da história, adaptações de pormenores, ensaios, construção de materiais e organização de acessórios conforme podemos encontrar na planificação no Apêndice XIX.

Foram ainda construídas coroas com uma árvore de Natal, para as crianças mais velhas colocarem na cabeça no dia festa. As mesmas participaram ativamente na atividade através da pintura, decoração e recorte com ajuda, do pinheiro para colar na coroa. Para os mais pequenos, foram construídas maracas reutilizando garrafas de água usadas, colocámos lá dentro, tinta de água com brilhantes e pedrinhas, fechámos bem a garrafa (de modo a que não abrisse mais, para não correr o risco de ao agitar a mesma se abrir e constituir um risco para as crianças) e por fim, colocámos ainda um guizo para que, ao agitar produzisse mais som. Estas duas criações foram complemento para a música aprendida “Pinheirinho de Natal”, que veio integrar a festa como já referido anteriormente, pois inseriu-se numa parte da dramatização destinada, para se cantar a música com as crianças a usar os instrumentos construídos.

Ao longo da dramatização da história, as crianças foram participando e interagindo de forma muito positiva, foi possível verificar isso através do entusiasmo que demonstravam. No final, foram distribuídos saquinhos com alguns doces a cada criança e posteriormente, proporcionou-se um almoço diferente e ao gosto das crianças, almoçámos todos juntos *McDonald's*. Durante a sesta das crianças, o Pai Natal passou

pela casa e deixou os presentes no sapatinho de cada uma. Quando acordaram, foi o momento de entrega e abertura das prendas, bem como o lanche, música e muita festa. Parte dos momentos da festa de Natal foram registados fotograficamente, sendo possível encontrar no Apêndice XX.

1.1.8 Feliz Natal, é o que deseja o nosso postal!

Todos os anos as crianças elaboram postais natalícios para enviar a algumas entidades e instituições com as quais o Ninho dos Pequenitos estabelece ligação. Por norma, esse postal é também o convite para a festa de Natal. No entanto, como já referimos não houve festa de Natal aberta para o exterior, então os postais foram elaborados e enviados na mesma, mas apenas com votos de feliz natal (Apêndice XXI).

1.1.9 Ping Ping Ping... O inverno chegou!

Para assinalar a chegada do inverno, as crianças realizaram uma atividade de expressão plástica, que consistiu em identificar as roupas características do inverno (casaco, botas, luvas, gorro...), pintá-las, cada uma com uma cor diferente. De seguida, pintaram com tinta de água azul, uma folha branca onde depois colaram as diferentes peças de roupa, de modo a formar um corpo. No final, cada uma desenhou a cabeça, cabelo, olhos, nariz e boca e teve ainda que identificar as cores que escolheu para pintar as diferentes peças, como podemos ver no Apêndice XXII. Esta atividade permitiu que as crianças relembassem as diferentes partes do corpo humano, as diferentes peças de roupa adequadas às diferentes estações do ano bem como, as cores.

Para complementar esta atividade, as crianças aprenderam ainda uma canção alusiva ao tema, cujo o título é “o inverno chegou” e no final, cada uma falou sobre o que mais gostava de fazer no inverno, sendo que, todas referiram que uma das coisas que mais gostavam de fazer no inverno era calçar as galochas e brincar à chuva com os amigos.

1.1.10. Máscara de Carnaval “O Sol Mexicano”

“O Sol Mexicano” foi o tema escolhido para o trabalho de expressão plástica do Carnaval. Como já vimos, sendo o tema anual das atividades o Sistema Solar, escolhemos o sol para fazer parte desta atividade. Este aspeto associado ao carnaval e ao facto de

serem muito conhecidas as máscaras mexicanas nesta época festiva, juntámos as ideias e cada criança construiu a sua máscara.

Para a construção das máscaras, as crianças começaram por pintar uma folha de laranja, amarelo e rosa usando a técnica da esponja, posteriormente desenhou-se nessa folha pintada um círculo que as crianças com ajuda do adulto recortaram. De seguida, e com o resto da folha que sobrou recortaram retângulos para fazer os raios do sol. No final, colaram os raios no sol e com papel fizeram as formas dos olhos, nariz e boca, como é possível verificar no Apêndice XXIII

1.1.11. Como é que o *Big Bang* aconteceu?

Para dar a conhecer às crianças o fenómeno que explica a origem do universo, fizemos uma abordagem inicial em que explicámos por palavras, mas nada melhor que um trabalho de expressão plástica para tornar visível esse fenómeno. Assim, a atividade consistiu na junção de várias cores (laranja, azul, amarelo, vermelho e branco), através da utilização de diferentes pincéis, para pintar uma folha branca com uma mistura dessas cores que todas juntas dão a perceção de explosão, que foi sem dúvida o que aconteceu com o *Big Bang*, surgindo assim o universo. A planificação desta atividade encontra-se no Apêndice XXIV

As crianças manifestaram muita curiosidade ao longo da atividade e sobretudo pelo resultado final, que está disponível no Apêndice XXV. Foi uma forma divertida e bastante lúdica de aprenderem sobre a origem do universo e assim também introduzir o tema do sistema solar numa forma mais conceptual.

1.1.12. Vamos aprender a contar no Circo?

Esta atividade pretende estimular a aprendizagem da contagem, para isso, e individualmente, mostrou-se uma imagem com cenário de circo com quatro tipos de figuras: palhaço, elefante, leão e trapezista se encontram dispostas pela imagem várias vezes. Foi pedido à criança que observasse com atenção a imagem e que posteriormente contasse quantas vezes cada figura se repetia. De seguida, numa outra folha, era pedido que a criança associasse a cada figura um número que corresponde ao número de vezes que cada figura se repete na imagem.

As crianças realizaram a atividade na sua maioria com facilidade, apresentando apenas alguma dificuldade na primeira parte de relacionar o número à figura, mas com a prática conseguiram perceber o exercício e executá-lo com sucesso e sem ser necessária muita intervenção por parte do adulto.

A planificação da atividade encontra-se no Apêndice XXVI, bem como o recurso produzido (Apêndice XXVII).

1.1.13. Postal do dia do Pai: Gosto de ti desde aqui até à Lua

Para assinalar o Dia do Pai, a atividade consistiu na criação de um postal, que no seu interior tinha de um lado, um desenho feito por cada criança e nos bebés o carimbo do pé/mão e do outro lado uma fotografia. A decoração exterior foi de acordo com o tema anual, e por isso foi escolhida a lua para protagonizar este postal. Assim, fez-se uma lua, com umas escadas a apontar para mesma e colocou-se a frase “gosto de ti daqui até à Lua”, conforme observamos no Apêndice XXVIII.

A escolha acerca da entrega do postal ficou ao desejo da criança, pelo que não teria que ser obrigatoriamente entregue ao pai biológico, mas sim a uma pessoa de referência com a qual estabelecesse igualmente um vínculo.

1.1.14. A Páscoa chega e os docinhos também!

Para celebrar a época da Páscoa, para além de decorarmos a entrada da Casa, as crianças fizeram também um trabalho de expressão plástica, em que estas começaram por pintar uma folha recorrendo à técnica da esponja, uma parte a azul e outra de verde para dividir o céu do jardim, de seguida fizeram um pintainho e a casca do ovo de onde saí, para colar nessa folha e representar o nascimento do mesmo, que é algo que caracteriza o momento da Páscoa. Esses pintainhos foram também feitos em tamanho grande para juntar às decorações da Páscoa.

E como Páscoa não é Páscoa sem alguns doces, entregámos às crianças um copo com uma mensagem que no seu interior tinha algumas guloseimas características da época, e ainda juntamente com a colaboração das mesmas realizámos uns cestos decorativos onde colocámos ovinhos para o domingo de Páscoa. Podemos ver algumas fotografias destes momentos no Apêndice XXIX.

1.1.15. Vamos fazer o nosso Laço Azul: Qual é o teu herói?

Em abril é o mês internacional da Campanha do Laço Azul que é uma sensibilização para a prevenção dos maus-tratos na infância, e por isso mesmo no Ninho dos Pequenitos, foi assinalado com a elaboração de laços azuis e respetiva decoração feita pelas crianças, que escolheram os seus heróis e personagens favoritas para ilustrar os mesmos.

Cada criança escolheu então o seu herói e decorou o seu laço. As personagens escolhidas foram a Branca de Neve e os Sete Anões, a Bela, o Homem Aranha e as Tartarugas Ninja. Sendo que, as crianças mais pequenas também participaram, com as suas mãos pintadas fizeram flores em papel para decorar também um laço. No final da atividade, os laços foram expostos na entrada da Casa durante todo mês com o intuito de sensibilizar para a causa em questão. É possível observar cada um deles no Apêndice XXX.

1.1.16. Vem aí a Primavera!

Com a entrada na Primavera, a atividade de expressão plástica baseou-se na construção de flores através de materiais recicláveis, como é o caso das cápsulas de café. Assim, as crianças começaram por pintar de verde uma folha e de seguida colaram as cápsulas de modo a formar uma flor. Aproveitámos ainda, restos de papel para fazer as pétalas, o caule e a base. O facto de utilizarmos materiais diferentes suscitou nas crianças muita curiosidade e também gostaram muito de usar a fita cola para colar flores secas no trabalho. Podemos ver o resultado final através do Apêndice XXXI.

1.1.17. Postal do dia da Mãe: A minha Estrela Especial

Para comemorar o Dia da Mãe, as crianças fizeram postais, cujo tema também foi ao encontro do Sistema Solar, e por isso, foi escolhida a estrela para ser o elemento principal e decorativo dos mesmos. Assim, as crianças decoraram uma estrela ao seu gosto, sendo que, nos bebés e nas restantes crianças mais pequenas, se contornou a mão, e posteriormente colou-se no postal. No interior do mesmo, tinha uma fotografia da criança e no exterior, juntamente com a estrela tinha ainda a mensagem “És a minha estrela”. As fotografias dos postais encontram-se no Apêndice XXXII.

À semelhança do postal do Dia do Pai, a escolha acerca da entrega deste postal também ficou ao desejo da criança, pelo que não teria que ser obrigatoriamente entregue à mãe biológica, mas sim a uma pessoa de referência com a qual estabelecesse igualmente um vínculo.

1.1.18. Vamos conhecer os planetas?

Esta atividade consistiu na elaboração de uma maquete do sistema solar, de modo a dar a conhecer às crianças os planetas com os respetivos nomes, ordem e características gerais específicas. Assim, numa cartolina preta representou o espaço, desenhámos as órbitas e com diferentes tecidos cosemos os oito planetas de acordo com as suas cores e tamanhos, colámos ainda o sol, as estrelas, um astronauta, uma nave espacial e um foguetão para decorar a maquete com outros elementos pertencentes ao espaço. A elaboração da presente atividade exigiu uma planificação antecipada que pode ser consultada no Apêndice XXXIII.

Colámos ainda velcro no verso de cada planeta e na cartolina tendo em conta o seu respetivo lugar. O velcro, permitia às crianças explorar e aprender, pois podiam colar elas próprias no sítio que consideravam ser o correto. Concomitantemente, expusemos uma apresentação que criámos em *PowerPoint* coma explicação detalhada e adaptada à faixa etária, para que esta auxiliasse o momento de aprendizagem acerca dos planetas. Os recursos produzidos para efeito da dinâmica podem ser observados no Apêndice XXXIV.

Foi um momento muito interessante, pois à medida que íamos apresentando cada planeta, à vez, cada uma das crianças era escolhida para colar o respetivo planeta no seu lugar. As crianças, no geral, conseguiram focar a atenção ao longo da apresentação e revelaram ter gostado da dinâmica, de realçar também, que souberam esperar pela sua vez para participar. Algumas fotografias relativas ao momento encontram-se no Apêndice XXXV.

1.1.19. O nosso mural: Os Pandas e a Floresta

Já na finalização do nosso estágio, concretizámos ainda a elaboração de um mural para decoração de uma parede no corredor da Casa. O tema do mural, como o próprio nome indica foram pandas e a floresta. Depois de pintado o mural, colocaram-se fotografias de todas as crianças acolhidas no NP, podemos vê-lo no Apêndice XXXVI.

2. Outras Atividades

Para além das atividades temáticas desenvolvidas, anteriormente apresentadas, existiram ainda outros momentos e dinâmicas nas quais participamos ao longo de todo o estágio. Algumas com mais frequência por integrarem o dia-a-dia na Casa e outras mais esporádicas, mas que tivemos ainda assim a oportunidade de participar. Aqui, podemos encontrar as rotinas, as adaptações face à pandemia Covid-19, a formação realizada, as reuniões, os debates judiciais e outros serviços externos.

2.1 Acompanhamento das Rotinas

Ao longo de todo o período de estágio, tão importante quanto planear e desenvolver atividades foi também integrar as rotinas e gestão da Casa. Esse acompanhamento foi diário e muito importante para compreender a realidade em que nos inserimos e sobretudo para conhecer na íntegra toda a dinâmica de funcionamento.

Desta forma, colaborámos nos momentos da alimentação das crianças, sobretudo dos bebés que eram a grande maioria no período de almoço, sendo que, as crianças mais velhas se encontravam no jardim de infância e só voltavam ao início da tarde. Auxiliámos ainda alguns momentos da higiene das crianças no momento da chegada do jardim de infância ao NP e participámos nos diversos momentos de brincadeira livre.

Tendo em consideração que, algumas crianças tinham visitas dos familiares uma vez por semana, foi-nos atribuída a função de receber os familiares e cumprir as recomendações impostas pela Direção Geral de Saúde relativamente à Pandemia por Covid-19 no que se refere à medição da temperatura, disponibilização da proteção para o calçado e desinfeção das mãos bem como, a respetiva supervisão de toda a visita e no fim, registávamos a visita no PIC.

Para além disso, era da nossa responsabilidade também o registo diário da assiduidade das crianças no jardim de infância numa tabela específica para o efeito, bem como, o atendimento das chamadas telefónicas da família que também carecia de um registo. Quando solicitadas, elaborávamos o relatório da reunião semanal de equipa técnica e o registo da análise das sessões de estimulação.

Tivemos ainda oportunidade de partilhar momentos como a celebração de alguns aniversários das crianças, em que se elaborava e decorava um bolo com a ajuda de todas as crianças, seguido assim do lanche em que se cantava os parabéns e era oferecida à

criança uma prenda. A confeção de chocolate quente, os passeios e a realização de jogos no jardim da sereia e no jardim botânico e a realização de um piquenique no jardim da sereia.

2.2 Atividades de Estimulação

Como já foi referido várias vezes ao longo do presente relatório, foram proporcionados muitos momentos de estimulação com as crianças. Estes momentos são extremamente importantes para o desenvolvimento integral das mesmas e por isso mesmo devem ocorrer com regularidade, sendo que, para além da equipa técnica, também a equipa educativa recebe formação para poder desempenhar esse papel. Existe uma tabela orientadora fixada na sala de convívio com algumas sugestões de atividades destinadas às diferentes faixas etárias para serem executadas com as crianças diariamente.

Com os bebés as atividades de estimulação focaram-se essencialmente no desenvolvimento psicomotor, sensorial e cognitivo.

Com os bebés dos 0 aos 3 meses os aspetos desenvolvidos centram-se essencialmente nas seguintes aquisições:

- Seguir os objetos com os olhos;
- Deitar de bruços e conseguir segurar a cabeça
- Emitir alguns sons
- Explorar através da boca
- Dos 3 aos 6 meses:
- Emite sons quando o adulto conversa
- Reconhece a voz de algumas figuras de referência
- Imita alguns sons
- Leva objetos à boca
- Pega os brinquedos
- Apoia o peso nos membros inferiores com ajuda
- Já se consegue virar em ambos os sentidos
- Começa a sentar-se sem ajuda por curtos períodos de tempo
- Segue visualmente os objetos
- Consegue se virar da posição de barriga para baixo para barriga para cima
- Dos 6 aos 12 meses:

- Transfere objetos de uma mão para a outra
- Puxa para perto de si objetos que lhe despertam atenção
- Sentar-se sem apoio
- Consegue alcançar objetos
- Procura objetos escondidos
- Vira páginas de um livro
- Parla
- Bate palmas
- Começa a gatinhar
- Permanece de pé com apoio
- Começa a andar (em alguns casos)

Todas as atividades de estimulação visam alcançar as aquisições mencionadas anteriormente e decorrem maioritariamente no tapete de atividades com recurso a brinquedos lúdico pedagógicos e sensoriais como rocas, guizos, livros plastificados, ginásio interativo, pirâmide com anéis, cubos, peluches e brinquedos com pormenores sensoriais (espelho, argola, som...). Importa referir, que a ênfase foi colocada essencialmente no sentar, apoiar o peso do corpo nos membros inferiores e início a marcha, estes três aspetos foram os mais evidenciados como principais necessidades de estimulação e por isso, investimos muito nestes aspetos sem descurar os restantes.

Nas crianças a partir de um ano de idade, as atividades de estimulação centraram-se essencialmente na autonomização e equilíbrio da marcha, desenvolvimento da coordenação motora e motricidade fina, incentivo para as primeiras palavras e para a exploração do meio envolvente através da realização de jogos de encaixe, construção de torres e empilhar, atividades de expressão plástica, música e dança.

Nas crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos de idade, procurámos estimular essencialmente a aprendizagem das cores, da linguagem, dos números, dos tamanhos, das estações do ano e dos estados do tempo, através de *puzzles*, jogo da memória, jogo de associação, jogo simbólico e brincadeiras ao ar livre em que se proporcionam atividades e jogos que vão ao encontro dessas aprendizagens.

No Apêndice XXXIV, podemos encontrar algumas fotografias de momentos de estimulação proporcionados ao longo do período de estágio.

2.3 Atividades no âmbito das adaptações face à pandemia Covid-19

Face à situação pandémica por Covid-19 que, nos dias de hoje ainda vivenciamos, importa referir que quando iniciamos o estágio já existiam algumas restrições e adaptações, nomeadamente no que se refere à duração das visitas e às recomendações implementadas como já vimos anteriormente.

No entanto, em novembro de 2020 a situação agravou-se, uma criança teve que ficar em isolamento profilático embora não tenha testado positivo, teve um contacto considerado de risco na Creche. Após o sucedido e tendo em consideração o impacto negativo que representa para uma criança tão pequena ficar isolada de tudo e de todos bem como, o agravamento da pandemia, a Direção do NP tomou a decisão das crianças suspenderem as saídas para a Creche e Jardim de Infância com o objetivo de as resguardar ao máximo. Essa suspensão durou até à segunda semana de janeiro que foi quando retomaram.

Porém, a 15 de janeiro e segundo as indicações da Direção Geral de Saúde, voltou-se a confinar e as crianças voltaram a suspender a Creche e o Jardim de Infância que encerraram temporariamente. Tal como as visitas presenciais que tiveram que ficar suspensas. Neste sentido, e desconhecendo a duração deste confinamento, tiveram que ser criadas alternativas adaptadas, que proporcionassem às crianças uma rotina a mais próxima do normal, assim, tanto a Creche como o Jardim de Infância, uma vez por semana faziam encontro no *Zoom* para se verem, conversarem e também para realizar algumas atividades na medida do possível. Relativamente às famílias também se realizaram videochamadas para não quebrar a ligação com a criança.

2.3.1 Creche e Pré-escolar à Distância

Uma vez por semana, cada criança tinha encontro marcado com o seu grupo e educadora da Creche/Jardim de Infância. Estes encontros permitiram às crianças estabelecer algum contacto com as pessoas que convivia diariamente e também desenvolver algumas aprendizagens na medida do possível. Durante estes momentos, tínhamos que as acompanhar e auxiliar, pois estar diante de um computador a ver pessoas com as quais gostaria de estar presencialmente e ainda realizar atividades, foi uma realidade que as crianças desconheciam e por isso, foi importante transmitir-lhes alguma tranquilidade.

Estes encontros tinham a duração de aproximadamente 45 minutos e as atividades consistiram na conversa sobre a semana de cada criança e o que tinham feito, leitura e observação de histórias, identificação do dia da semana e respetivo estado do tempo, jogos de correspondência e algumas experiências simples como é o caso da experiência do feijão em que foi possível acompanhar a evolução ao longo das semanas e relatar nos momentos de encontro por *Zoom*.

Sendo que, duas crianças são acompanhadas pelo Sistema Nacional de Intervenção Precoce (SNIPI), que integra um conjunto de serviços que são da responsabilidade dos Ministérios da Saúde, do Trabalho e da Segurança Social e da Educação e é destinado a crianças entre os 0 e os 6 anos e tem como missão garantir a Intervenção Precoce na Infância (SNIPI, 2021), houve a necessidade de realizar algumas sessões síncronas para fazer o devido acompanhamento.

2.3.2 Contactos Familiares por Videochamada

No que concerne às visitas familiares e estando estas também suspensas temporariamente, foi importante encontrar uma solução que permitisse continuar a estabelecer alguma relação. Assim, estabeleceu-se um horário com as famílias, de modo a que uma vez por semana se efetuasse uma videochamada com a duração média de meia hora, para que as crianças contactassem com a sua família.

É importante referir, que nem sempre foi fácil concretizar com sucesso as videochamadas, sobretudo com as crianças mais novas, que ainda não tinham a capacidade de perceber e de lhes ser explicado o que se estava a passar, então em vários momentos devido a alguma instabilidade e agitação por parte das crianças, foi necessário terminar antes do tempo previsto a videochamada.

2.4. Formação: Intervenção pedagógica com crianças e jovens com necessidades educativas específicas

A oportunidade de realizar esta unidade de formação de curta duração intitulada como “Intervenção pedagógica com crianças e jovens com necessidades educativas específicas” (Anexo IV), surgiu inteiramente no âmbito do estágio curricular, no qual me proporcionaram a oportunidade de poder participar. Esta formação foi promovida pela Konkrets, um Centro de Consultadoria e Formação Profissional e teve como formadora a

Dra. Tânia Pedroso, uma psicóloga formadora com Especialização na área de Educação, Aconselhamento e Desenvolvimento. A formação iniciou a 17 de março e terminou a 12 de maio de 2021, com uma carga horária de 50 horas, decorreu às segundas e quartas-feiras das 19h30 às 22h30, com meia hora de pausa para jantar e em formato *e-learning*.

Os conteúdos programáticos desta formação centraram-se na exploração e aprofundamento da Convenção sobre os Direitos da Criança e da Declaração de Salamanca nomeadamente sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais, na definição e importância da aprendizagem significativa e reflexiva, aprendizagem de metodologias de aprendizagem cooperativa, metodologias baseadas em problemas e/ou projetos e de diversas estratégias de intervenção com crianças e jovens com diferentes necessidades educativas específicas.

Todas as sessões da formação pautaram-se pelo dinamismo, interatividade, envolvimento e enriquecimento, pois tiveram um contributo fundamental na aprendizagem e consolidação de conhecimentos e estratégias. De modo a sintetizar tudo aquilo que foi esta formação apresentamos o seguinte excerto que integrou o teste de avaliação realizado no fim da formação:

Os locais educativos devem ser construídos como promotores de inclusão. Assim, o desenvolvimento da criança nestes locais deve ser feito de uma forma completa, existindo uma preocupação, não apenas com o seu desenvolvimento intelectual e aquisição de conteúdos, mas o seu desenvolvimento como um todo. Assim, é importante que exista o cuidado com a sua integração com os pares, para que possa criar relacionamentos saudáveis, onde pode compreender e testar os seus limites e dos outros, no sentido de compreender as estratégias de gestão de relacionamentos com os que a rodeiam. O desenvolvimento e promoção da sua autonomia também é essencial, para que se sinta confortável e segura em explorar o mundo e perceba tem competências para explorar o mundo sem ser dependente de outros. Esta competência deve ser integrada no processo educativo, permitindo que a criança seja parte ativa na criação dos objetivos educativos, tornando-a assim responsável pelo seu processo de aprendizagem, tornando este processo mais adequado, motivador e dinâmico. Estas experiências vão ser fundamentais para que tenha bons níveis de autoestima, percebendo-se como capaz, o que irá contribuir para que seja capaz de se amar e se sinta merecedora desse amor. (Material da formação).

A frequência nesta formação foi uma mais-valia e um contributo essencial tendo em consideração que como já vimos, existem duas crianças no NP com necessidades educativas especiais e as restantes apresentam algumas necessidades específicas. Desta forma, nas atividades de estimulação em que participámos foi possível integrar ainda algumas das estratégias abordadas.

2.5. Reuniões de Equipa

As reuniões de equipa acontecem todas as semanas no NP e por norma é sempre às quartas-feiras. Durante o nosso estágio, tivemos a oportunidade de participar em algumas. Nestas reuniões, seja de equipa técnica como de consultadoria, o que se pretende é partilhar informações pertinentes relativas ao processo de cada criança, e quando existem decisões a tomar as mesmas são analisadas, discutidas e tomadas em contexto de reunião e com a participação de todos os técnicos responsáveis envolvidos. No final de cada reunião, é elaborado um relatório que sintetiza todos os aspetos importantes abordados.

2.6. Debates Judiciais

Durante o nosso estágio participámos num dos debates judiciais, que atendendo à situação de pandemia por Covid-19, realizou-se por videoconferência, no dia 20 de novembro de 2020 pelas 10h30.

Segundo podemos constatar, o debate judicial tem em vista a definição do projeto de vida da criança. Aquele a que assistimos, decorreu no Tribunal Judicial da Comarca de Coimbra, pelo Juízo 1 de Família e Menores de Coimbra.

Assim, para a concretização do debate estão presentes a Juíza do Juízo 1 de Família e Menores, a equipa técnica no NP, dois Juízos Sociais, o Oficial de Justiça, os advogados representantes da criança e da família, bem como, o Procurador da República e a gestora de caso da EMAT.

No final da audiência e após escutados todas as partes constituintes do processo, foi redigida a sentença, que por norma, tem o prazo de uma semana para ser concluída e deliberada. Posteriormente, todos os intervenientes são notificados por carta com o intuito de serem convocados para a leitura e apresentação da mesma em Tribunal.

No presente debate, cada uma das Técnicas no NP prestou as suas declarações em conformidade com a sua área de especialização e intervenção. Relativamente à educadora social, a Dra. Ana Luísa, que foi quem acompanhámos, as declarações prestadas foram com base em perguntas colocadas pelo Procurador relativamente à qualidade e regularidade das visitas efetuadas pela progenitora (no caso em questão) bem como, aferição acerca da relação entre a mesma e a criança essencialmente ao nível da vinculação segura e ainda a caracterização da progenitora mediante a perspetiva do Ninho com base naquilo que é observado no decorrer das visitas e nas conversas pontuais existentes entre a mesma e a equipa técnica.

2.7. Serviços Externos

Ao longo do tempo que permanecemos na instituição a estagiar, foi possível integrar algumas saídas para serviços externos, não tanto quanto as desejáveis, mas atendendo à atual situação pandémica, foram apenas algumas as saídas.

As saídas que ocorreram foram para uma reunião com a educadora de infância de duas crianças a fim de partilhar informação acerca da história de vida das mesmas e perceber como estava a acontecer a sua integração no jardim de infância. Outra saída teve como objetivo a realização de cartões de cidadão de três bebés e por último, duas saídas ocorreram no seguimento do processo de transferência de uma criança para outra instituição. Tendo em consideração que essa criança é uma das que apresenta necessidades educativas especiais, essa mudança foi gradual e exigiu o deslocamento da criança à nova instituição de modo a que esta se ambientasse ao espaço e conhecesse os novos colegas e funcionários.

Considerações Finais

O presente relatório reflete o culminar de um longo, intenso e dedicado trabalho debruçado sobre momentos de observação, aprofundamento teórico, planeamento e implementação de atividades. O mesmo surge, deste modo, do diagnóstico das necessidades existentes e tendo em consideração a vulnerabilidade que tanto caracteriza as crianças acolhidas.

É importante destacar que, foi crucial para a concretização do presente relatório, a certeza e o gosto pela temática em questão, o que fez com que todo este processo, desde a revisão da literatura, aos instrumentos de recolha e análise de dados, passando pelos recursos produzidos e respetivo planeamento das atividades a implementar, culminando na reflexão de resultados verificados através do Questionário sobre a Satisfação e Avaliação, se constituísse um desafio muito prazeroso de enfrentar.

As atividades por nós desenvolvidas no âmbito do Projeto “Leva-me até mim e Descobre(te)” tiveram sempre em vista a promoção das competências sociais e emocionais das crianças considerando o contexto em que se inserem, respondendo assim às necessidades verificadas. Este projeto, como já referido, é decorrente de um forte interesse e motivação pessoal desenvolvido ao longo de todo o percurso académico.

Ao longo da operacionalização do projeto, procurámos adotar uma postura aberta e receptiva a novos conhecimentos e técnicas, escutando ativamente todos os contributos prestados, compreendendo e aceitando que o mesmo trilhasse outros caminhos para além daqueles que idealizámos. Tendo em consideração, fatores como o diálogo, a partilha de dúvidas e sugestões resultante da relação com a orientadora local que motivaram a concretização de aprendizagens de cariz significativo e enriquecedor para o conteúdo do presente relatório.

Desta forma, e refletindo sobre os objetivos do projeto apresentado, concluímos que, na sua maioria foram alcançados com sucesso. Através das atividades desenvolvidas bem como, dos momentos de brincadeira livre, sentimos que as crianças receberam e participaram ativamente no processo de descoberta dos seus próprios recursos, demonstrando interesse relativamente ao conhecimento das diferentes emoções, reconhecendo a importância de saber estar em grupo, elogiar o outro, resolver os problemas ouvindo o outro e conversando. Estes aspetos foram verificados com

frequência em momentos de brincadeira livre e foram surgindo naturalmente. Sempre que verificámos a presença desses comportamentos positivos elogiávamos de imediato as crianças e realçávamos a importância que dos mesmos.

Durante a nossa integração no NP, foi ainda possível conhecermos o contexto de acolhimento institucional no que concerne às rotinas e gestão de funcionamento, aos normativo-legais que norteiam esta resposta social bem como, ter a oportunidade de produzir instrumentos e recursos lúdico pedagógicos e contactar diariamente com as crianças acolhidas, a equipa técnica e a equipa educativa. Sendo fulcral, ressaltar a importância das últimas, sendo que, a instituição nos abriu as portas de coração também ele aberto, realçando assim, a preocupação, disponibilidade e compreensão de toda a equipa não só na nossa adaptação como também, no acompanhamento ao longo de todo o estágio, potenciando assim, a concretização de novas aprendizagens de diversas índoles aglutinando ainda todos os desafios e oportunidades que permitiram crescimento e superação.

Este ambiente de simbiose, pautado pela constante noção de cooperação e predisposição para aprender ao longo do estágio e simultaneamente aplicar e mobilizar conhecimentos e competências adquiridas ao longo de todo o Mestrado, permitiu que, a nossa intervenção com as crianças se baseasse na importância de conhecer o mundo que as rodeia, desenvolver atitudes de respeito, compreensão, tolerância e, principalmente, de valorização da diversidade na medida em que esta acrescenta, sempre, novas aprendizagens.

Acreditamos firmemente que o educador social pode ter uma influência muito positiva na vida das crianças, sendo primordial proporcionar-lhes espaços e oportunidades para que sejam elas as agentes construtoras do seu próprio desenvolvimento e descoberta dos seus recursos, tendo-nos com mediadores desse caminho, e proporcionando, assim, alicerces sólidos que influenciam o seu presente e que perspectivam o seu futuro enquanto cidadãos pertencentes de uma sociedade da qual fazem parte, assumindo um dia, um papel determinante na mesma.

Desta forma, e à luz da nossa formação, o papel do educador social é fundamental em contexto de acolhimento institucional, pois para além da componente pedagógica intervém também no trabalho de acompanhamento com as famílias e é uma área que integra vários domínios importantes sendo por isso, uma valia nestas instituições que se pautam por cenários de grande vulnerabilidade.

Estamos conscientes de que não depende apenas de nós transformar tudo aquilo que desejaríamos num determinado espaço de tempo, porém, acreditamos que tudo o que foi feito e todos os aspetos por nós valorizados, veiculados e implementados, deixaram certamente alguma marca positiva em cada uma das crianças mesmo depois de terminado o nosso estágio, contribuindo assim para o seu desenvolvimento integral a curto, médio e longo prazo.

Por fim, e com o encerrar deste capítulo, que não se refere apenas à finalização do presente relatório, mas também ao fim duma etapa extremamente marcante das nossas vidas, é chegado o momento que assinala o vislumbrar da meta. Com ele, surgem à memória todos os momentos, descobertas, aprendizagens, obstáculos superados e outras vivências que integraram o nosso percurso enriquecendo-o a todos os níveis.

Assim, finalizamos com um balanço retrospectivo sobre todo o período de estágio e com o desígnio de refletirmos acerca dos pontos fortes e oportunidades inerentes ao mesmo bem como, os pontos fracos e as ameaças que em algum momento limitaram a nossa intervenção no NP, apresentamos de seguida na Tabela 5 uma análise SWOT.

Pontos Fortes	Oportunidades
<ul style="list-style-type: none"> • Boa adaptação e integração na Casa de Acolhimento; • Execução de atividades que permitiram desenvolver competências relativas à criação de materiais lúdico pedagógico; • Contacto e envolvimento com as práticas profissionais; • Orientação de um profissional de Educação Social. 	<ul style="list-style-type: none"> • Realização da formação “Intervenção pedagógica com crianças e jovens com necessidades educativas específicas”; • Contacto com diferentes entidades e profissionais.
Pontos Fracos	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"> • Irregularidade do estágio presencial; • Número de crianças reduzido para envolvimento nas atividades do Projeto “Leva-me até mim e Descobre(te)”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pandemia por Covid-19; • Falta de <i>internet</i> no local de estágio.

Tabela 6. Análise SWOT

Referências Bibliográficas

- Alberto, I. M. M. (2004). *Maltrato e trauma na infância*. Coimbra: Almedina.
- Almeida, L.S. (2002). Facilitar a aprendizagem: ajudar aos alunos a aprender e a pensar. *Psicologia Escolar e Educacional*, Vol.6, N.º 2, 155-165.
- Ariès, P. *A história social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 2006.
- Baptista, I. (2000). Educador Social - Especialistas de Mãos Vazias. *A Página da Educação*, nº 94. Porto: Profedições.
- Bellman, M., Lingam, S., & Aukett, A. (1987). *Schedule of growing skills II*.
- Bloom, B. S. (1972). *Taxonomy of Educational Objectives: Handbook 1, Cognitive Domain*. New York: Mackay.
- Webster-Stratton, C. (2000). *How to promote children's social and emotional competence*. SAGE Publications.
- Barreto, A. (2015). *Educar com valores inteligentes*. Madrid: Editorial CCS.
- Boterf, L., G. (1995). *De la compétence – essai sur un attracteur étrange*. In: Les éditions d'organisations. Paris: Quatrième Tirage.
- Caballo, V. (1987). *Teoria, Evaluation y entrenamiento de las Competências sociales*. Valencia: Promolibro.
- Carneiro, R. (2005). *Casa Pia de Lisboa. Um Projecto de Esperança: as estratégias de acolhimento das crianças em risco – relatório final*. Cascais: Principia.
- Carvalho, A., & Baptista, I. (2004). *Educação Social, Fundamentos e estratégias*. Porto: Porto Editora.
- Cruz, C. (2001). *Competências e habilidades: da proposta à prática*. São Paulo: Edições Loyola.
- Damásio, A. (2013). *O sentimento de si: Corpo, emoção e consciência*. Lisboa: Temas e Debates.
- Durlak, J.A., Taylor, R.D., Kawashima, K., Pachan, M.K., Dupre, E.P., Calio, C.I., et al. (2007). Effects of positive youth development programs on school, family and community systems. *American Journal of community Psychology*, 33, 269-286.
- Ekman, P. (2003). *Emotions Revealed: recognizing faces and feelings to improve communication and emotional live*. New York: Times Books.
- Erikson, E. (1976). *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Fernandes, P. (2013). *Incursões em Torno do Projeto de Vida em Acolhimento Institucional – do Conceito à Intervenção*. Braga, Universidade do Minho.

Frias, R. (2014). *O Desenvolvimento das Competências da Leitura e Escrita no Ensino Pré-Escolar – o Contributo da Consciência Fonológica*. Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação, Coimbra.

Gonçalves, C. M. (2000) *Desenvolvimento vocacional e promoção de competências*. Comunicação apresentada no 2º Encontro Internacional de Formação Norte de Portugal/Galiza, Porto 12 a 14 de Outubro 2000. Comunicação publicada em www.psicologia.com.pt/artigos;

Henriques, M., Domingues., M., Teixeira, D., Silva, S. (2017). *Programa de Preparação da Criança para a Adoção*. Lisboa, Coisa de Ler Edições.

Instituto da Segurança Social. (2010). *Recomendações Técnicas para Equipamentos Sociais- Centro de Acolhimento Temporário*. Lisboa: Instituto da Segurança Social.

Magalhães, T. (2003). *Maus-tratos em crianças e jovens*. Coimbra: Quarteto.

Martins, H. (2013). *Acompanhamento Social Individualizado das Famílias. Da Responsabilidade Parental à Intergeracionalidade – O Caso do Projeto “O Trilho”*. Vila Real, UTD e Alto Douro.

Miguel, F.K., Couto, G., Muniz, M., Primi, R., & Noronha, A.P.P. (2007). Análise Multidimensional da Percepção de Emoções Primárias. *Encontro*, 11 (15), 101-114.

Mendes, T. & Santos, P. (2014). *Acolhimento de Crianças e Jovens em Perigo. Adolescentes Em Contexto Institucional*. Lisboa.

Monteiro, A. (2014). Do Berço para a Família. In Matias, M., Paulino, M.. *A Criança no Processo de Adoção*. Lisboa, Prime Books, pág. 56-59.

MTS / SEEF (1999), *Metodologia de Avaliação de Intervenções Sociais*, Lisboa, IEFPI/IGFSS.

Narodowski, M. Adeus à infância (e à escola que a educava) In: Silva, L. H da. (org.) *A Escola Cidadã no contexto da Globalização*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

Polydoro, S. A. J. & Azzi, R. (2008). "Autorregulação: aspectos introdutórios". In: Bandura, A.; Azzi, R.; Polydoro, S. A. J. (orgs.). *Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos*. Porto Alegre, Editora Artmed, pp.149-164.

Postman, N.(1999). *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia.

Projeto Educativo do Ninho dos Pequenos (s.d.). Documento não publicado, Coimbra.

Ribeiro, A. M. (2008). *Projecto de promoção da autonomia de crianças e jovens em acolhimento residencial*. Tese de Mestrado, Instituto Universitario de Lisboa. Consultado a 3 de agosto de 2021 em <http://repositorioiul.iscte.pt/bitstream/10071/1627/3/Projecto%20de%20Mestrado>.

Roldão, M. (2003). *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências- As Questões dos Professores*. Lisboa: Editorial Presença.

Rousseau, J.-J. (1973). *Emílio ou da educação*. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.

Sarmiento, Manuel (2002). *Imaginário e culturas da infância*.

Saarni, C. (2000). Emotional competence: The social construction of the concept. *The handbook of Emotional Intelligence*. San Francisco. Jossey-Bass.

Samagaio, F. (2006). A educação social e a investigação: algumas generalidades em torno de um perfil profissional. *Cadernos de Estudo*. 3, p.17-23. Consultado a 26 de setembro de 2021. Disponível em http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/879/2/Cad_3EducacaoSocialPerfil.pdf.

Serrano, G. (2008). *Elaboração de Projectos Sociais: Casos práticos*. Porto: Porto Editora.

Serrano, G. P. & Guzmán, M. V. (2011). *Aprender a Convivir. El conflicto como oportunidad de crecimiento*. Madrid: Narcea.

Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Direção-Geral da Educação https://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes_Curriculares.pdf.

Sistema Nacional de Intervenção Precoce Na Infância (2021). Acedido a 28 de setembro de 2021 em <https://snipi.gov.pt/#no-back>.

Sorriso – Associação dos Amigos do Ninho dos Pequenos (2021). Acedido a 15 de março de 2021 em <https://www.sorriso-ninhodospequenos.com/index.php/instituicao#verticalTab1>

Stapley, L. (2014). Conhecer a criança e desenvolver uma relação. In Mendes, T. & Santos, P. (orgs). *Acolhimento de Crianças e Jovens em Perigo*. Lisboa: Climepsi Editores. p.73-90.

Steadham, S. (1980). Learning to Select a Needs Assessment Strategy. *Training and Development Journal*, vol. 34, N.º1, 56-61.

United Nations International Children's Emergency Fund. (2019). *Convenção sobre os Direitos da Criança e Protocolos Facultativos*. Disponível em https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o_dos_direitos_da_crianca.pdf.

Legislações

Lei n.º 23/17, de 23 de maio. *Diário da República n.º 99/2017, Série I de 2017-05-23*. Assembleia da República, Lisboa.

Lei n.º 147/99. *Diário da República n.º 204/1999, Série I-A de 1999-09-01*. Assembleia da República, Lisboa.

Lei n.º 31/2003, de 22 de maio. *Diário da República n.º 193/2003, Série I-A de 2003-08-22*. Assembleia da República, Lisboa.

Lei n.º 26/2018, de 5 de julho. *Diário da República n.º 128/2018, Série I de 2018-07-05*. Assembleia da República, Lisboa.

Lei n.º 164/2019, de 25 de outubro. *Diário da República n.º 206/2019, Série I de 2019-10-25*. Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, Lisboa.

Anexos

Anexo I. Teste de Avaliação do Desenvolvimento "Schedule of Growing Skills"

TESTE DE AVALIAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO									
(Adaptado de "Schedule of Growing Skills II")									
Nome: _____					Nº de Processo: _____				
D.N.: ____/____/____			Idade: _____		Idade corrigida: _____				
Teste efectuado por: _____									
I T E M	DATA DAS AVALIAÇÕES				I T E M	DATA DAS AVALIAÇÕES			
	CAPACIDADES POSTURAS PASSIVAS (0-6M)					16	Mantem-se sentado por períodos prolongados (8)	2	
	DECUBITO DORSAL					17	Passa para a posição sentado de decubito ventral e dorsal (10)	3	
1	Cabeça na linha média (1)	1			APOIO NOS MEMBROS INFERIORES				
2	Levanta as pernas para vertical e agarra os pés (6)	2				18	Apoia algum peso nos M. Inferiores (8)	1	
SUSPENSÃO VENTRAL						19	Apoia todo o peso nos M. Inferiores (8)	2	
3	Cabeça alinhada com corpo, ancas semi-estendidas (1)	1			20	Mantém-se de pé agarrado (10)	3		
4	Cabeça acima da linha do corpo, ancas e ombros estendidos (3)	2			21	Põe-se de pé sózinho agarrado à mobília (12)	4		
TRACÇÃO PARA POSIÇÃO SENTADA					PONTUAÇÃO DA POSTURA ACTIVA				
5	Queda considerável da cabeça, quando o corpo está na vertical, controle momentâneo da cabeça antes da queda para a frente (1)	1			CAPACIDADES LOCOMOTORAS (9-60 M)				
6	Pouca queda da cabeça (3)	2			MOVIMENTO E BALANÇO				
7	Tracção pelas mãos faz força para se sentar (6)	3			22	Desloca-se rebolando e arrastando-se (10)	1		
POSIÇÃO SENTADO (APOIADO)					23	Tenta galinhar (por vezes para trás) (10)	2		
8	Dorso moderadamente curvado, levanta momentaneamente a cabeça (3)	1			24	Caminha pela mão (12)	3		
9	Costas direitas (6)	2			25	Caminha agarrado à mobília ou empurrar brinquedos com rodas (12)	4		
PONTUAÇÃO DA POSTURA PASSIVA					26	Caminha sózinho, pés afastados e braços levantados para equilíbrio (15)	5		
CAPACIDADES POSTURAS ACTIVAS (9-12 M)					27	Pés apenas um pouco afastados, já dá curvas e pára subitamente (15)	6		
DECUBITO VENTRAL					28	Levanta um objecto do chão sem cair (18)	7		
10	Cabeça de lado, joelhos flectidos sob o abdomen, com ancas levantadas, braços encostados ao torax com cotovelos flectidos (18)	1			29	Corre com confiança, pára e inicia com-cuidado evitando obstáculos (18)	8		
11	Cabeça de lado, membros flectidos, cotovelos afastados do torax, ancas moderadamente levantadas (1)	2			30	Salta com pés juntos do último degrau (24)	9		
12	Levanta a cabeça e torax com apoio nos antebraços. Ancas planas (3)	3			31	Consegue caminhar em "bicos dos pés" (30)	10		
13	Apoia peso nas palmas das mãos com braços estendidos e atitude de alerta (6)	4			32	Consegue correr em bicos dos pés (36)	11		
14	Passa para a posição de gatas (8)	5			33	Salta num pé 3 passos (36)	12		
POSIÇÃO SENTADA					34	Marcha pé-ante-pé 4 passos (3 tentativas) (48)	13		
15	Mantem-se sentado momentaneamente sem apoio (6)	1			35	Mantém-se 8 segundos apoiado em cada pé (60)	14		
					ESCADAS				
					36	Sobe escadas de gatas e desce de "rabo" (18)	1		
					37	Sobe escadas pela mão c/ 2 pés no mesmo degrau (24)	2		
					38	Sobe e desce escadas acompanhado com 2 pés no mesmo degrau (24)	3		
					39	Sobe (alterna pés) e desce (2 pés) escadas sózinho (30)	4		
					40	Sobe e desce escadas sózinho - 1 pé em cada degrau (48)	5		
					41	Sobe escadas a correr (60)	6		
					PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES LOCOMOTORAS				

DATA DAS AVALIAÇÕES		DATA DAS AVALIAÇÕES	
CAPACIDADES MANIPULATIVAS			
MÃOS			
42	Mãos fechadas e polegar flectido (1)	1	
43	Olha para as mãos e brinca com os dedos (2)	2	
44	Junta as mãos e aperta as palmas uma contra a outra (3)	3	
45	Prensão palmar usando toda a mão (5)	4	
46	Transfere objectos (5)	5	
47	Segura 2 cubos um em cada mão e junta-os (5)	6	
48	Pega num pequeno objecto entre polegar e indicador com pinça imperfeita (10)	7	
49	Pinça correcta (12)	8	
50	Atira deliberadamente os brinquedos ao chão (12)	9	
51	Vira páginas dum livro (várias de cada vez) (15)	10	
52	Vira uma página de cada vez (24)	11	
53	* Pregos dentro da chavena em 30 seg. 10 + (3 tentativas) (25)	12	
54	* Pregos na placa em 30 seg. 8 + (3 tentativas) (50)	13	
CUBOS			
(55)	* Torre de 2 (15)	1	
(56)	* Torre de 3 (15)	2	
(57)	* Torre de 4 - 5 (24)	3	
(58)	* Torre de 7 + (30)	4	
(59)	* Cópia ponte (30)	5	
(60)	* Constrói 3 degraus com 6 cubos após demonstração (45)	6	
DESENHO			
(61)	Rabisco para cá e para lá (15)	1	
(62)	Rabisco circular (15)	2	
(63)	* Imita linha vertical e/ou horizontal (24)	3	
(64)	* Imita círculo (30)	4	
(65)	* Imita cruz (35)	5	
(66)	* Cópia quadrado (45)	6	
FIGURA HUMANA			
(67)	* Cabeça e uma outra parte (35)	1	
(68)	* Cabeça, pernas e (geralmente) braços e dedos (45)	2	
(69)	* Cabeça, tronco, pernas e braços e outras características (50)	3	
PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES MANIPULATIVAS			
CAPACIDADES VISUAIS			
FUNÇÃO (0-12 M)			
70	Volta-se para a luz difusa (25)	1	
71	Segue brevemente foco a 30 cm distância (1)	2	
72	Fixa a face ou objecto na linha da visão e segue-o com os olhos < 90° (1)	3	
73	Segue objecto 180° (3)	4	
74	Converge os olhos com a aproximação do objecto (3)	5	
75	Aponta com o indicador com precisão para peq. objecto (12)	6	
COMPREENSÃO			
(75)	Observa objecto que cai e esquece-o rapidamente (5)	1	
(77)	Olha para o local correcto à procura de objecto que cai (5)	2	
(78)	Procura brinquedo escondido (5)	3	
(79)	Atento ao movimento à distância (olha pela janela) (10)	4	
(80)	Aponta para objectos distantes (12)	5	
(81)	Mostra-se interessado em gravuras (15)	6	
(82)	* Reconhece detalhes em livros e gravuras (15)	7	
(83)	Completa placa círculo, quadrado e triângulo (24)	8	
(84)	Completa placa dos peixes (24)	9	
(85)	* Reconhece detalhes minúsculos em livros (30)	10	
(86)	* Combina 2 cores primárias (25)	11	
(87)	Combina 4 cores primárias (35)	12	
(88)	Combina 10 cores (45)	13	
89	Coopera c/ teste de visão de carta linear (6 metros) (50)	14	
PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES VISUAIS			
AUDIÇÃO E LINGUAGEM			
FUNÇÃO (0-12 M)			
90	Assusta-se com ruído súbito (25)	1	
91	Responde à voz ou som suave (3)	2	
92	Orienta-se para a voz da mãe (5)	3	
COMPREENSÃO			
93	Vira a cabeça em direcção a fonte sonora (5)	1	
94	Atento aos sons rotineiros (5)	2	
95	Compreende "não / adeus" (10)	3	
96	Reconhece o seu próprio nome (12)	4	
97	* Mostra compreender os nomes de pessoas ou objectos familiares (12)	5	
98	* Selecciona a pedido 2 objectos de 4 (15)	6	
99	Aponta para 2 partes do corpo - Nariz e mãos (15)	7	
100	Aponta para partes do corpo da boneca - olhos e bairiga (15)	8	
101	* Segue ordem de 2 passos - "Dá de beber à boneca" (24)	9	
102	* Compreende os verbos das gravuras (24)	10	
103	* Compreende as funções dos objectos das gravuras (30)	11	
104	* Segue instruções com preposições (30)	12	
105	* Compreende adjectivos de tamanho (35)	13	
106	* Compreende negativos (35)	14	
107	* Cumpre uma ordem com 2 instruções (45)	15	
108	* Compreende questões mais complicadas (45)	16	
109	* Cumpre ordem com 3 instruções (50)	17	
110	* Compreende negativos em instruções complexas (50)	18	
PONTUAÇÃO DA AUDIÇÃO E LINGUAGEM			
FALA E LINGUAGEM			
VOCALIZAÇÃO (0-12 M)			
111	Sons guturais ocasionais (1)	1	
112	Vocaliza quando satisfeito (3)	2	
113	Ri e grita durante o jogo (5)	3	
114	Palra continuamente para atrair atenção (5)	4	
115	Imita sons dos adultos (tosse, b'rr) (10)	5	
LINGUAGEM EXPRESSIVA			
116	Jargon incessante contendo essencialmente vogais e muitas consoantes (12)	1	

DATA DAS AVALIAÇÕES			DATA DAS AVALIAÇÕES		
117	Uma palavra com significado (12)	2	149	Encontra rapidamente objecto escondido (12)	3
118	Comunica utilizando simultaneamente gesto e vocalização (15)	3	150	Explora as propriedades e possibilidades dos brinquedos e outros objectos com interesse (15)	4
119	Várias palavras com significado (pelo menos 4) (15)	4	151	Brinca sózinho perto de pessoa familiar (15)	5
120	Usa mais de 7 palavras com significado (15)	5	152	Empurra e puxa grandes brinquedos com facilidade (18)	6
121	Tenta repetir palavras usadas pelos outros (18)	6	153	Chuta bola pequena (24)	7
122	Junta 2 ou mais palavras para formar frases (24)	7	154	Atira com a mão bola pequena (30)	8
123	Nomeia objectos e gravuras familiares (24)	8	155	* Sabe aguardar pela sua vez no jogo (36)	9
124	Fala geralmente compreendida pela mãe (24)	9	156	Jogo imaginativo complicado, cumpre regras (60)	10
125	Usa palavras interrogativas (O quê? Onde?) e usa 2 pronomes pessoais (p.e., mim, tu) (30)	10	PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES DE INTERACÇÃO SOCIAL		
126	Capaz de manter conversação simples e descreve acontecimentos (30)	11			
127	Sabe várias canções infantis ou comerciais (36)	12	CAPACIDADES SOCIAIS DE AUTONOMIA (6-60 M)		
128	* Dá apropriada/ conta de acontecimentos recentes (36)	13			
129	Discurso fluente e claro (48)	14			
130	* Frases de 5 + palavras (48)	15			
131	* Descreve sequência de acontecimentos (60)	16			
132	* Consegue explicar acontecimentos (60)	17	ALIMENTAÇÃO		
PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES DA FALA E LINGUAGEM					
CAPACIDADES DE INTERACÇÃO SOCIAL			157	Segura no biberon quando está a ser alimentado (6)	1
COMPORTAMENTO SOCIAL			158	Tenta pegar na colher (6)	2
133	Sorri à estimulação social (1)	1	159	Segura, morde e mastiga uma bolacha (10)	3
134	Responde ao tratamento carinhoso (3)	2	160	Bebe por um copo com ajuda (12)	4
135	Gosta do banho e das rotinas higiénicas (3)	3	161	Segura na colher mas não se alimenta (12)	5
136	Leva tudo à boca (6)	4	162	Segura na colher, leva-a à boca mas não consegue deixar de entornar (15)	6
137	Mostra-se irritado quando frustrado (10)	5	163	Segura na chávena com ambas as mãos e bebe sem entornar muito (18)	7
138	Faz gracinhas e acena "adeus" (12)	6	164	Come com colher sem entornar (18)	8
139	Curioso e atento às pessoas, objectos e acontecimentos à sua volta (12)	7	165	Levanta o copo, bebe e coloca-o na mesa sem dificuldade (24)	9
140	Imita actividades simples da vida diária (15)	8	166	Come perfeitamente com colher (30)	10
141	* Resistente e rebelde quando contrariado (18)	9	167	Come com colher e garfo (36)	11
142	Brinca c/ outras crianças mas não partilha brinquedos (24)	10	168	Come perfeitamente com pouquíssima ajuda (48)	12
143	Partilha brinquedos e a atenção dos adultos (30)	11	169	Não necessita de ajuda durante toda a refeição (60)	13
144	* Mostra-se preocupado com irmãos e amigos (36)	12	HIGIENE 1 (171 -175) HIGIENE 2 (176 - 180)		
145	Conforta activamente irmãos e amigos (36)	13	170	Dá sinal quando está molhado ou com fezes (15)	1
146	Nomeia o melhor amigo (48)	14	171	Dá sinal antes de fazer (irritabilidade / vocalização) (18)	2
JOGO			172	Seco durante o dia (24)	3
147	Quando lhe é oferecida uma roca, agarra-a e abana-a para obter som (6)	1	173	Verbaliza a necessidade de ir à toilete em tempo razoável (24)	4
148	Encontra um objecto parcialmente escondido (6)	2	174	Geralmente seco durante a noite (30)	5
			175	Lava as mãos (36)	1
			176	Lava e seca as mãos e escova os dentes (48)	2
			177	Lava e seca mãos e cara, com competência (48)	3
			178	Veste-se e despe-se sózinho (s/ botões e fechos) (60)	4
			179	Veste-se e despe-se sózinho (incluindo botões e fechos) (60)	5
			PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES SOCIAIS DE AUTONOMIA		

* Estes itens são explicados nas instruções.

TESTE DE AVALIAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO

Folha do Perfil

(Adaptado de "Schedule of Growing Skills II")

Nome: _____ Nº de Processo: _____

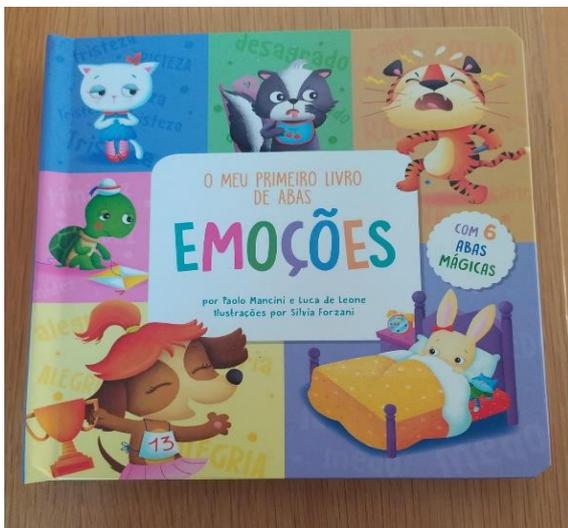
D.N.: ____/____/____ Idade: _____ Data da Observação: ____/____/____

Avaliação efectuada por: _____

Áreas											
Idade (meses)	Postura Passiva	Postura Activa	Locomoção	Manipulação	Visão	Audição e Linguagem	Fala e Linguagem	Interação Social	Autonomia	Cognição	Idade (meses)
60 m			20 19	28 27	20	21 20	22 21	24	23 22 21	34 33 32	60 m
48 m			18 17	26 25 24	19	19 18	20 19	23	20 19 18	31 30 29 28	48 m
36 m			16 15	23 22 21	18 17	17 16	18 17	22 21 20	17 16	27 26 25 24	36 m
30 m			14 13	20 19 18	16	15 14	16 15	19 18	15 14	23 22 21 20	30 m
24 m			12 11 10	17 16 15	15 14	13 12	14 13 12	17 16	13 12 11	19 18 17 16	24 m
18 m			9 8 7	14 13 12	13	11 10	11	15 14	10 9 8	15 14 13 12	18 m
15 m			6 5	11 10	12	9	10 9 8	13 12 11	7 6	11 10 9	15 m
12 m		12	4 3	9 8	11 10	8 7	7 6	10 9 8	5 4	8 7 6	12 m
10 m		11 10	2 1	7	9	6	5	7	3	5 4	10 m
8 m		9 8 7		6	8	5	4	6	2	3 2	8 m
6 m	9 8 7	6 5 4		5 4	7 6	4 3	3	5 4	1	1	6 m
3 m	6 5 4	3		3 2	5 4	2	2	3 2			3 m
1 m	3 2 1	2		1	3 2		1	1			1 m
0 m		1			1	1					0 m
Áreas	Postura Passiva	Postura Activa	Locomoção	Manipulação	Visão	Audição e Linguagem	Fala e Linguagem	Interação Social	Autonomia	Cognição	
*Qualidade											

* Use um "X" para indicar preocupação relativamente à qualidade da performance.

Anexo III- Livro para aprender a ler as emoções



Anexo IV- Certificado de Qualificações da formação modular



Certificado de Qualificações

Formação Modular

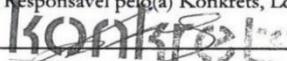
(Portaria n.º 283/2011, de 24 de outubro)

Certifica-se que Carolina Ribeiro Simões, natural de Coimbra, nascida em 10/09/1997, com o N.º de Cartão de Cidadão 14844250 1ZX8 válido até 28/05/2022, concluiu com aproveitamento, em 12/05/2021, no(a) Konkrets, Lda, a(s) seguinte(s) unidade(s) de formação de curta duração do Catálogo Nacional de Qualificações, com início em 17/03/2021.

Componente de Formação	Código	Unidades de Formação de Curta Duração	Carga horária
Tecnológica	9647	Intervenção pedagógica com crianças e jovens com necessidades educativas específicas	50

Lousã, 14 de junho de 2021

O(A) Responsável pelo(a) Konkrets, Lda


(Assinatura e selo branco ou carimbo)

NIF: 5097

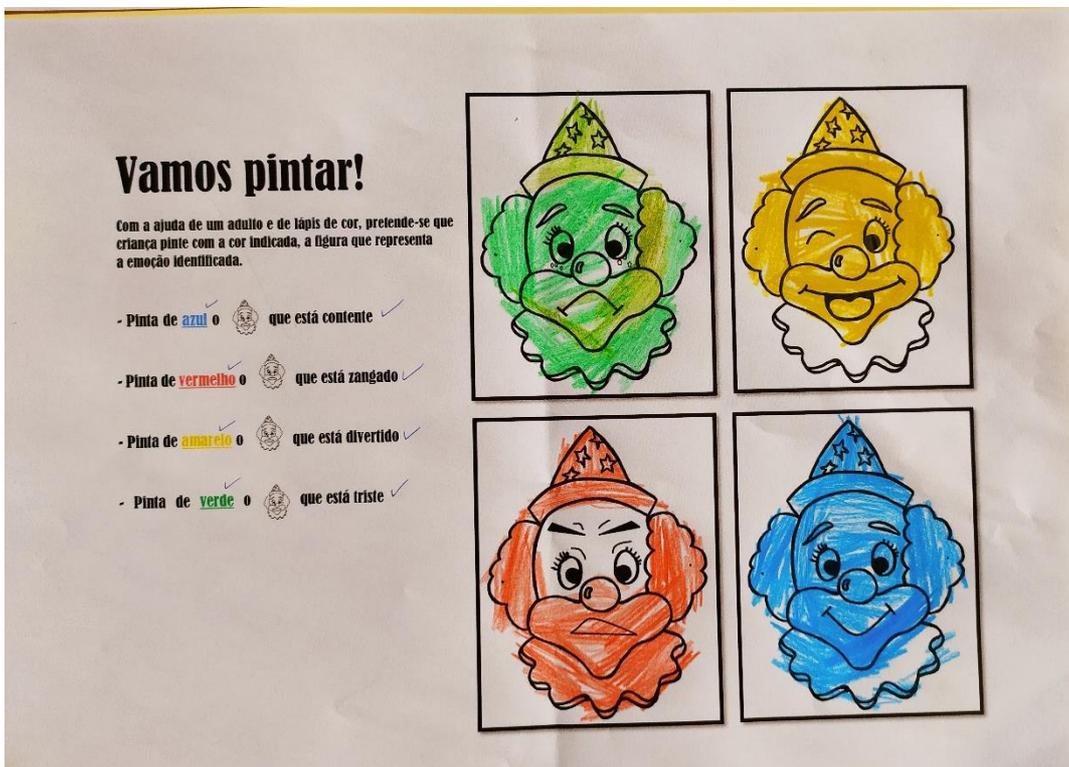
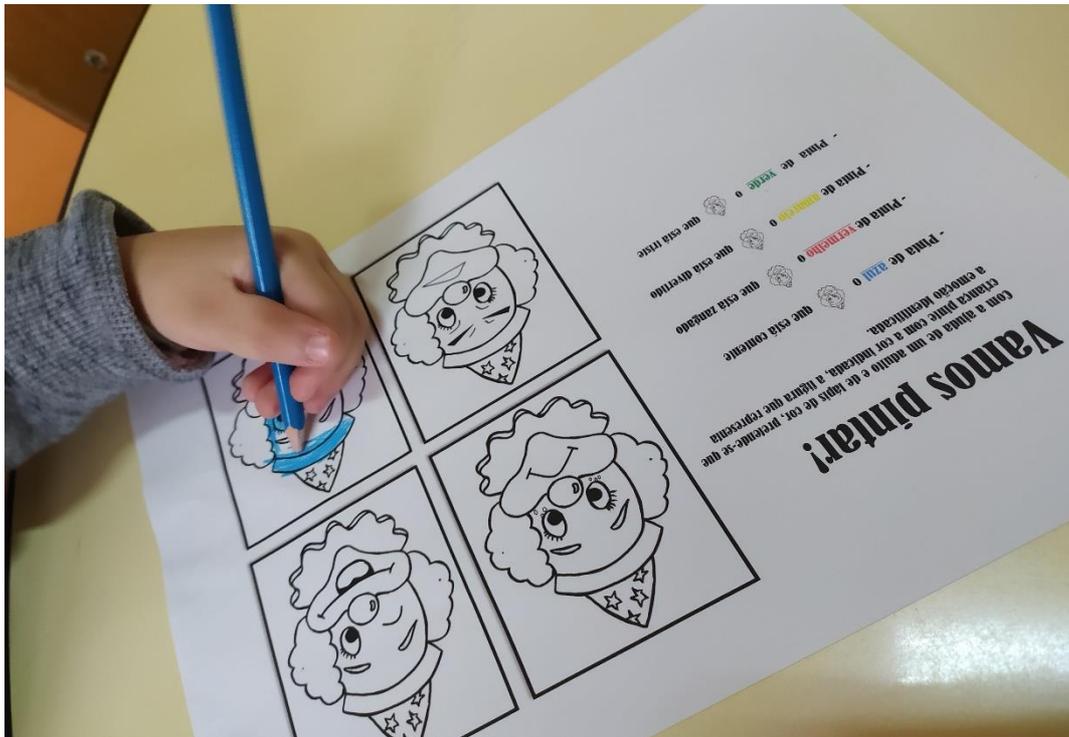
Certificado n.º 467/2021

Apêndices

Apêndice I- Dá cor às tuas emoções (planificação)

Tema	Dá cor às tuas emoções
Necessidade Identificada	A importância de conhecer e diferenciar as várias emoções e simultaneamente aplicar o conhecimento das cores.
Objetivo Geral	Distinguir as diferentes emoções
Objetivo Específico	Elaborar atividades que auxiliem no processo de autoconhecimento e descoberta
Implementação	Foi dada à criança uma folha que tinha quatro palhaços a representar diferentes emoções, cada criança tinha que associar uma das cores apresentadas a determinada emoção e depois pintar o palhaço conforme a cor que associou.
Recursos Humanos	Estagiária e Crianças do NP
Recursos Físicos	Instrumento produzido pela estagiária e lápis de cor.
Recursos Financeiros	Não se aplica
Duração	15 min.
Avaliação	A avaliação realizou-se no fim do estágio com o Questionário sobre a Satisfação e Avaliação do projeto bem como, através da observação direta no decorrer da atividade.

Apêndice II- Dá cor às tuas emoções (Fotografias)



Apêndice III- A caixa das maravilhas (Planificação)

Tema	A caixa das maravilhas
Necessidade Identificada	Valorizar e reconhecer aquilo que motiva a felicidade interior.
Objetivo Geral	Identificar a importância das competências emocionais.
Objetivo Específico	Reconhecer momentos/motivos para se sentir feliz.
Implementação	A Caixa das Maravilhas é uma atividade que envolve o desenho, a pintura e a comunicação. Numa folha está desenhado um baú vazio à espera que lhe sejam colocados no seu interior muitos tesouros. As instruções da atividade baseiam-se no desenho de cinco objetos, pessoas, sentimentos e/ou lugares que transmitam bem-estar e alegria.
Recursos Humanos	Estagiária e Crianças do NP
Recursos Físicos	Instrumento produzido pela estagiária, lápis de cor e caneta.
Recursos Financeiros	Não se aplica
Duração	20 min.
Avaliação	A avaliação realizou-se no fim do estágio com o Questionário sobre a Satisfação e Avaliação do projeto bem como, através da observação direta no decorrer da atividade.

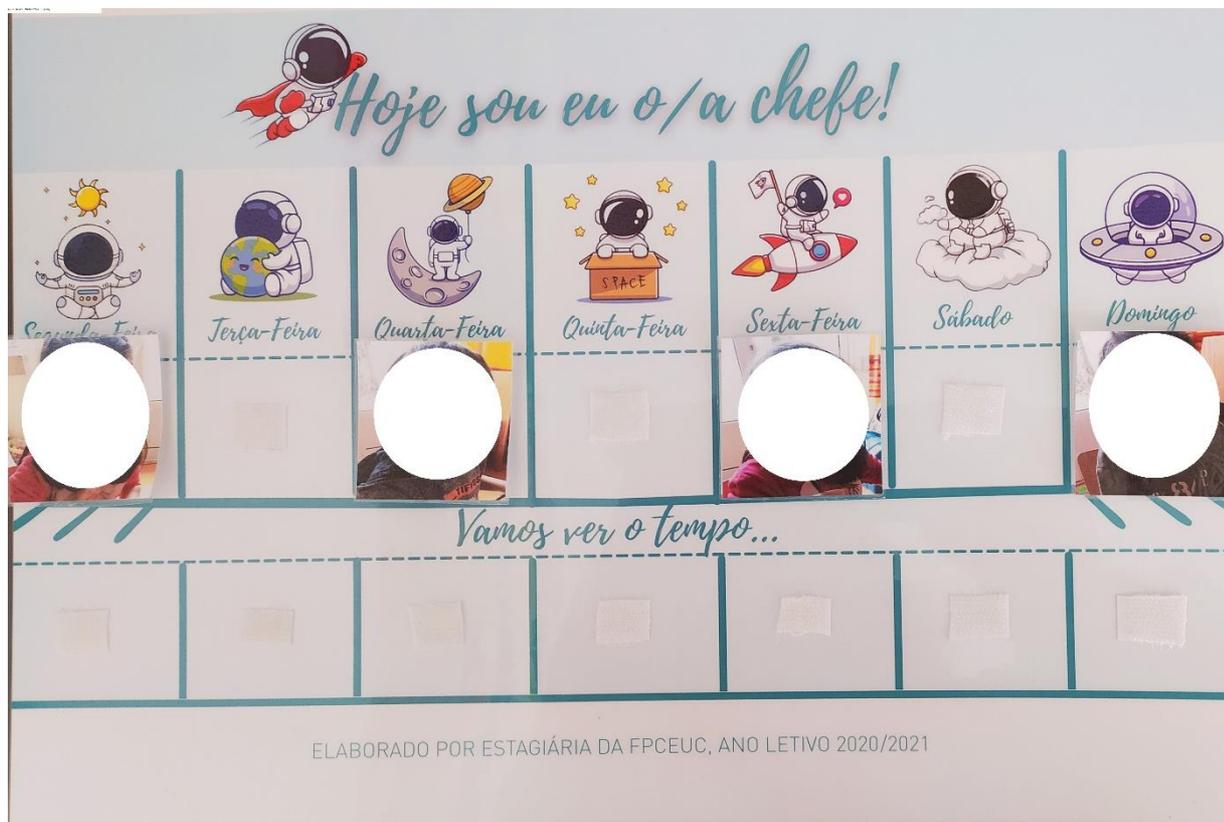
Apêndice IV- A caixa das maravilhas (Fotografias)



Apêndice V- Hoje sou eu o/a chefe (Planificação)

Tema	Hoje sou eu o/a chefe!
Necessidade Identificada	Reforço positivo para contribuir para uma autoestima saudável.
Objetivo Geral	Valorizar os comportamentos positivos.
Objetivo Específico	Aplicar reforços positivos para reduzir comportamentos desafiantes.
Implementação	Esta atividade foi consiste na elaboração de uma tabela organizada com os dias da semana e os estados do tempo. A cada dia corresponde uma fotografia da criança que é colada no respetivo dia, e assim sucessivamente. Em cada dia que a criança é seleccionada, é o/a chefe, essa condição implica que a mesma se envolva em várias tarefas propostas pela equipa técnica e educativa.
Recursos Humanos	Estagiária, equipa técnica e educativa e as crianças do NP.
Recursos Físicos	Instrumento produzido pela estagiária e velcro.
Recursos Financeiros	Não se aplica
Duração	Indeterminada. Só termina se a equipa técnica deixar de implementar.
Avaliação	A avaliação realizou-se no fim do estágio com o Questionário sobre a Satisfação e Avaliação do projeto bem como, através da observação direta no decorrer da atividade.

Apêndice VI- Hoje sou eu o/a chefe (Fotografias)



Apêndice VII- Sensações & Emoções: O sistema solar (Planificação)

Tema	Sensações & Emoções: O sistema solar
Necessidade Identificada	Estimulação dos sentidos e sensações.
Objetivo Geral	Desenvolver os diferentes sentidos e sensações.
Objetivo Específico	Criar um momento lúdico para estimulação dos sentidos e das sensações.
Implementação	A atividade consistiu numa apresentação com fantoches, em que foram construídos fantoches referentes ao tema do sistema solar e da natureza, tendo como objetivo criar um momento lúdico e simultaneamente de estimulação dos sentidos e das sensações, que nesta faixa etária revelam-se cruciais para o desenvolvimento cognitivo.
Recursos Humanos	Estagiária, equipa técnica e educativa e as crianças do NP.
Recursos Físicos	Cartão, tintas, colheres de pau, cartolinas, canetas e coluna de som.
Recursos Financeiros	Não se aplica
Duração	30 min.
Avaliação	A avaliação realizou-se no fim do estágio com o Questionário sobre a Satisfação e Avaliação do projeto bem como, através da observação direta no decorrer da atividade.

Apêndice VIII- Sensações & Emoções: O sistema solar (Fotografia)



Apêndice IX- Questionário sobre a Satisfação e Avaliação do Projeto

27/09/2021 15:45

Questionário sobre a Satisfação e Avaliação de Estágio

Questionário sobre a Satisfação e Avaliação de Estágio

No âmbito do estágio realizado, pretendemos recolher informações relativamente à satisfação com as atividades desenvolvidas no Ninho dos Pequenos.
As informações obtidas são única e exclusivamente para fins de avaliação do projeto de estágio. Salientamos ainda que as respostas são confidenciais, pelo que lhe pedimos que a sua resposta seja tão próxima da realidade quanto possível.
No final do questionário, encontra um campo opcional em que pode fazer comentários e/ou dar sugestões adicionais que considere relevantes.
O tempo de resposta ronda os 10 minutos.

Obrigada pela sua colaboração!

1. A estagiária revelou ser assídua e pontual.

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	Concordo totalmente				

2. A estagiária adequou-se à missão e valores da instituição.

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	Concordo totalmente				

3. A estagiária revelou interesse e envolvimento nas dinâmicas e atividades da instituição.

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	Concordo totalmente				

4. A criatividade foi um aspeto que esteve presente na realização das atividades.

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	Concordo totalmente				

5. Os materiais utilizados para a elaboração das atividades foram apelativos.

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	Concordo totalmente				

6. A estagiária adquiriu novos conhecimentos através da vivência das práticas profissionais.

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	Concordo totalmente				

7. A estagiária demonstrou capacidade de organização e gestão do tempo e definição de objetivos na execução das tarefas.

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	Concordo totalmente				

8. O projeto no âmbito da promoção de competências sociais e emocionais foi ao encontro das necessidades e interesses da população alvo.

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	Concordo totalmente				

9. No decorrer das atividades, sentiu que as crianças estavam motivadas para as realizar? De que forma foi possível ter essa perceção?

10. Qual o contributo para a instituição das atividades propostas pela estagiária?

11. Na sua opinião, quais foram os constrangimentos sentidos na realização do estágio?

12. Comentários/Sugestões

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

Apêndice X- Respostas/Resultados do Questionário sobre a Satisfação e Qualidade do Projeto

27/09/2021 15:19

Questionário sobre a Satisfação e Avaliação de Estágio

No decorrer das atividades, sentiu que as crianças estavam motivadas para as realizar? De que forma foi possível ter essa percepção?

As crianças revelaram motivação na medida em que tinham curiosidade pelos materiais e queriam participar na exploração dos mesmos.

Qual o contributo para a instituição das atividades propostas pela estagiária?

Contribuíram para a diversificação e enriquecimento do quotidiano das crianças, potenciando de igual forma o seu desenvolvimento.

Na sua opinião, quais foram os constrangimentos sentidos na realização do estágio?

Os constrangimentos inerentes à pandemia por Covid 19, que tornaram a frequência do estágio mais irregular.

Comentários/Sugestões

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

Apêndice XI- Atividade do Outono



Apêndice XII- Atividades de *Halloween*





Apêndice XIII- Atividades de S. Martinho (Planificação)

Tema	Dia de S. Martinho/Magusto					
Data	11 de novembro de 2020					
Local	Ninho dos Pequenitos					
Dinamizadores Responsáveis	Dra. Ana Luísa e Estagiária Carolina Simões					
Grupo-Alvo	Crianças acolhidas do Ninho					
Objetivo Geral	Comemorar o dia de S.Martinho					
Aprendizagem Fundamental	Não se aplica					
Atividade	Objetivos Específicos	Conteúdos	Métodos/ Estratégias	Recursos	Atividade das crianças	Avaliação
“Come as castanhas, mas guarda as cascas!”	<ul style="list-style-type: none"> Organizar os materiais de acordo com a atividade. Usar as cascas das castanhas assadas no magusto para colar no molde. 	Castanha	Participativo	<p><u>Humanos:</u> Educatriz social do Ninho; Estagiária do Ninho; Crianças acolhidas no Ninho.</p> <p><u>Materiais:</u> Folha com molde da castanha; Cascas das castanhas; Cola e lápis de cor.</p>	Após a realização do magusto, recolher as cascas das castanhas, para as colar no molde, decorando a gosto.	Avaliar a satisfação das crianças através da observação do decorrer da atividade.

Apêndice XIV- Atividades de S. Martinho (Fotografias)



Apêndice XV- Canção de Natal



Pinheirinho de Natal

Pinheirinho, pinheirinho
De ramos verdinhos
P'ra enfeitar, p'ra enfeitar
Lindos presentinhos (bis)

Uma bola aqui
Um laço acolá
Luzinhas que tremem
Que lindo que está!

Olha o Pai Natal
De barbas branquinhas
Traz o saco cheio
Cheio de prendinhas.

Pinheirinho, pinheirinho
De ramos verdinhos
P'ra enfeitar, p'ra enfeitar
Lindos presentinhos (bis)

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=CdEtcSGhNZ0>

Apêndice XVI- Atividade do Presépio de Natal



Apêndice XVII- Atividade da Árvore de Natal Angelical



Apêndice XVIII- Elaboração das decorações de Natal da Casa



Apêndice XIX- Planificação da Dramatização “Surpresa de Natal”

Tema	Dramatização “Surpresa de Natal”					
Data	18 de dezembro de 2020					
Local	Ninho dos Pequenitos					
Dinamizadores Responsáveis	Carolina Simões (Estagiária do Ninho)					
Grupo-Alvo	Crianças acolhidas do Ninho, equipa técnica e educativa					
Objetivo Geral	Proporcionar às crianças um momento de entretenimento					
Aprendizagem Fundamental	Não se aplica					
Atividade	Objetivos Específicos	Conteúdos	Métodos/ Estratégias	Recursos	Atividade das crianças	Avaliação
Dramatização da história “Surpresa de Natal”	<ul style="list-style-type: none"> Desfrutar do momento da dramatização; Aplicar a aprendizagem da canção de Natal. 	História da Bruxinha Cornélia: “Surpresa de Natal”	Expositivo	<p><u>Humanos:</u> Estagiária do Ninho; Crianças acolhidas no Ninho.</p> <p><u>Materiais:</u> Materiais construídos pela estagiária, acessórios (chepéu, vassoura e panela de bruxa e gorro de pai natal)</p>	As crianças assistem à dramatização, sendo que, participam na mesma com a canção aprendida.	Avaliar a satisfação das crianças através da observação do decorrer da atividade.

Apêndice XX- Dia da Festa de Natal



Apêndice XXI- Postal de Natal



Apêndice XXII- Atividade do Inverno



Apêndice XXIII- Atividade de Carnaval



Apêndice XXIV- Atividade “O *Big Bang*” (Planificação)

Tema	O <i>Big Bang</i>					
Data	25 de fevereiro de 2021					
Local	Ninho dos Pequenitos					
Dinamizadores Responsáveis	Dra. Ana Luísa e Estagiária Carolina Simões					
Grupo-Alvo	Crianças acolhidas do Ninho					
Objetivo Geral	Conhecer a origem do <i>Big Bang</i>					
Aprendizagem Fundamental	Como ocorreu o <i>Big Bang</i> e associar esse fenómeno ao surgimento do universo.					
Atividade	Objetivo Específico	Conteúdos	Métodos/ Estratégias	Recursos	Atividade das crianças	Avaliação
“Como é que o <i>Big Bang</i> aconteceu?”	<ul style="list-style-type: none"> Reproduzir o fenómeno através da imaginação. 	História do <i>Big Bang</i>	Participativo	<p><u>Humanos:</u> Educadora social do Ninho Estagiária do Ninho; Crianças acolhidas no Ninho.</p> <p><u>Materiais:</u> Folha branca, pincel, escova de dentes, tintas.</p>	Com tintas de diferentes cores as crianças devem fazer uma mistura utilizando o pincel e a escova de dentes, para que no fim fique o efeito de explosão.	Avaliar a satisfação das crianças através da observação do decorrer da atividade.

Apêndice XXV- Atividade “O Big Bang” (Fotografia)



Apêndice XXVI- Atividade de Aprender a Contar (Planificação)

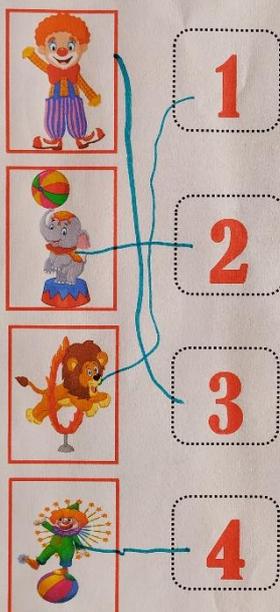
Tema	Aprender a Contar no Circo					
Data	9 de Março de 2021					
Local	Ninho dos Pequenitos					
Dinamizadores Responsáveis	Carolina Simões (Estagiária do Ninho)					
Grupo-Alvo	Crianças acolhidas do Ninho					
Objetivo Geral	Estimular a aprendizagem dos números e da contagem					
Aprendizagem Fundamental	Associação número-quantidade					
Atividade	Objetivos Específicos	Conteúdos	Métodos/ Estratégias	Recursos	Atividade das crianças	Avaliação
“Vamos aprender a contar no Circo?”	<ul style="list-style-type: none"> Praticar a contagem; Relacionar os números com as quantidades. 	Números e quantidades	Participativo	<p><u>Humanos:</u> Estagiária do Ninho; Crianças acolhidas no Ninho.</p> <p><u>Materiais:</u> Recursos produzidos pela estagiária e caneta.</p>	Contar as figuras e posteriormente relacionar ao número de vezes em que se repete.	Avaliar a satisfação das crianças através da observação do decorrer da atividade.

Apêndice XXVII- Atividade de Aprender a Contar (Fotografias)



Vamos contar?

- Com a ajuda de um adulto e de um lápis/caneta, pretende-se que a criança associe a figura ao número de vezes que aparece na imagem anterior.



Apêndice XXVIII- Postal do dia do Pai



Apêndice XXIX- Atividades da Páscoa



Apêndice XXX- Atividade para a Campanha do Laço Azul



Apêndice XXXI- Atividade da Primavera



Apêndice XXXII- Postal do dia da Mãe



Apêndice XXXIII- Atividade do Sistema Solar (Planificação)

Tema	Sistema Solar					
Data	25 de maio de 2021					
Local	Ninho dos Pequenitos					
Dinamizadores Responsáveis	Dra. Ana Luísa e a Estagiária Carolina Simões					
Grupo-Alvo	Crianças acolhidas do Ninho					
Objetivo Geral	Conhecer os planetas do Sistema Solar					
Aprendizagem Fundamental	Planetas					
Atividade	Objetivos Específicos	Conteúdos	Métodos/ Estratégias	Recursos	Atividade das crianças	Avaliação
O sistema solar “Vamos conhecer os planetas?”	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer os planetas e os seus respetivos nomes; Distinguir os planetas e a sua ordem. 	Os planetas do Sistema Solar	Expositivo e participativo	<p><u>Humanos:</u> Estagiária do Ninho; Crianças acolhidas no Ninho.</p> <p><u>Materiais:</u> Recursos produzidos pela estagiária (cartolina, tecido, Velcro, canetas e cola), computador e coluna de som.</p>	Assistir à breve apresentação de <i>power-point</i> e de seguida colocar os planetas no sítio correto identificando-os.	Avaliar a satisfação das crianças através da observação do decorrer da atividade.

Apêndice XXXIV- Atividade do Sistema Solar (PowerPoint)



Como foi criado o Sistema Solar?

- O sol e o Sistema Solar tiveram origem há 4,5 bilhões de anos, através de uma explosão que resultou da junção de uma nuvem de gás e poeira que girava ao redor de si mesma. Com ação do seu próprio peso, essa nuvem achatou-se, transformando-se num disco, e no centro formou-se o sol. Dentro desse disco, começou um processo de mistura de vários materiais sólidos, que, ao baterem uns contra os outros, deram origem a corpos cada vez maiores, formando assim os planetas. A este fenómeno deu-se o nome de *Big Bang*.



O que é o Sistema Solar?

- O Sistema Solar forma parte de uma galáxia que se chama Via Láctea e é o conjunto de corpos celestes. O sol é o seu astro principal. Esses corpos celestes são os planetas, os satélites, os cometas e os asteroides.
- O sistema solar é formado por 8 planetas que andam sempre à volta do Sol e têm uma ordem específica através do seu afastamento e características.



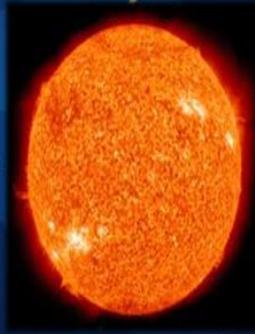


As características dos planetas do Sistema Solar distinguem-se através da sua composição, tamanho, localização, temperatura, e presença ou não de satélites.



O Sol

O Sol é a maior fonte de energia do sistema solar e a estrela mais brilhante, isso é o que mantém os planetas em órbita e sua luz e calor tornam possível a vida na Terra.



Mercúrio

De cor cinza, é o planeta mais pequeno do sistema solar e o que está mais perto do sol. É um dos mais brilhantes vistos da Terra e em grande parte é composto por ferro.



Vênus

De cor alaranjada, é o segundo planeta mais próximo do sol e um dos mais quentes. É o mais parecido com o nosso, o planeta Terra e por isso, é conhecido como irmão da Terra.

Um dia em Vênus é maior que um ano na Terra!



Terra

De cor azul e verde é assim o nosso planeta, o único em que é possível existir vida. É o terceiro planeta mais perto do sol e tem um satélite chamado lua.

É formado por rochas e ferro, e nele existe também água, gases e seres vivos (plantas, animais, pessoas...)



Marte

De cor vermelha, conhecido como o planeta vermelho, é também muito rochoso e rico em ferro.



Júpiter

O maior planeta do sistema solar, também conhecido como o gigante gasoso. Em tons de vermelho, laranja, castanho e amarelo e tem mais de 60 luas.



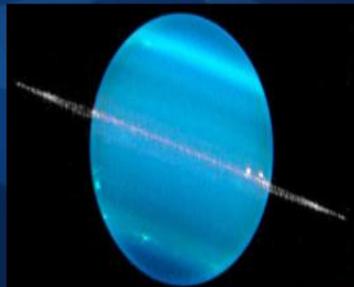
Saturno

O segundo maior planeta, em tons de laranja e amarelo, conhecido pelo seu conjunto de anéis que o rodeia. Estima-se que os anéis são em gelo por causa de brilharem muito e formados por rochas e asteróides.



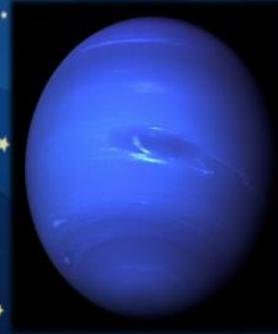
Urano

- Um dos mais recentes planetas, em tons de branco e azul claro, é um planeta muito frio e com pouca luz. Tem cerca de 27 luas e 13 anéis.
- Foi o primeiro a ser encontrado através de um telescópio.



Neptuno

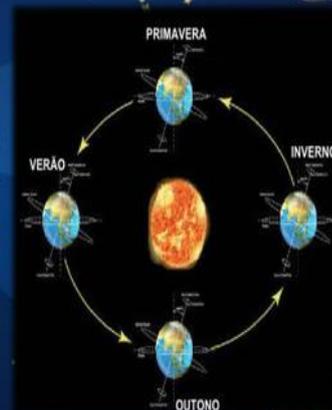
O último planeta a partir do sol e o último a ser descoberto, de cor azul, é também o mais frio e tem 13 luas.



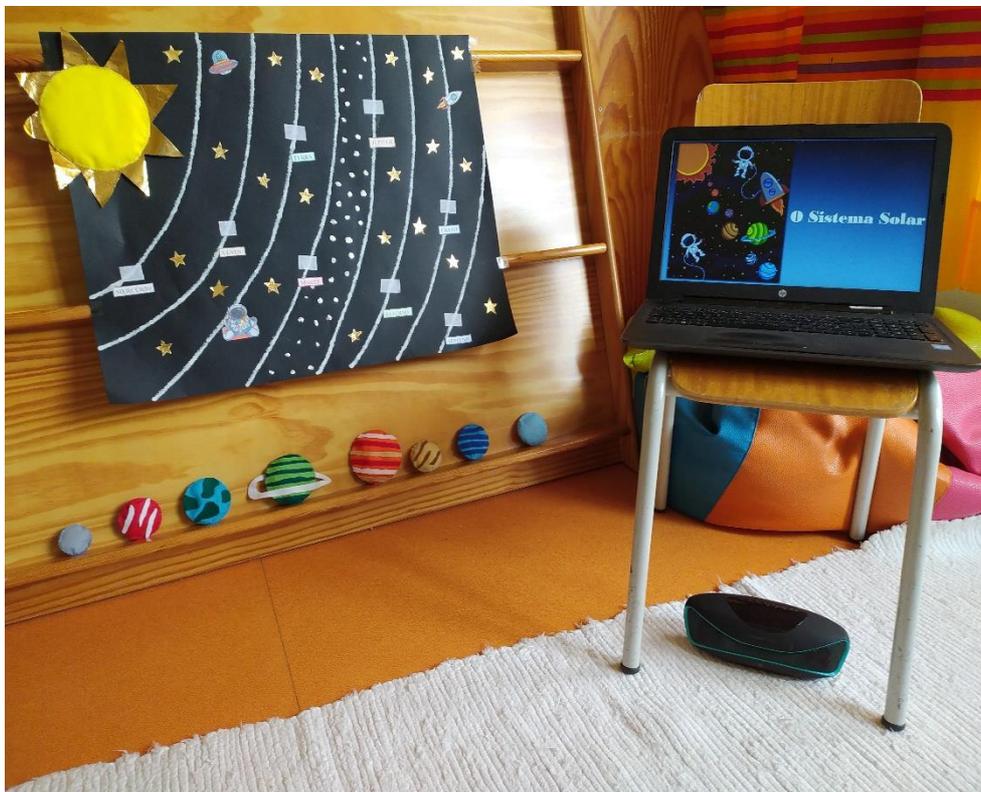
Como já vimos, os planetas giram à volta do sol, esse movimento chama-se **translação**, e é por causa disso que a duração do dia e da noite muda, e é também por isso que temos diferentes estações do ano (verão, outono, inverno e primavera).



Mas os planetas também giram à volta de si mesmos e a esse movimento chamamos **rotação**, e é devido a isso que a temperatura também se altera. Todos os planetas, fazem estes dois movimentos a velocidades e distâncias diferentes à volta do sol, por isso, é que por exemplo, um dia em Vênus é maior que um ano na Terra.



Apêndice XXXV- Atividade do Sistema Solar (Fotografias)



Apêndice XXXVI- O Mural: Panda e a Floresta



Apêndice XXXVII- Algumas atividades de estimulação

